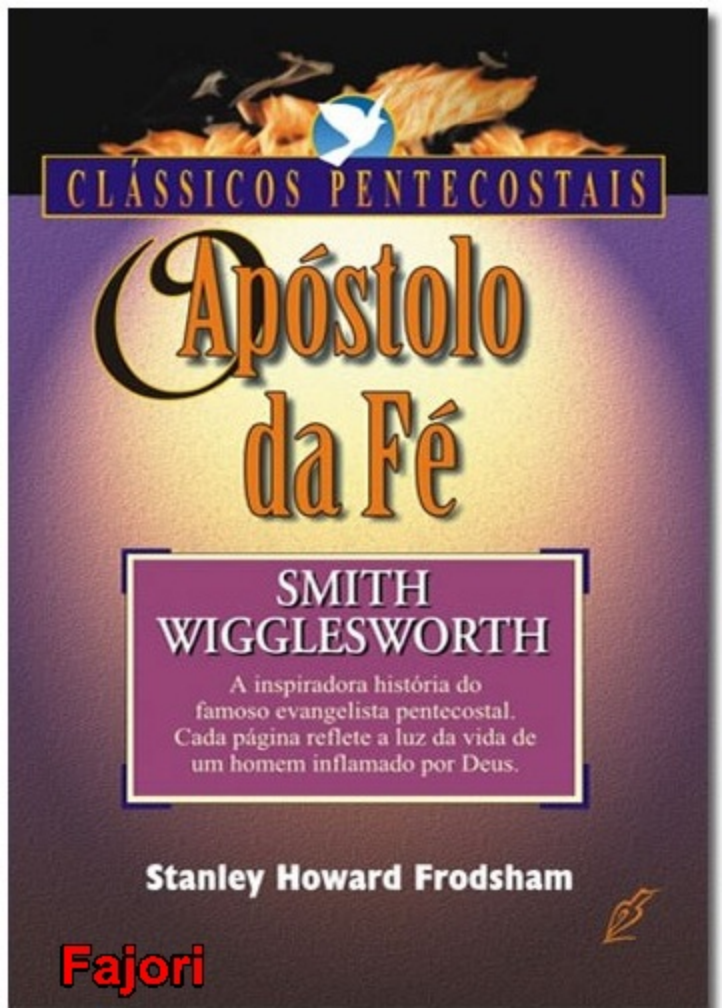

CLÁSSICOS PENTECOSTAIS
Apóstolo da Fé
SMITH WIGGLESWORTH
A inspiradora história do famoso evangelista pentecostal. Cada página reflete a luz da vida de um homem inflamado por Deus.
Stanley Howard Frodsham
Fajori


Smith
Wigglesworth

STANLEY FRODSHAM

SMITH WIGGLESWORTH

APÓSTOLO DA FÉ



Enriqueça sua Alma

Agradeço ao mui digno prefeito de Novo Hamburgo, sr. Atalíbio Antônio Foscarini e ao irmão e amigo professor ERNEST SARLET, que tem amado a causa do menor carente e a obra de Deus. Que o Senhor Deus os recompense e a seus familiares, com toda a saúde e felicidade que existe na terra e no céu.

Agradeço ao impressor Jorge, Ronei e Gladimir por sua dedicação.

Agradeço a todos os amados irmãos que tem orado pela impressão, por mim e meus familiares.

Dedico a minha querida esposa, meus amados filhos, minha querida mãe, a meu pai e meus irmãos.

JOEL SANTOS PEREIRA.

ENCHEI-VOS DO ESPÍRITO SANTO E DA SANTA PALAVRA DO NOSSO DEUS.

Ouvis as vozes chamando-vos para os alto da Graça Divina? Ascender montanhas é emocionante, embora, os altos de Hebron elevam-se diante de nós. Exploremos a nossa herança, não reclamada, nas regiões celestiais. Enchei-vos do Espítiro, isto é: Ficar embebidos do Espírito; tão embebidos que todos os fios do tecido da vossa vida recebam a côr do Espírito Santo. Então ao serdes maltratados e oprimidos, a vossa vida não emitirá nada a não ser a natureza do CRISTO. Deveis permanecer ensopados da Palavra de Deus; tão cheios dela, a ponto de servirdes como epístolas vivas, conhecidas e lidas por todos os homens. Os crentes são fortes sòmente na proporção em que a Palavra de Deus permanecer neles. É Espírito e é vida aos que a recebem com simplicidade e fé; vivifica a todos que cedem a sua influência. Entesourai a Palavra de Deus em vosso coração -e la salvará a vossa alma. Vivificará o vosso corpo e elimunará a vossa mente. A Palavra de Deus é completa, infalível, prática e moderna. Nossa atitude para com ela deve ser obedecer-lhe sem vacilar. A inatividade da fé é uma ladra que nos rouba a benção. Só se consegue aumentar capital e conhecimento, empregando o que possuimos e o que sabemos. Nossa vida deve ser, crescer de fé em fé.

SMITH WIGGLESWORTH.

UM HOMEM DE INVENCÍVEL CONPAIXÃO

As impressões que damos abaixo são da pena do irmão Lester Sumrall, e foram publicadas não muito depois da morte do irmão Wigglesworth:

"Estou na igreja em Wakefield, Yorkshire, de onde Smith Wigglesworth, apóstolo da fé, partiu desta vida para o céu. Antes do culto começar, desejo escrever uma palavra acêrca dêsse valente campeão da fé em Deus.

"A irmã Alice Wigglesworth disse-me, durante a convenção em Preston, que, na sua opinião, seu pai não morrera de qualquer causa natural. Quando ele entrou na igreja de Wakefield, para esperar o cortejo do pastor Richardson, perguntou acêrca de certa moça, por quem orara e que sofria de cancer. O irmão Wigglesworth tinha compartilhado os sofrimentos da moça, pela compaixão, ao ponto de esperar que ela estivesse curada. A irmã Salter me disse que, quando o pai da moça lhe disse que a filha não passava bem, o irmão Wigglesworth gemeu em espírito, baixou a cabeça e morreu.

"Tenho visitado muitos países onde o irmão Wigglesworth ministrara. O povo, invariavelmente, lembra-se dele como um homem de profunda compaixão. Amava aqueles que sofriam maior necessidade e, ao ouvir dizer que essa moça não fora curada, o fato esmagou o seu coração e morreu.

"O que o ministério da Igreja de Cristo carece mais hoje, provavelmente, é de homens que, de toda a alma e de todo o coração, se interessem em resolver os problemas do povo."

Smith Wigglesworth não escrevia diários da sua vida; o que se publica atualmente a seu respeito são apenas recordações de amigos, das maravilhosas obras que o Senhor operou por intermédio de Seu fiel e humilde servo.

Acrescentamos ao livro, como aparece em inglês, o capítulo: "O Segredo de Avivamento", o qual foi escrito pelo mesmo autor, Stanley Howard Frodsham, e foi transcrito do Pentecostal Evangel.

O. B.

ÍNDICE

Um Homem de Invencível Compaixão 3
"A Quem Honra, Honra" 7
"Primeiro a Erva" 9
"Uma Ajudadora Que Lhe Seja Idônea" 19
"Depois a Espiga" 29
"Revestidos de Poder do Alto" 43
Depois do Batismo 51
O Ministério de Curas 65
Em Trabalhos Muito Mais 85
Milagres na Austrália e Nova Zelândia 95
Visitas à Suíça e à Suécia 109
O Segredo de Sua Virtude Espiritual 121
O Desafiador 129
Livre de Avareza 141
O Grande Combate da Fé 147
Vida de Gozo 155
O Grão Cheio na Espiga 163
Ele Ainda Fala 167
O Segredo de Avivamento 173

"A QUEM HONRA, HONRA"

Smith Wigglesworth não somente testitificava sempre do que devia, pela graça de Deus, à sua maravilhosa esposa, mas mostrava-se igualmente grato por sua filha cuja dedicação era excepcional. Visitamos o lar dos Wigglesworth, pela primeira vez, em 1909, não muito depois de sua filha, Alice, iniciar a sua obra missionária na África. O pai falava, desde manhã até anoitecer, em "nossa Alice."

Depois da sra. Wigglesworth entrar no lar eterno, em 1913, Alice Wigglesworth, que depois se casou com Tiago Salter, preenchia, em grande parte, o lugar de sua mãe, viajando constantemente com o pai, por diversos países. A sra. Salter tem um ministério que inspira tanto quanto o de sua mãe, antes de falecer, e o sr. Wigglesworth constantemente animava-a a acender o coração dos santos, por meio de mensagens sob a unção do Espírito Santo, antes de ele mesmo proclamar a Palavra.

Repetidas vêzes Tiago Salter voltou sozinho para a obra missionária no Congo Belga. Trabalhava assim abnegadamente, sem a esposa, porque reconhecia quanto Smith Wigglesworth carecia do auxílio da filha, Alice. Outras vêzes o sr. Salter também acompanhou seu sogro nas suas viagens, para aliviá-lo de todos os problemas financeiros e ajudá-lo nas campanhas, inspirando o povo por

meio de suas inigualáveis mensagens sôbre a obra missionária.

É impossível avaliar quanto Smith Wigglesworth devia a esses dois fiéis auxiliares. De fato, o presente livro sobre a sua vida é, em grande parte, de material fornecido por eles. A autoria do livro, realmente, não é minha, mas de Tiago e Alice Salter.

STANLEY HOWARD FRODSHAM

Capítulo I

"PRIMEIRO A ERVA"

O ano de 1859 é conhecido como o ano do grande avivamento na Irlanda. Dois anos antes houvera um maravilhoso despertamento nos Estados Unidos. Realizaram-se cultos de oração em todas as maiores cidades do país, aos quais assistiam milhares de pessoas. Ao clamarem a Deus, o Espírito do Senhor operava poderosamente e calculava-se que, todos os meses, cerca de cento e cinqüenta mil almas passavam da morte para a vida O povo da Grã-Bretanha, ao saber do avivamento de 1857, nos Estados Unidos e do avivamento de 1859 na Irlanda, recebeu, também, o espírito de oração. Acendeu-se o fogo de avivamento em todo o país. Spurgeon pregava a enormes multidões, em Londres e, em todos os cultos, muitos dos ouvintes aceitaram a Jesus Cristo por seu Senhor e Salvador.

Em Gales, Christmas Evans se esforçava em uma gloriosa obra de evangelização. Os ouvintes, ao se converterem, eram tomados de tão grande gozo que dansavam nos cultos, sem Evans os proibir. Assim, dezenas de pecadores buscavam a Cristo, porque queriam o mesmo "gozo indizível e cheio de glória", que viam nos convertidos Ao mesmo tempo, muitos que assistiam aos cultos dos

Metodistas, na Grã-Bretanha, sentiram um "fogo ardente" no coração. Certo evangelista metodista, Guilherme Booth, foi usado em uma maneira singular. Em 1859 deixou os Metodistas para dedicar-se inteiramente à obra de evangelização entre as favelas na parte leste de Londres. Os pecadores mais abjetos foram transformados em santos dos mais conceituados, que proclamavam a Palavra em todo o país. Booth, depois, fundou o Exército de Salvação.

Foi nesse ano do avivamento de 1859, em um casebre humilde de Menston, Yorkshire, Inglaterra, que Smith Wigglesworth nasceu. Certo dia, em Riverside, Califórnia, onde estava pregando, pedimos que nos contasse a história da sua vida. Ele nos relatou a seguinte:

Meu pai era paupérrimo; trabalhava desde a madrugada ao anoitecer para ganhar o pão para minha mãe e os quatro filhos — três meninos e uma menina. Lembro-me de certo gélido dia de inverno. Meu pai aceitara um serviço empreitado, para cavar uma vala de um metro de profundidade e recebia três xelins e seis pences por metro. O intenso frio congelara a terra até torná-la dura como a pedra, e minha mãe sugeriu que meu pai esperasse até melhorar o tempo e a terra estivesse novamente fofa. Mas não havia comida em casa e meu pai começou a obra, cavando com a picareta. A geada penetrara no solo mais ou menos um metro, mas por baixo se encontrava o barro úmido. Ao lançar fora uma pá desse barro, baixou repentinamente um pintarroxo, enguliu uma minhoca e voou para o galho de uma árvore próxima, onde começou um cântico de louvor. Até essa altura meu pai estava desanimadíssimo, mas ao ouvir o doce cântico de ação de graças do

passarinho, recobrou alento e começou a cavar com as forças renovadas. Encantado, disse a si mesmo: "Se um pintarroxo pode cantar, assim, ao ganhar uma minhoca, por certo eu posso trabalhar como um pai, por minha boa esposa e quatro queridinhos."

Com a idade de seis anos empreguei-me para arrancar e lavar nabos na roça. Lembro-me de como minhas mãozinhas ficaram feridas, e como me doíam ao trabalhar, arrancando nabos de madrugada ao anoitecer, dia após dia.

Quando tinha sete anos, meu irmão e eu achamos emprêgo em uma tecelagem de lã de ovelhas. Meu pai, também, empregou-se como tecelão, na mesma fábrica. Desde então sentimos grande alívio em nossa casa, tornando-se mais fácil o pão cotidiano.

Meu pai gostava de passarinhos. Certa vez criava dezesseis, todos canoros, em gaiolas. Eu, como meu pai, interessava-me muito pelos passarinhos. Em todas as oportunidades procurava ninhos, para apreciá-los, e sempre sabia o lugar de oitenta a noventa. Certa vez achei um ninho cheio de avezinhas e somente por que pensava que os pais os tivessem abandonado, levei o ninho com os passarinhos para meu quarto. Não sei como, mas os pais acharam os filhinhos e entravam pela janela que estava aberta, para alimentá-los. Depois consegui atrair um tordo e uma calhandra para alimentar seus filhinhos no meu quarto.

Minha mãe era hábil costureira; fazia todas as nossas roupas, na maior parte, de peças usadas, que lhe eram dadas. Eu, geralmente, usava um sobretudo com mangas de dez a quinze centímetros de comprimento além do necessário, e achava isso muito aceitável no tempo de rigoroso frio. Nunca me esquecerei dos dias de frio, quando o sol nascia muito tarde e se punha muito cedo. Le-

vantava-me às cinco horas, no tempo frio, comia uma refeição frugal, andava três quilômetros até a fábrica, onde começávamos a trabalhar às seis. Trabalhávamos doze horas, diariamente, e várias vêzes eu disse ao meu pai: "Parece que o dia das seis às seis nunca há de findar!" Lembro-me de como êle respondia, com lágrimas nos olhos: "Mas sempre findará." Havia dias que pareciam meses.

Não me lembro do tempo em que não sentisse sede de Deus. Apesar de meu pai, e minha mãe, não conhecerem a Deus, eu sempre O buscava. Ajoelhava-me, na roça, e pedia que Ele me ajudasse. Pedia, especialmente, que me dirigisse aos ninhos de passarinhos e depois de orar parecia que tinha o instinto de ir diretamente a um ninho.

Certa vez, em caminho para a fábrica, sobreveio uma grande trovoada. Parecia-me, pelo espaço de trinta minutos, que estava envolto em fogo, enquanto o trovão rebombava e os relâmpagos rasgavam constantemente o céu. Eu era ainda muito novo, mas clamei, de coração, suplicando a Deus que me preservasse e Ele, na Sua graça, envolveu-me com a Sua presença. Apesar de estar rodeado de relâmpagos, em todo o caminho, e completamente molhado pela chuva, não senti medo de forma alguma; somente senti-me amparado no poder de Deus.

Minha avó, era Metodista da antiga escola, e me levava para as reuniões da sua igreja. Lembro-me que, certa vez, quando tinha oito anos de idade, no culto das sete horas da manhã, esses humildes crentes dansavam em redor de uma grande estufa no centro do templo, batendo palmas e cantando:

"Oh, o Cordeiro! O Cordeiro
Que derramou Seu sangue,
O Cordeiro do Calvário;

O Cordeiro que foi morto,
E que vive de novo
Para interceder por mim."

Quando bati palmas e cantei com eles, um conhecimento inconfundível do novo nascimento penetrou na minha alma. Olhei para o Cordeiro do Calvário. Cri que Ele me amava e que morrera por mim. Entrou em mim a vida, a vida eterna eu sabia que tinha recebido a nova vida de Deus Renasci. Vi que Deus nos quer tanto, que exige apenas o que é o mais simples e indispensável, isto é: "Crê somente." A experiência era tão real que, desde então, nunca duvidei da minha salvação

Mas faltavam-me as palavras. Eu meditava cada dia mais, mas quanto mais meditava tanto mais me faltavam as palavras par exprimir os pensamentos. Minha mãe, também, era assim Ela começava a falar, mas o que dizia era tão incompreensível que meu pai tinha de interrompê-la. dizendo: "Não, querida, deves começar novamente!" Era-lhe dificílimo exprimir os pensamentos Eu tinha a mesma dificuldade.

Contudo, eu gostava imensamente dos cultos, especialmente das reuniões em que todos os crentes testificavam do que o Senhor lhes tinha feito. Levantava-me para dar o meu testemunho, mas me faltava a língua para falar do que sentia nas profundezas da alma. Todas as vêzes rompia em choro, até que certo e memorável dia quando três anciãos que conheci intimamente, me cercaram enquanto eu chorava e me impuzeram as mãos. O Espírito do Senhor sobreveio-me e fui liberto, instantaneamente. Não somente cri, mas também podia falar.

Desde o tempo da minha conversão, esforçava-me para ganhar almas. A primeira pessoa que ganhei para Cristo, foi a minha querida mãe.

Ao completar nove anos de idade, eu era quase crescido como um homem e comecei a ganhar, na fábrica, o salário de adulto. Não era obrigatório, nesse tempo, ir à escola, e, por isso me criei sem instrução.

Meu pai queria que toda a família freqüentasse a igreja Episcopal. Ele mesmo não desejava assistir, mas gostava do pastor, com quem tomava cerveja. Meu irmão e eu cantávamos no côro dessa igreja; apesar de eu não saber ler, aprendi logo os hinos. Os rapazes do côro, com a idade de doze anos, eram confirmados pelo bispo. Mas eu tinha apenas nove anos quando êle me impôs as mãos. Lembro-me que, nessa ocasião, tive uma experiência semelhante a de quarenta anos depois, quando fui batizado no Espírito Santo. Fiquei ciente da presença de Deus em todo o meu corpo, não sòmente na ocasião do bispo impor-me as mãos, mas durante muitos dias. Depois do culto de confirmação ,os outros meninos continuaram a praguejar e a brigar. Admirei-me de que eu não fizesse mais como êles faziam.

Com treze anos de idade, mudamo-nos para Bradford. Freqüentei ali, a igreja Metodista e comecei a entrar em uma vida mais espiritual. A minha alma suspirava por Deus. Durante uma série de cultos para promover a obra missionária, sete rapazes foram escolhidos para falar. Eu era um dos sete e tinha vinte dias para preparar um discurso de quinze minutos. Durante os vinte dias vivi no espírito de oração. Ao começar o discurso havia muitos brados e "améns". Não me lembro do que disse, mas sei que me deixei possuir de um assombroso zelo de levar o povo a conhecer meu Salvador. Nesse tempo eu me ocupava em entrar em palestra com meus companheiros para levá-los a Cristo. Houve muitos revezes e repreensões. Anelava que êles participassem do grande

gozo que eu sentia, mas quase ninguém o aceitava. Isso era, para mim, um grande mistério. Acho que não trabalhava com muito jeito. Sempre levava comigo um Novo Testamento, apesar de saber ler muito pouco.

Quando tinha dezesseis anos de idade, o Exército de Salvação começou a trabalhar em Bradford. A convivência dêsse povo era-me uma delícia. Senti-me movido profundamente a orar e jejuar pela salvação das almas, e todas as semanas dezenas de pecadores entregavam seus corações a Cristo.

Na fábrica, onde eu trabalhava, havia um homem de Deus que era membro da denominação chamada Irmãos de Plymouth. Ele era encanador e me aceitou como aprendiz. Falou-me sôbre o sentido do batismo nas águas. Disse-me êle: "Se obedeceres ao Senhor nisso, Ele te abençoará muito mais". Obedeci de boa vontade a Palavra do Senhor, sendo sepultado com Êle na morte pelo batismo e ressuscitei do túmulo simbólico, das águas, para andar em novidade de vida. Isso foi um pouco antes de eu completar dezessete anos.

Foi esse mesmo bom homem que me ensinou o que a Bíblia diz acerca da segunda vinda do Senhor Jesus. Repetidamente, ao sentir que falhara em servir a Deus, eu me turbava com o pensamento da vinda do Senhor e de que eu não estaria pronto para encontrá-Lo. Em tais ocasiões era um grande alívio ir à fábrica e encontrar esse bom irmão, ainda na terra. Então sabia que o Senhor não tinha vindo durante a noite para levar os fiéis e não me deixara atrás.

Continuei com o Exército de Salvação, porque parecia que o poder de Deus operava mais no ministério desse povo. Costumávamos orar noites inteiras. Muitos dos crentes caíam como mortos sob o poder do Espírito; ficavam assim, às vêzes,

até vinte e quatro horas. Chamávamos a isso, nesse tempo, o batismo no Espírito. Os crentes do Exército de Salvação, antigamente, tinham grande poder em testificar e na vida cotidiana. Reuniamo-nos tôdas as semanas e concordávamos em pedir, com fé, cinqüenta ou cem almas, sabendo que Deus no-las daria. Infelizmente, muitos crentes agora se esforçam, não para ganhar almas, mas pelas manifestações carnais.

Eu recorria ao Senhor e Ele me ajudava, em tudo. Ao completar dezoito anos de idade, fui pedir emprego a certo encanador. Engraxei os sapatos duas vêzes, mudei de roupa e fui à sua casa. Ao pedir-lhe emprego, respondeu-me que não precisava mais de trabalhador. Mas antes de eu sair do portão, chamou-me e disse: "Você é diferente dos demais. Não posso recusar empregá-lo."

Mandou-me instalar o encanamento de água em uma carreira de casas. Isso completei em oito dias. O mestre estupefato disse: "Não é possível!" Mas foi verificar, achou tudo em perfeita ordem, voltou e disse que se eu continuasse na mesma marcha, não poderia achar serviço suficiente para eu ficar empregado.

Aos vinte anos de idade, mudei-me para Liverpool. O poder de Deus operava grandemente em mim. Anelava fazer algo para as crianças. Todas as semanas eu ajuntava dezenas de meninos maltrapilhos e famintos. Tinha um bom ordenado e gastava tudo, comprando comida para essas crianças. Reuniam-se nos galpões do cais e os cultos eram grandemente abençoados. Centenas foram salvos. Com um amigo, dedicamo-nos ao trabalho nos hospitais e nos navios. Deus abriu-me mais e mais o coração para com os pobres. Esforçava-me e gastava tudo com os desamparados, até não restar coisa alguma para mim. Jejuava e orava, todos os domingos, o dia inteiro; e todas

as vêzes eram salvas cinqüentas almas, ou mais, pelo poder de Deus, nas reuniões para as crianças, nos hospitais, nos navios e no Exército de Salvação. Eram dias de grande despertamento de alma.

Nos cultos do Exército de Salvação, o oficial que presidia, sempre queria que eu falasse. Não sei porque me pedia tal coisa, porque tôdas as vêzes eu tinha de chorar diante do auditório. Teria dado o mundo inteiro pela oportunidade de falar com mais eloqüência; mas, como Jeremias, era um homem de fonte de lágrimas. Porém o chorar, muitas vêzes, transformava o ambiente do culto para fazer o apêlo. Dou graças a Deus que o Senhor me conservava o coração quebrantado e o espírito contrito. É-me preciosa a lembrança do tempo que passei em Liverpool

Um pouco antes de completar vinte e três anos de idade, senti-me dirigido a voltar para Bradford, abrir uma oficina de encanador e trabalhar com o Exército de Salvação. Foi ali que encontrei a melhor moça de todo o mundo!

Capítulo II

"UMA AJUDADORA QUE LHE SEJA IDÔNEA"

No livro, "A Peregrina", João Bunyan nos apresenta certo homem, chamado sr. *Grande Coração,* que dirigia e guardava Cristã e seus filhos pelo caminho para a cidade Celeste. Chamamos, também, o herói da presente história, sr. Grande Coração; tinha um grande coração, cheio de amor e de lealdade para com o seu Mestre. Ouvimo-lo dizer em tantas ocasiões: "Não é Jesus maravilhosíssimo?" Smith Wigglesworth possuía, também, um grande coração de ternura para com os seus companheiros de peregrinação, especialmente para com os pobres e necessitados, para com os doentes e os que sofrem.

Êle nos disse certa vez: "Tudo que sou atualmente devo, pela graça de Deus, a minha preciosa espôsa. Oh, como ela era maravilhosíssima!"

Maria Featherstone, que Deus escolheu para ser "uma ajudadora que lhe seja idônea", era de uma boa família metodista. Seu pai era orador na campanha contra o álcool. Recusou a aceitar uma grande herança, porque consistia dos lucros de uma casa de bebidas; reconhecia que dinheiro ganho em destruir as almas dos homens não lhe serviria para o seu bem e não aceitou um centavo assim contaminado. Sua filha seguiu o exemplo

do pai em andar em justiça e santidade; sempre se mostrou ousada em proclamar as convicções do coração.

Nos seus dezessete anos, Maria Featherstone, a quem chamavam "Polly", foi aceita como aprendiz em certa chapelaria, para aprender a arte de enfeitar chapéus para senhoras. Achando esse ofício demasiado vaidoso deixou a cidade natal e o lar paterno em busca de fama e fortuna em Bradford. Mas o Senhor estava guardando a sua serva inexperiente, de todo o mal. Achou um lugar para morar em Bradford. Porém, ao chegar em frente à casa com a mala, encontrou-se com um conhecido que exclamou: "Oh, senhorita, não lhe convém morar nessa casa; é de má fama. Deixe-me mostrar-lhe uma casa em um bairro mais honrado. Então levou-a, em um taxi, para a casa de uma boa família."

Polly empregou-se em casa de uma das famílias de mais influência de Bradford. Certa noite, quando caminhava no centro da cidade, foi atraída, pelo tocar de trombetas e o ruído de tambor, a assistir um culto ao ar livre. O Exército de Salvação era uma novidade nesse tempo e ela contemplou tudo boquiaberta. Ao encerrar-se a reunião, os crentes marcharam pelas ruas de Bradford e ela disse a si mesma: "Para onde irão êsses tolos, tocando pelo caminho?" Seguiu-os até um velho teatro. Hesitou em entrar; criara-se com grande aversão a tais lugares. Mas, vencida pela curiosidade, olhou em redor para ver se estava sendo observada por alguém que a conhecesse, entrou apressadamente e foi sentar-se em cima, nos fundos da galeria.

O culto começou e o seu interesse aumentou ao ouvir os gloriosos hinos e o animado testemunho dos recém convertidos. A evangelista, Cigana Tillie Smith, pregou nessa ocasião. Era irmã do

famoso evangelista, Cigano Rodney Smith, então evangelista do Exército de Salvação. A pregadora, com grande poder, discursou sôbre Cristo. A jovem, na galeria, ansiava por conhecê-Lo e o poder de Seu sangue para limpar e purificar de todo o pecado. Ao fazerem o apêlo, Polly desceu do lugar mais distante da galeria e passou entre a multidão até chegar à frente. Ali insistiu em que a deixasse orar sòzinha, e rogou ao Senhor que lhe perdoasse os pecados. Depois Tillie Smith ajoelhou-se ao seu lado e a levou para conhecer o Senhor Jesus Cristo por seu Salvador. Certa, por fim, de que todos os seus pecados estavam perdoados, ela, de um salto, se levantou, atirou as luvas para cima e gritou: "Aleluia, está feito!"

Nosso *Grande Coração,* como chamamos a Wigglesworth, então jovem, também, assistia ao mesmo culto. Notou como a moça "orou até receber", e ouviu-a gritar: "Aleluia!" Smith Wigglesworth declarou depois: "Parecia que ela estivesse inspirada por Deus, desde o princípio." Era jovem de bela presença e, ao contemplá-la, trajando vestido simples, achou-a muito linda. Ao ouvi-la dar o seu primeiro testemunho, foi ainda mais atraído. Logo começou uma amizade íntima entre Polly Featherstone e o jovem Smith. A recém-convertida era muito ativa e avançava espiritualmente a largas passadas. A convivência com Tillie Smith, seu irmão Rodney e o comissário, irmão Lawley, resultou em o General Booth conceder-lhe uma comissão no Exército de Salvação, sem ela passar o período de preparação exigido dos demais.

Nosso *Grande Coração* fôra atraído ao Exército de Salvação pelo extraordinário ministério de ganhar almas e entregava-se de todo o coração à obra. Assim achou ali um meio de satisfazer o desejo que ardia no seu peito de ver os perdidos salvos. Foi com grande gôzo que presenciou a

transformação da vida de muitos homens e mulheres, pelo poder do Evangelho. Não sòmente isso, mas foi grandemente atraído pela presença de Polly nos cultos. Admirou-se ao ver o ardor e habilidade da jovem, tanto em participar dos cultos ao ar livre como dentro de casa. Os oficiais do Exército de Salvação, logo, reconheceram que os dois estavam atraídos um ao outro. Ela já era oficial e era contra os regulamentos do Exército um oficial mostrar interesse assim por um "soldado raso".

Certo dia, uma major do Exército foi à casa onde ela estava empregada a fim de saber se desejava acompanhá-la à Escócia, para iniciar uma nova obra em Leith. Polly concordou, arrumou a mala e as duas embarcaram; dentro de poucas horas estavam na Escócia.

Nos primeiros anos do Exército de Salvação, o povo "contribuía" generosamente com ovos chocos e verduras estragadas e as duas jovens do Exército tinham sempre de prestar toda a atenção para evitar tais projécteis. Certo dia Polly foi atingida por uma laranja "contribuída", repentinamente, cujo golpe lhe arroxeou um olho. Apesar de todos esses acontecimentos, ficou firme. Tinha uma voz que atraía o povo e continuou a cantar e testificar nos cultos ao ar livre. Nos apartamentos circunjacentes abriam as janelas e as portas para ouvirem os hinos e as mensagens das corajosas jovens do Exército de Salvação. O seu trabalho não foi em vão; Deus as abençoou, maravilhosamente, tanto na obra espiritual como no serviço social.

Enquanto trabalhavam em Leith, Polly interessou-se especialmente por uma recém-convertida que morava no quinto andar dum apartamento. Seu marido não a deixava assistir aos cultos. Mas ao chegar em casa, certo dia, encontrou Polly

orando com a sua espôsa e ameaçou-a de enjeitá-la, à fôrça, se continuasse a orar. Mais tarde encontrando Polly novamente orando com a espôsa, levantou-a nos braços e levou-a do quinto andar pela escada abaixo. A cada passo do homem, a jovem clamava a Deus: "Senhor, salva êste homem; salva a sua alma, Senhor." O homem praguejou loucamente, fazendo cada vez mais barulho, até chegar no andar térreo. Mas aconteceu que Polly teve o supremo gôzo de ouvir o homem ali mesmo clamar a Deus pedindo misericórdia! Juntos, ao pé da escada, os dois ajoelharam-se e a jovem levou aquêle homem ao Cordeiro de Deus cujo sangue purifica de todo o pecado.

Certo dia, em Leith, Polly foi chamada a comparecer perante os oficiais superiores do Exército de Salvação, para responder acêrca do interêsse que tinha em um "soldado raso". Não satisfeitos com as respostas da jovem, sugeriram que se ajoelhassem e que ela orasse. Depois disso resolveram desistir. Mas Polly sabia que certo rapaz de Bradford a amava de todo o coração e ela o amava também.

Ao regressar a Bradford, Polly, deixou de servir ao Exército de Salvação e uniu-se ao Exército de Fita Azul, um grupo então considerado ainda mais espiritual. Contudo permanecia amiga verdadeira do Exército de Salvação, hospedando, de vez em quando, os seus oficiais. Foi convidada, também, repetidas vêzes para pregar nas igrejas Metodistas. O poder do Espírito de Deus operava grandemente no seu ministério e muitas almas foram ganhas para Cristo.

Quando Polly contava vinte e dois anos, e o nosso *Grande Coração,* vinte e três, os dois se casaram. Muitos anos depois êle disse acêrca da espôsa: "Ela me ajudava grandemente na vida espiritual e me inspirava a seguir sempre a santidade.

Conhecia a minha ignorância e logo começou a ensinar-me a ler e escrever corretamente."

Falando outra vez, acerca da sua esposa, o nosso *Grande Coração testificou*: "Ela tinha grande êxito em ganhar almas. Eu a animava a continuar o ministério de evangelização, enquanto eu continuava a dirigir a oficina de bombeiro. Pesava-me na alma o abandono dos subúrbios de Bradford, onde não havia igreja. Alugamos um prédio e começamos a fazer cultos em um desses subúrbios. Antes de nos nascerem os filhos, sempre oramos por êles, "até receber", para que pertencessem a Deus.

Depois de nascerem, eu os levava para os cultos e cuidava deles, enquanto minha espôsa pregava. Eu mesmo não era propriamente pregador, mas sempre me ajoelhava ao lado dos penitentes para levá-los a Cristo. A obra dela era a de lançar a rêde, e a minha, a de levar os peixes em terra. Esta obra é tão importante como aquela."

Há biógrafos que gostam de embalsamar os seus heróis em mel. No livro de Provérbios 25:16, lê-se o seguinte: "Achaste mel? Come só o que te basta, para que não te fartes dêle, e não o vomites." Ao ler tais biografias sentimos tanta náusea que, depois de ler dois ou três capítulos, abandonamos a leitura. No presente livro, portanto, não queremos apresentar mel demais, porque o nosso herói era tão humano como os demais.

Aconteceu em Bradford que, certo inverno, o frio era intenso e as tempestades contínuas. Os bombeiros, depois durante um período de dois anos, não podiam atender a todas as chamadas para concertar calhas, torneiras e canos. Wigglesworth e os dois encanadores, seus empregados, trabalhavam de madrugada ao anoitecer. Andava tão preocupado e prosperava de tal forma que começou a abandonar os cultos. O coração esfriava mais e

mais para com Deus; mas quanto mais êle esfriava, tanto mais ardia o fogo divino no coração da sua espôsa. Seu zêlo de evangelizar não diminuiu, nem sua vida de oração sofreu qualquer abalo. O grande contraste entre o ardor da sua espôsa e a sua própria frieza servia para acentuar a queda espiritual dêle, o que o deixou ainda mais aborrecido. Por fim, a sua impaciência aumentou ao máximo. Sua espôsa chegara em casa, depois do culto, mais tarde do que de costume e Wigglesworth lhe disse: "Eu sou chefe aqui e não vou deixar você entrar outra vez se chegar tão tarde." Mas Polly retrucou, calmamente: "Sei que és meu marido, mas Cristo é meu Mestre." A contenda aumentou, mas ela venceu por seu otimismo. Riu-se tanto que êle foi forçado a rir também, e findou-se êsse episódio.

As espôsas, às vêzes, se os maridos se desviarem, mostram grande ressentimento e ficam muito insistentes. Mas tal não era a maneira de Polly Wigglesworth. Tinha um coração alegre e, apesar de arder com o fogo de Deus, tornava a hora da refeição em um período de descanso e divertimento. Assim ganhou novamente seu marido para o Senhor e para a vida de amor e zêlo para com Deus.

A fama de Polly Wigglesworth como ganhadora de almas espalhou-se até longe. Muitas vêzes foi chamada para erguer uma obra decadente ou para evangelizar onde outros fracassaram. Servia incansàvelmente em tudo que achava para fazer até mesmo em cuidar da sua numerosa família Ela, e seu marido, sempre se mostraram hospitaleiros; nunca se queixava quando êle chegava inesperadamente em casa acompanhado de alguém para almoçar ou jantar, nem mesmo quando convidava amigos para passar alguns dias em sua casa. Em tempo de convenções, grande número de

crentes se hospedavam com êles, mas ela nunca murmurou.

Wigglesworth tinha de ir a Leeds tôdas as semanas para comprar materiais para a sua arte de encanador. Certa vez ali assistiu um culto de curas. Êsses cultos tinham um cunho extraordinário de realidade e o Senhor se mostrou tão cheio de graça para curar que Wigglesworth procurava os doentes em Bradford e pagava-lhes a passagem a Leeds, onde lhes fizeram a oração da fé. No princípio nada disse a sua espôsa, receando que ela não concordasse com tal "fanatismo", como a maior parte dos crentes alcunhavam os cultos de curas, nesse tempo. Mas a espôsa ao saber o que êle fazia, foi também a Leeds, onde pediu que orassem para ela ser curada. O Senhor a curou quando fizeram a oração da fé. Desde então ela se esforçava tanto quanto êle em prol da cura divina.

A obra do Senhor em Bradford cresceu e foi necessário mudarem-se várias vêzes para prédios maiores, até que, por fim, conseguiram alugar um grande prédio na rua Bowland. Pintaram, na parede atrás do púlpito, representando um grande pergaminho, no qual havia estas palavras: "Eu sou o Senhor que te sara." Através dos anos muitas pessoas testificaram de curas que receberam pela inspiração dessa passagem das Escrituras.

Certa vez pregou na Bowland Mission, um irmão, cujo ministério Deus honrou com muitas curas. Depois do culto no domingo à tarde, foi convidado a merendar com a família dos Wigglesworth. Durante a refeição, Polly Wigglesworth fêz esta pergunta ao pregador: "Que acha de um homem que prega a cura divina para outros, mas recorre todos os dias aos remédios da farmácia, para si mesmo?"

"Acho que tal homem não confia perfeitamente no Senhor", respondeu o pregador. Depois da

refeição Wigglesworth disse ao pregador: "A minha espôsa, ao mencionar o homem que prega a cura para os outros e, ao mesmo tempo, toma remédios todos os dias, referia-se a mim." Mas, se o irmão quer firmar-se comigo sôbre a Palavra de Deus estou pronto a abandonar os remédios e a confiar em Deus para me curar." O pregador concordou e Wigglesworth depois, curado, testificou: "Provei que o Senhor é suficiente."

Polly Wigglesworth amava ao seu marido, até ao ponto de reprová-lo quando errava. Geralmente os maridos ressentem-se com a censura das suas espôsas, mas Wigglesworth a aceitava com sorriso. Lembrava-se de Davi, quando disse: "Fira-me o justo, será isso uma benignidade; e repreenda-me será um excelente óleo, que a minha cabeça não rejeitará." Salmo 141:5. Apesar de êle não levar, tôdas às vêzes, a repreensão à conta como devia, não há dúvida de que ela concorreu para transformar grandemente o caráter do marido.

No ofício de bombeiro, Wigglesworth ganhava muito dos comerciantes que vendiam bebidas, concertando as bombas que usavam para puxar cerveja das adegas. Para Polly, que guardava os livros das contas, nesse tempo, isso era uma abominação. Sabia que os empregados do marido recebiam bebida grátis enquanto trabalhavam em tais lugares. Finalmente ela prevaleceu sôbre o marido e êle, para o bem estar dos empregados, recusou-se a trabalhar para tais comerciantes. Apesar do grande prejuízo, Wigglesworth ficou firme nessa resolução.

Lê-se no Salmo 127: "Eis que os filhos são herança do Senhor." O Senhor deu aos Wigglesworth cinco filhos: uma menina, Alice, e quatro meninos: Sete, Haroldo, Ernesto e Jorge. O pai sentiu profundamente a ausência de Jorge quando êste foi a estar com Cristo, em 1915.

Capítulo III

"DEPOIS A ESPIGA"

"A minha alma te segue de perto" (Salmo 63:8), é a ardente exclamação do homem segundo o próprio coração de Deus. Essa foi sempre a atitude de Smith Wigglesworth, desde os primeiros dias da sua experiência de ser crente. Não é de admirar que o inimigo das almas se esforçasse tanto para sufocar a Palavra com os cuidados do mundo e a sedução das riquezas, durante os dois anos focalizados no capítulo anterior.

O Peregrino, de João Bunyan, aprendeu muitas lições na casa do Intérprete. Viu um fogo ardendo ao lado de um muro e um homem deitando água sôbre o fogo para extinguí-lo. Mas o fogo ardia ainda mais. Intérprete lhe explicou: "Êsse fogo representa a obra da graça no coração humano e quem quer apagá-lo é Satanás, mas o seu intento é baldado. Segue-me e saberás por que motivo êsse fogo arde cada vez mais forte, em lugar de se extinguir." Então Intérprete levou Peregrino para o outro lado do muro onde viu Cristo derramando constantemente o óleo da Sua graça sôbre o fogo.

Assim foi com o nosso *Grande-Coração*. Apesar do diabo conseguir apagar o seu ardor durante alguns meses, o óleo do Senhor foi derramado sôbre a chama quase apagada, em resposta às orações de

sua espôsa. Assim Smith Wigglesworth saiu da provação, ardendo como uma chama de fogo, que, durante sessenta anos, ardia e brilhava cada dia mais. Mas deixemos que êle continue a sua própria história:

Deus fêz a minha alma arder na obra de ganhar almas. Esforçava-me todos os dias para levar alguém a Cristo. Procurava, por todos os meios, entrar em palestra com qualquer pessoa sôbre o assunto da sua salvação. Certa vez, esperei uma hora e meia pedindo a Deus que me dirigisse na obra. A estrada estava cheia de transeuntes, mas permaneci suplicando: "Senhor, dirige-me ao homem que Tu já escolheste." Depois de algum tempo fiquei um pouco impaciente no meu espírito, e disse: "Senhor, não tenho muito tempo para desperdiçar." Mas para Deus não era tempo gasto sem proveito. Depois de uma hora e meia, passou um homem numa carroça. O Senhor falou-me, assim como falou a Filipe, quando o mandou correr atrás do carro do Eunuco da Etiópia. Subi e assentei-me ao lado do homem e logo estávamos conversando sôbre a salvação da sua alma. Mal-agradecido, o homem resmungou: "Isso é de sua conta? Qual é a razão de escolher a mim para falar sôbre tal assunto?"

Comecei a pensar que talvez eu me enganasse. Olhei para o Senhor e disse: "É êste o homem que escolheste, Senhor?" Êle me respondeu: "Sim, é êsse mesmo." Assim continuei, rogando-lhe que entregasse a sua vida a Cristo. Por fim as lágrimas correram-lhe pelas faces e compreendi que Deus lhe abrira o coração para entrar a semente da Sua Palavra. Depois de ter a certeza de que a obra de graça foi completa, saltei da carroça e o homem seguiu o seu caminho.

Foi três semanas depois que a minha mãe me disse: "Smith, falaste a um homem sôbre a sal-

vação?" — "Isso sempre faço, todos os dias, Mãe." — "Bem, visitei um homem ontem à noite. Estava moribundo; tinha passado três semanas acamado. Perguntei-lhe se queria que alguém fôsse orar com êle Respondeu-me que a última vez que esteve fora de casa, um jovem subiu e sentou-se com êle na carroça; acrescentou que respondeu grosseiramente, mas o moço persistia até que Deus o convenceu dos seus pecados e o salvou." Minha mãe continuou: "Foi a última vez que o homem esteve fora de casa. Faleceu ontem à noite. Ao descrever o jovem que lhe falara sôbre a salvação, compreendi, pelo que disse, que foi você."

Eu costumava sempre, quando ia a qualquer parte, procurar alguém para lhe falar acêrca do Senhor. Certa vez fiz uma viagem, de dez dias, de bicicleta, com um irmão. Todos os dias conseguimos levar três almas ao Senhor, para serem salvas. No meu ofício de bombeiro tinha a oportunidade de entrar em palestra íntima com muitas pessoas fora do alcance de um pregador profissional. Sempre trabalhei em meu ofício em comunhão com Deus, e procurava testificar dÊle em todo o lugar onde eu andasse.

Certo homem, quando veio residir em Bradford, pediu a um comerciante que o apresentasse a um bombeiro experiente. O comerciante respondeu: "Posso apresentar-lhe, se o senhor puder suportar a sua religião. Se o chamar como bombeiro, terá de aceitá-lo, também, como pregador. Êle não trabalha sem pregar, ao mesmo tempo." O homem respondeu: "Não faz mal, estou pronto a experimentá-lo." Êle me disse, depois, que ficou muito alegre por me chamar para o serviço, porque o meu testemunho acêrca do Senhor fôra-lhe uma grande bênção.

Eu sempre tive bom êxito na minha profissão de encanador, mas não gostava de cobrar dos que

se atrasavam em pagar as contas. Porém todos os sábados tinha de pagar os meus empregados. Sempre foi minha crença que Deus me deixava sentir falta de coisas necessárias, pois, assim, quando Êle me abria a porta e supria o que faltava, a minha fé era fortalecida. Certa vez, quando precisava de dinheiro para pagar os empregados, orei ao Senhor: "Senhor, não tenho tempo para ir buscar dinheiro. Mostra-me onde posso adquirir o dinheiro para pagar os empregados." Respondeu-me o Senhor: "Vai ao sr. Bishop". Eu ouvira dizer que o sr. Bishop não pagava suas contas a não ser que o credor levasse o caso perante a justiça. Mas o Senhor me tinha dito que fôsse ao sr. Bishop; eu sabia que Êle tomaria o caso nas Suas mãos, e assim fui.

Ao entrar pelo portão, encontrei-me com a sua espôsa que saía acompanhada de outra senhora. Eu esperava ver a sra. Bishop, pensando que ela seria mais capaz de pagar do que o seu marido. Estava a ponto de lhe falar sôbre o assunto, mas lembrei-me de como Deus me enviara a falar ao sr. Bishop. Assim passei, sem demora, para a porta da cozinha. Uma criada atendeu, à minha chamada, e me informou que o sr. Bishop estava fora da cidade e só voltaria depois de três semanas. Mas eu respondi-lhe: "Não posso compreender isso", ao que ela retrucou: "Por que não compreende? O senhor parece estar perturbado". Respondi-lhe então: "Estou muito perturbado. Tenho de pagar os homens amanhã e não tenho dinheiro. Depois de orar ao Senhor, Êle me dirigiu para cá. Sinto muito em saber que o sr. Bishop está fora e não voltará senão daqui a três semanas." A criada perguntou: "Qual é a importância que êle lhe deve?" Ao responder que êle me devia vinte libras (Cr$ 2.200,00), ela foi buscar o dinheiro. Quando recebi a importância exata, perguntei-lhe: "A se-

nhora tem costume de pagar as contas de seu patrão?" Respondeu-me que não. Ora, eu sabia que o Senhor me dissera, na noite anterior, que eu fôsse a essa casa às nove horas. A criada disse-me que foi nessa mesma hora que a patroa lhe pagara o ordenado e que sentia-se impulsionada a tirar o dinheiro do seu ordenado para me pagar. Perguntei-lhe mais: "Mas qual é a razão da senhora proceder assim?" A resposta foi esta: "Não posso deixar o senhor voltar sem o dinheiro, mas a razão não sei." Deus, assim, mostrou-me como podia tornar possível o que é impossível aos homens. Tais acontecimentos serviam para criar em mim um coração pleno de fé.

Certa manhã, ao rodearmos a mesa, minha espôsa disse: "Haroldo e Ernesto estão muito doentes, hoje. Antes de comermos quero que oremos por êles. Imediatamente o poder de Deus caiu sôbre mim e minha espôsa, e, ao impormos as mãos sôbre os dois filhos, êles foram curados, instantâneamente. Ficamos cheios de indizível gôzo ao ver o milagre operado diante de nossos olhos. O Senhor era sempre muito bondoso em manifestar-se como o Médico de nossa família.

Nesse mesmo dia fui trabalhar em certa residência onde havia vários empregados. Levei comigo, também, um rapaz que trabalhava como aprendiz. Notei que a dona da casa estava muito perturbada. Ela entrou no quarto onde eu trabalhava, olhou para mim e saiu. Logo a seguir voltou, pedindo-me que mandasse sair o aprendiz. Respondi que ia mandá-lo buscar um cano. Logo que o moço saiu, ela me perguntou: "Diga-me, por favor, ó diga-me: qual é a razão do seu rosto demonstrar um gôzo tão maravilhoso?" Respondi-lhe assim: "Bem, hoje, na hora do desdejum, dois de nossos filhos chegaram à mesa muito doentes. Eu e minha espôsa oramos por êles e Deus os curou,

imediatamente. Fiquei cheio de grande gôzo ao ver o que o Senhor fizera e o mesmo gôzo ainda permanece em mim." Ela disse-me então: "Diga-me, como posso ter a mesma paz? Na nossa casa há só contendas. Meu marido saiu de casa, hoje, quando contendiamos. Diga-me, pois, como posso adquirir a mesma paz, sossêgo e gôzo que o senhor tem." Contei-lhe não sòmente como o Senhor me salvara, mas como salvara também a minha espôsa. Testifiquei, também, de como o poder de Deus operava em nossa casa, suprindo tudo quanto carecíamos, dando-nos paz e gôzo. Ela então suplicou: "Ó, o senhor pode me ajudar?" Respondi-lhe que podia ajudá-la ali mesmo.

Ela receava que entrasse a criada; por isso trancou a porta e conservou a mão na chave, para não deixar ninguém entrar e interrompê-la. Assim, enquanto ela segurava a chave o Senhor a salvou, e logo começou a regozijar-se, sentindo a certeza do perdão de todos os seus pecados. Depois a senhora perguntou-me: "Como posso conservar a alegria?" Respondi-lhe que para isso devia testificar a tôdas as suas conhecidas de como o Senhor a salvara e convidá-las a orarem juntas.

Êsse foi o ministério que o Senhor me concedeu durante todos os anos em que eu trabalhei na minha profissão de bombeiro. Sentia profundo gôzo em conduzir muitos homens e mulheres a Cristo, enquanto eu trabalhava na minha profissão e testificava. O Senhor tinha um alvo quando me conservava embaraçado financeiramente. Apesar de sempre prosperar, quase nunca tinha em mão o dinheiro de que precisava.

Lembro-me de que certo dia orei, como era meu costume, pedindo ao Senhor que me mostrasse onde podia receber o dinheiro que necessitava. O Senhor respondeu-me que devia pedir um vale ao arquiteto. Eu estava trabalhando na obra de certo

arquiteto e fui logo falar com êle, explicando que precisava de dinheiro. "Mas, por conta de qual obra?" perguntou-me êle. "Por conta da instalação de aquecedores em Osletgate", respondi-lhe: "Ora, o senhor apenas iniciou essa obra", retrucou êle. "Não importa, a obra está terminada", respondi-lhe. O serviço fôra feito numa série de casas. "Não faz mais de oito dias que lhe encomendei êsse serviço, portanto sei que não está pronto", objetou êle. Mas eu respondi-lhe: "Quando o senhor me encomendou essa obra foi nas condições que eu a fizesse sem demora, e por isso está pronta." "Mas como podia o senhor terminá-la em tão pouco tempo?" Expliquei-lhe que trouxe todos os operários das outras obras e nos esforçamos até completá-la." O homem duvidando, pegou no chapéu e disse: "Vou ver se está pronta." Fomos juntos e ao ver a obra terminada, ficou satisfeito. Depois disse-me êle: "É uma maravilha; era isso justamente o que queríamos." Assim fêz um vale com o qual receberia o dinheiro.

Uma coisa foi receber o vale; outra coisa foi receber o dinheiro. Saí, rumo ao escritório do patrão. Pelo caminho vi em uma janela um cartaz com êste texto das Escrituras: *Confiai no Senhor perpètuamente*. Segui o meu caminho, dizendo a mim mesmo que tudo sairia bem porque eu confiava no Senhor. Ao chegar ao escritório, entreguei o vale ao caixa. Era um sábado pela manhã e o homem gritou, mais alto do que eu posso gritar, dizendo: "O senhor não receberá um centavo, aqui! O senhor não receberá um centavo aqui! O senhor não receberá um centavo aqui! Aqui sòmente pagamos em certos dias do mês; digo-lhe, o senhor não receberá um centavo, aqui!"

Gritou tão alto que o julguei louco. O patrão apareceu à porta, atrás dêle, e perguntou: "Que há aqui?" Respondi-lhe: "Meu senhor, eu não sei.

Entreguei a êste homem um vale para receber dinheiro e eu não sei porque grita tanto." Compreendi então que o Senhor fêz o homem gritar assim para atrair o patrão, que estava em outro prédio. O patrão leu o vale e disse ao caixa: "Pague o dinheiro a êsse senhor e se você gritar outra vez assim, perderá o seu emprêgo."

Saí do escritório com o dinheiro e segui rua afora, louvando ao Senhor. Ao passar pela casa onde vira o cartaz com o versículo das Escrituras, entrei e perguntei qual o preço. Comprei-o e tornou-se grande bênção para mim, pois tôdas as vêzes que a lia lembrava-me de *confiar no Senhor perpètuamente*.

Sendo que eu era o patrão, estava livre para sair a qualquer hora a fim de atender as chamadas dos doentes ou necessitados. Tôdas as semanas eu ia a Leeds para assistir os cultos onde ensinavam a cura divina. Mas no meu espírito eu censurava êsses crentes e os julgava com dureza. Não compreendia porque tantos dêles usavam de óculos, enquanto ensinavam a cura divina. Mas depois, eu, também, tive de usar óculos para ler a Bíblia, e outros me censuravam por isso. Contudo sentia-me movido de compaixão pelos enfermos e necessitados e comecei a ajuntar um grupo dêles e levá-los a Leeds, tôdas as têrças-feiras, pagando-lhes as passagens. Certa vez, levei nove. Um dos líderes em Leeds, ao olhar pela janela, vendo-nos chegar, disse: "Aqui vem Wigglesworth trazendo outro grupo. Se êle deveras soubesse, êle poderia conseguir a cura para todos com tanta facilidade em Bradford como aqui em Leeds."

Os irmãos em Leeds reconheciam o meu interêsse e a minha compaixão pelos doentes, e certo dia me disseram: "Nós vamos à convenção em Keswick e queremos deixar alguém encarregado da obra durante a nossa ausência. Não há outra pes-

soa além do irmão para assumir o cargo." Respondi-lhes que nem ao menos sabia presidir um culto de cura divina. Mas êles insistiram em dizer que não havia outra pessoa para convidarem a tomar conta. Lembrei-me então de que quase todos os crentes gostavam de falar; portanto, eu apenas teria de dirigir a reunião. Na semana seguinte, quando cheguei, o salão estava repleto. Naturalmente, a primeira coisa que fiz, foi procurar alguém para falar, mas todos recusaram dizendo que eu tinha sido escolhido e devia assumir o cargo. Portanto fui obrigado a começar a falar. Não me lembro do que falei, mas lembro-me de que quinze doentes avançaram até à frente para receberem cura, depois de acabar de falar. Um dêles, um escocês, era aleijado e usava muletas. Orei por êle e no mesmo instante foi curado. Não havia ninguém ali mais admirado do que eu. O homem, que antes era aleijado, andava e saltava por tôda a parte, sem auxílio de muletas. Os outros, ao presenciarem êsse fato, animaram-se para crer em Deus, e todos êles foram curados. Sei com tôda a certeza de que isso não aconteceu por causa de minha fé, mas foi Deus, na Sua compaixão, que quis socorrer-me na hora de apêrto.

Depois dêsse acontecimento, o Senhor abria-me mais e mais a porta da fé. Anunciei que haveria, em certa noite em Bradford, um culto de cura divina. Lembro-me que nessa noite doze dos ouvintes foram à frente e todos os doze foram curados milagrosamente. Um levara uma queda e mordera terrìvelmente a língua, mas foi perfeitamente curado. Certa senhora tinha uma úlcera, cheia de pus, no tornozelo; ela, também, foi curada e no dia depois havia sòmente a cicatriz. Os demais foram curados na mesma maneira.

Certo dia um conhecido perguntou-me se a cura divina abrangia o enjôo. Respondi-lhe que

sim, porque o enjôo é o resultado de recear. Ordenei, em nome de Jesus, que essa predisposição para enjoar saísse do homem. Nunca enjoou, apesar de viajar freqüentemente.

Certo dia um irmão fervoroso veio a minha casa e eu fiz-lhe esta pergunta: "Sr. Clark, parece desanimado; que tem?" Êle, então, me respondeu: "Minha espôsa está para morrer. Dois médicos passaram a noite ao lado do leito e dizem que ela está para partir, breve." Quando lhe perguntei por que não confiava em Deus para restaurar-lhe a espôsa, êle me respondeu: "Irmão Wigglesworth, não posso crer por ela." Êsse irmão saiu de nossa casa esmagado pela tristeza. A seguir procurei certo crente chamado Howe, que recentemente inaugurara um ponto de pregação em Bradford. Pensei que êsse irmão era o homem que eu necessitava para ir comigo e me ajudar a orar. Mas, ao pedir-lhe que fôsse comigo, êle respondeu: "Não, não irei. É favor não insistir para que vá. Mas creio que se o irmão fôr, Deus a curará." Reconheço agora que Deus pôs essas palavras na bôca daquêle irmão para encorajar-me.

Eu conhecia, também, um homem, cujo nome é Nichols, o qual se tivesse oportunidade, oraria em redor do globo três vêzes antes de acabar. Ao entrarmos no quarto, percebíamos que a irmã Clark estava "na última hora". Eu disse ao irmão que me acompanhava: "Está vendo o estado da irmã Clark? Comecemos logo a orar, sem perder tempo." Aproveitando a oportunidade, êle começou logo a orar. Nunca sofri tanto como quando êle começou a orar, e clamei ao Senhor: "Faz com que êle termine a oração. Senhor ouve, fá-lo desistir de orar! Êle orava pelo querido irmão Clark, prestes a sofrer a perda da espôsa, orava pelos filhos, prestes a ficarem sem mãe! Repetia tão depressa as palavras que eu tinha de clamar: "Faz,

Senhor, com que êle não ore mais; não posso, Senhor, suportar mais." Graças a Deus êle cessou imediatamente de orar.

Eu sabia que Clark, e Nichols, não acreditaram na cura divina; apesar disso levei comigo, escondido no bôlso, um vidro de cêrca de meio litro de azeite. Para facilitar a saída do azeite, usei uma rôlha comprida. Retirei o vidro do bôlso e, segurando-o atrás de mim, disse: "Agora ore, irmão Clark." O irmão Clark, animado pela oração do irmão Nichols, orou, também, que o Senhor o consolasse quando estava para perder a espôsa. Eu não suportava que orasse dessa forma e clamei: "Senhor, faz com que êle deixe de orar." Clamei com tanta insistência e fiquei tão quebrantado, que as pessoas do lado de fora da casa me ouviram. Dou graças a Deus, que êle se calou.

Quando terminou de orar, tirei a rôlha do vidro e aproximei-me da moribunda, que estava deitada sôbre a cama. Eu era neófito e não sabia como fazer; derramei todo o conteúdo do vidro, em nome de Jesus, sôbre o corpo da irmã Clark!

Permaneci à cabeceira da cama, quando, repentinamente apareceu o Senhor Jesus. Fitei nÊle os olhos. Ali estava Êle, ao pé da cama. Olhou-me meigamente com cativante sorriso. Parece que ainda O estou vendo, enquanto relato êste fato. Nunca mais perdi essa visão, a visão de Seu amável sorriso. Depois de alguns momentos, Êle desapareceu, mas o que aconteceu naquêle momento transformou todo o resto da minha vida. A irmã Clark foi milagrosamente curada e ficou cheia de vida. Viveu para criar vários filhos, sobrevindo a seu marido por muitos anos.

Todos nós devemos passar muitas provações. Se crermos na cura divina teremos de ser provados acêrca da fé. Deus pode levar os homens a gozar

as bênçãos e à plena cooperação com Êle sòmente por meio de provações.

Eu e minha espôsa compreendemos que não deviamos andar perante Deus com o coração dividido. Não podíamos crer na cura divina sem aceitá-la, de todo o coração. Portanto, consagramo-nos a Deus e um ao outro e resolvemos confiar em Deus inteiramente. Com essa consagração a Deus, houve uma mudança em nossas vidas. É muito fácil resolvermos e nos comprometermos quando todos temos fôrça e saúde; mas o que vale, contudo, é permanecer fiel no tempo de provação. Mal sabíamos nós que, breve, iríamos passar tal provação.

Nós dois nos esforçávamos na obra do Senhor, pregando, ao ar livre. Certo domingo fui tomado de uma dor tão grande que não podia ficar em pé. Dois homens me seguraram até que consegui chegar a casa. Sofri da mesma maneira antes, mas a dor não era tanta nos outros ataques. Oramos a noite inteira. Na manhã seguinte eu disse a minha espôsa: "Acho que se aproxima o meu tempo de partir. Oramos tôda a noite, sem resultado, estou piorando. Não há coisa alguma que possamos fazer. Eu acho, então, que agora é o tempo de chamares um médico. Podes fazer como achares melhor."

Minha espôsa estava numa situação triste, cercada de todos os filhinhos, e parecia não haver qualquer esperança a meu respeito. Ela rompeu em lágrimas; deixou-me e foi falar com um médico, pensando que eu estivesse prestes a falecer.

O médico, depois de me examinar, abanou a cabeça, e disse: "Não há mais esperança. Faz seis meses que êle sofre de apendicite e o apêndice está em tais condições que não há esperança para êle." Dirigindo-se a minha espôsa, acrescentou: "Tenho de atender algumas outras chamadas, sra. Wigg-

lesworth. Depois voltarei para resolver o que é melhor fazer. A única esperança é uma operação, imediatamente, mas acho-o demasiado fraco."

Depois que o médico saiu do quarto entraram uma velhinha e um rapaz. A velhinha sabia orar; tinha uma fé viva em Deus.

Enquanto a velhinha orava, o moço, ajoelhado sôbre a cama, impôs-me as mãos e clamou: "Reprovo a doença em nome de Jesus."

Admirei-me; senti-me tão forte, naquele momento, como em qualquer dia da minha vida. Estava inteiramente livre de qualquer dor. Logo depois que oraram por mim, desceram para o andar térreo. Achei que uma pessoa curada não deve ficar de cama, por isso, levantei-me e desci, também, mas a minha espôsa exclamou: "Oh" Mas eu lhe disse: "Estou curado;" ao que ela respondeu: "Que seja assim." Perguntei-lhe se alguém me havia chamado para trabalhar. Disse-me então que certa senhora pedira para lhe concertar, com urgência, os canos em casa. Fui atender a chamada. Enquanto estava trabalhando, o médico voltou. Colocou o chapéu de sêda na mesinha e começou a subir a escada, quando a minha espôsa o chamou e o informou de que eu saíra para trabalhar. O médico respondeu: "É tão certo como eu vivo, que voltarão com o cadáver dêle." Pois bem, faz muitos anos desde que isso aconteceu e êsse "cadáver" ainda percorre o mundo pregando o Evangelho.

Tenho imposto as mãos sôbre pessoas com apendicite, em quase tôdas as localidades do mundo, e não sei de caso algum não curado imediatamente, mesmo quando havia médico presente.

Capítulo IV

"REVESTIDOS DE PODER DO ALTO"

Continuaremos a história com as próprias palavras de *Grande-Coração*.

A minha espôsa era boa pregadora e, apesar de eu não ter qualquer dom para pregar, ela resolveu preparar-me para o ministério. Assim anunciava repetidamente que eu pregaria no domingo seguinte. Dizia-me que eu poderia pregar, se experimentasse fazê-lo. Tôdas as vêzes que ela anunciava que eu ia pregar, passava a semana inteira esforçando-me para cumprir o que o povo esperava. Subia confiadamente ao púlpito, nos domingos; depois de ler o texto para o povo, dizia algumas palavras, e depois anunciava ao auditório: "Se alguém aqui quer pregar, pode fazê-lo, porque não tenho mais palavras."

Ela sempre me animava a experimentar mais uma vez, mas eu sempre findava da mesma maneira. Ela tinha o cargo de pregar e eu insistia em que ela fizesse tudo. Mas cheguei a compreender que, se desejássemos ardentemente a salvação dos perdidos, o Senhor nos daria as palavras; se olhássemos para Êle, Êle faria de nós pregadores. Pregamos, duranta vinte anos, ao ar livre, em certa parte de Bradford. Foi durante êsse tempo em que pregava semana após semana, que o Senhor me concedeu mais liberdade de palavra.

A minha espôsa e eu sempre concordávamos na doutrina da santificação, tal como se encontra nas Escrituras. Mas eu reconhecia que havia em mim muita carnalidade. Certo pregador verdadeiramente santo pregou sôbre o que é ser inteiramente santificado. A santificação êle chamou uma obra definitiva de graça, subseqüente à do novo nascimento. Depois disso permanecia perante o Senhor dez dias em oração, entregando o meu corpo a Deus, segundo Romanos 12:1,2. O Senhor certamente operou em mim, e desde então gozei verdadeira liberdade em pregar. Consideramos isso o batismo no Espírito. Assim, em nossa missão na rua Bowland, pregamos tanto a santificação como a cura divina.

Chegamos à conclusão de que seria de tôda a conveniência deixar os jovens, também, proclamar a Palavra. Assim êsses auxiliares mais novos se desenvolveram, tornando-se bons pregadores.

Nesse tempo julgamos que já havíamos recebido tôdas as coisas espirituais que Deus quer conceder aos homens. Mas, certo dia, ouvimos falar em um povo que recebia o batismo no Espírito Santo, falavam em línguas e recebiam os dons espirituais. Confesso que me senti comovido com tais notícias.

Certa vez, vi um homem aproximar-se de nossa casa. Foi com grande dificuldade que subiu os degraus e bateu à porta da frente. Quando entrou, assentou-se e disse: "Se a minha família soubesse que eu vinha aqui, não mo teriam permitido, pois o senhor é considerado homem de tão má fama como jamais ouvi falar de outra pessoa. Então respondi-lhe: "Se me julga assim, tão mau, é melhor retirar-se, imediatamente, porque não quero ninguém em minha casa que não confie em mim."

"Oh!" disse-me êle, "confio no senhor. Não quero que me expulse daqui. Faça a fineza de examinar esta perna."

Ao colocar-lhe a mão na perna notei que a mesma parecia de pau e perguntei-lhe de que se tratava. Respondeu-me que tinha um câncer e rogou-me que o não expulsasse de casa. Assegurei-lhe que não o mandaria para fora e fui orar a Deus para saber o que eu devia fazer. Enquanto eu estava em oração diante do Senhor, Êle me falou dizendo: "Vai e manda que êsse homem passe sete dias e sete noites em jejum e a sua carne tornará como a de uma criança."

Ao informá-lo acêrca da mensagem do Senhor, êle respondeu: "Creio em tudo que Deus lhe disse; voltarei à casa e farei tudo que me ordenou."

Quatro dias depois vi, pela janela, êsse mesmo homem subindo os degraus que levavam à porta da frente de nossa casa. Em vez de levantar laboriosamente o corpo de degrau em degrau, pelo corrimão, como na ocasião da primeira visita, vinha pulando e correndo como um menino. Ao entrar em nossa casa, clamou: "Estou inteiramente curado!" Quando lhe perguntei que pretendia fazer, respondeu-me: "Voltarei a casa para completar os sete dias e sete noites. Estou aqui sòmente para mostrar-lhe o que Deus já fêz."

Quando êsse homem voltou à nossa casa e soube que minha filha, Alice, ia a África como missionária, tirou do bôlso a mão cheia de moedas de ouro e disse: "Também quero compartilhar dessa obra; aqui está a minha contribuição para ajudá-la chegar na África." Depois, olhando para mim, acrescentou: "Sabe quais são as últimas notícias? Estão recebendo o Espírito Santo, em Sunderland e falando em outras línguas. Vou a Sunderland verificar tudo por mim mesmo. Quer ir, também?" Respondi-lhe que seria grande pra-

zer ir com êle, e êle acrescentou: "Muito bem; pode-me acompanhar e pagarei tôdas as despesas." Êle transbordava de gôzo, por causa da cura recebida e procurava por todos os meios glorificar a Deus, pelo milagre feito na sua vida.

Antes de viajar, escrevi a duas pessoas que foram salvas em Bradford, mas que moravam em Sunderland, avisando-as de nossa viagem para lá. Essas duas pessoas ouviram dizer que a obra que desejávamos visitar era obra do maligno e que o falar em línguas era de Satanás. Para me pouparem de crer nesse engano, arranjaram com uma crente fervorosa para me prevenir do que pensavam ser um perigo. Assim, a primeira coisa que encontramos em Sunderland, foi grande oposição. Depois de êles contarem tudo acêrca do movimento, sugeri que orássemos. O Senhor me deu liberdade em oração e depois de findarmos de orar, êles me disseram: "Não dê importância ao que dissemos ao irmão. Obedeça à direção do Senhor."

Foi num sábado à noite que assisti o culto, o qual se realizou na igreja de Monkwearmouth, Sunderland. O que eu não podia compreender era isto: Acabei de chegar de Bradford, onde o Espírito de Deus operava com grande poder. Muitas pessoas caíram como mortas, sob o poder de Deus, durante o culto da noite antes de eu vir a Sunderland. Parecia-me, pois, que não havia a manifestação do poder de Deus em Sunderland como se notava em nossa assembléia, em Bradford. Fiquei desapontado com isso.

Assisti culto após culto e parece-me que desanimei a todos os irmãos, pois levantava-me e dizia: "Vim de Bradford porque desejo ter a experiência de falar línguas, como no Pentecostes. Entretanto não compreendo porque o fogo do Espírito está aceso em nossos cultos, em Bradford, enquanto que não me parece vê-lo em vossas reu-

niões." Pediram-me para que me calasse, pois o que eu dizia perturbava-os. Porém, eu estava com fome de Deus e Deus reconhecia êsse fato, apesar dos homens não me compreenderem.

Lembro-me de certo homem que testificou de como o Senhor o batizou no Espírito Santo, depois de permanecer perante Êle vinte e um dias, e como falara em línguas. Quando ouvi êsse testemunho, clamei: "Quero ouvir falar línguas."

Eu pensava que tinha sido batizado no Espírito; baseava essa opinião sôbre a minha experiência, após permanecer diante do Senhor dez dias, experiência que, para mim, era o batismo no Espírito. Portanto, disse eu aos irmãos: "Lembro-me como o Senhor me libertou a língua, quando fui batizado, e de como Êle transformou o meu testemunho." Mas os irmãos responderam-me: "Isso não foi batismo com o Espírito Santo."

Contudo eu buscava a Deus, de todo o coração. Certo domingo assisti um culto de oração do Exército de Salvação, às sete horas. Três vêzes nesse culto de oração fui prostrado por terra, pelo poder de Deus. Envergonhado com êsse fato, esforcei-me para me levantar e orar de joelhos a fim de não escandalizar a ninguém. Depois do culto o capitão perguntou-me de onde eu era. Respondi-lhe: "Sou de Bradford. Vim a Sunderland para receber as línguas que os crentes aqui estão recebendo." O capitão não concordou comigo nesse assunto, porém convidou-me a pregar à tarde, e Deus nos abençoou abundantemente. Todos êsses irmãos queriam persuadir-me a não assistir mais aos cultos dos pentecostais, nem buscar falar em outras línguas.

À noite no culto Pentecostal, ministramos perante o Senhor até quase à meia noite. Assisti ali de novo, no dia seguinte. Depois do culto um missionário que estivera na Índia saiu da igreja atrás

de mim para dizer-me: "Está perturbando os cultos. Diz que tem o batismo no Espírito Santo e, ao mesmo tempo, incita tumultos em todos os cultos a que assiste." Tentei justificar o meu procedimento, de modo que, separamo-nos um do outro quase encolerizados.

O pastor Boddy, da igreja Episcopal, onde se realizavam êsses primeiros cultos Pentecostais, anunciou um culto de vigília que duraria a noite inteira de segunda-feira. Foram momentos muito gloriosos, e a presença de Deus era coisa maravilhosa, mas ninguém falou em línguas. Às 2,30 da manhã, irmão Boddy disse: "Acho bom terminarmos o culto." Não concordei com isso, porque desejava passar ali o resto da noite. Verifiquei, então, que ao mudar a roupa, deixei a chave da porta do quarto no bôlso da roupa que ficou em casa. O irmão missionário à Índia, convidou-me a dormir com êle. Mas não me deitei; passamos o resto da noite em oração e fomos grandemente abençoados.

Durante os quatro dias que se seguiram, eu sòmente queria uma coisa; queria Deus. Porém tinha que voltar para casa; fui à casa pastoral para despedir-me do irmão Boddy. Ao dizer a sua espôsa que regressava sem receber as línguas, ela respondeu: "Não são línguas que o irmão careça, mas o batismo." Protestei e disse-lhe: "Mas, irmã, já recebi o batismo e quero que me impunha as mãos antes de eu partir." Depois de me impor as mãos, ela teve de sair. O fogo do céu desceu; eu ali sòzinho, com Deus. Foi uma experiência maravilhosa. O Senhor inundou-me de Seu poder. Reconheci a purificação do Seu precioso sangue e clamei: "Limpo! Limpo! Limpo!" Transbordei de gôzo ao sentir-me purificado. Foi-me concedida uma visão na qual vi o Senhor Jesus Cristo. Fitei a cruz sem a Vítima. Então contemplei-O hon-

rado à destra de Deus, Pai. Não podia falar mais em inglês, mas comecei a louvá-Lo em outras línguas, conforme o Espírito Santo me conceder que falasse. Sabia por certo, então, apesar de ter recebido várias vêzes antes a unção do Espírito, que, por fim, recebera o verdadeiro batismo no Espírito Santo como os discípulos o receberam no Pentecostes.

Capítulo V

DEPOIS DO BATISMO

Na ocasião de eu receber o batismo no Espírito realizava-se um culto na igreja de Todos os Santos. Fui ali imediatamente. O pastor da igreja, o irmão Boddy, presidia a reunião e estava pregando. Sabendo que êle ainda não tinha recebido o batismo no Espírito Santo, avancei logo à frente. Pedi-lhe que me deixasse falar porque eu acabava de receber o batismo no Espírito Santo.

O templo estava repleto de ouvintes. Não me lembro do que eu disse, mas todos ficaram descontentes e dissatisfeitos, dizendo: "Reprovamos êsse moço porque o julgávamos excessivamente desejoso, mas nos poucos dias que êle está aqui êle recebeu o batismo enquanto faz muitos meses que alguns de nós o estamos esperando aqui sem o receber." Uma grande fome sobreveio a todos. Desde então Deus começou a derramar o Espírito e dentro de poucos dias cinqüenta receberam o batismo.

Antes de fazer qualquer outra coisa, telegrafei à minha espôsa, avisando-a que eu recebera o batismo no Espírito Santo e que falara línguas. No trem em viagem para casa o diabo começou a tentar-me, perguntando: "Queres introduzir isso em Bradford?" Quanto ao que sentia no momento,

não tinha coisa alguma para introduzir, porém os justos não vivem pelo que sentem mas pela fé. E clamei, para admiração de todos que estavam no carro: "Certamente, quero introduzí-lo!" Sobreveio-me grande gôzo ao afirmar isso, mas ao mesmo tempo percebi no espírito que seria com grande e prolongada luta.

Ao chegar em casa um de meus filhos perguntou-me: "Papai, falou línguas?" Respondi-lhe: "Sim, Jorge, falei." — "Então, queremos ouví-lo, também." Porém, não podia falar coisa alguma, porque, apesar de haver recebido o batismo no Espírito Santo, não recebi o dom de línguas; êsse dom o recebi sòmente nove meses depois. Meu filho não compreendia que o falar línguas, na ocasião de receber o batismo, não é *o dom de línguas*, a que se refere em I Conríntios 12. As línguas, na ocasião do batismo são dadas como evidência de que o Espírito veio na plenitude de Pentecostes; mas não haverá mais enunciação em línguas, senão com a unção especial do Espírito. *O dom de línguas*, contudo, é tal que podemos usá-lo para orar ou adorar em qualquer ocasião.

Minha espôsa me disse: "Então, falaste línguas?" Quando respondi que sim, ela retrucou: "Quero que saibas que eu já recebi o batismo tanto como tu, e eu não falo línguas." Vi que a luta estava começando mesmo em casa. Acrescentou ela: "Faz vinte anos que prego e tu sempre sentado ao meu lado na plataforma. No domingo tens de pregar; quero ver se recebeste alguma coisa."

Ela não se esqueceu. No domingo seguinte assentou-se no último banco da igreja. Sempre, até então, sentávamos juntos na plataforma. Assim a luta começou na própria igreja.

Para subir à plataforma havia três degraus, e no momento em que eu subia êsses degraus, o

Senhor me deu o texto: *O Espírito do Senhor está sôbre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos*. Eu não era pregador, mas ao ouvir a voz do Senhor falar-me essas palavras, comecei a pregar. Não me lembro de que eu disse, mas a minha espôsa ficou grandemente comovida. No banco em que ela estava assentada cabiam nove pessoas e ela se mudou de posição até ocupar todos os lugares. Então disse em voz bastante alta para todos em redor ouvirem: "Êsse não é o meu Smith; êsse não é o meu Smith."

Ao anunciar o último hino, o secretário levantou-se para dizer: "Quero receber também o que nosso irmão recebeu." Foi muito estranho que o secretário errou o banco e se assentou no chão. Então meu filho se levantou e disse também que desejava o mesmo que seu pai tinha recebido; e êle, errou o banco, sentando-se no chão. Dentro de poucos minutos havia onze pessoas no chão. Foi uma coisa nova para nós, ver como êles se riam no Espírito. O Senhor verdadeiramente reconduzira os cativos de Sião e a bôca de Seus filhos se encheu de riso, segundo a palavra do Senhor no Salmo 126:1,2.

Foi o início de uma maravilhoso derramamento do Espírito, no qual centenas de pessoas foram batizadas no Espírito Santo, falando línguas como o Espírito de Deus concedia que falassem.

Deus queria que eu fôsse por todo o mundo a proclamar a gloriosa verdade de que todos os crentes podem receber o batismo no Espírito Santo, como no dia de Pentecostes, falando línguas como o Espírito de Deus concedia que falassem.

A primeira chamada que recebi, depois de receber o batismo no Espírito Santo, foi de um dono

de fábrica em Lancashire, que empregava mais que um mil operários. Escreveu-me que ouvira dizer que eu recebera o Espírito, como no princípio, e que desejava conhecer alguém com tal experiência. Acrescentou "Se quiser vir, mandarei parar a fábrica tôdas as tardes para o irmão dirigir cinco cultos desde uma hora da tarde até as onze da noite." Respondi-lhe por carta: "Sinto-me como um grande barril ameaçando estourar, se não tiver saída para diminuir a pressão. Espere-me para os cultos."

Até então não possuía qualquer dom de pregar, mas desde que recebi o batismo havia em mim uma enunciação profética que manava como um rio pelo poder do Espírito Santo. Assim fui a Lancashire; o dono da fábrica mandava parar o trabalho todos os dias e eu pregava de uma da tarde às onze da noite, com curtos intervalos. Cristo cumpria assombrosamente Sua promessa: *Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.* Um bom número dos operários foi gloriosamente salvo.

Não muito depois disso, a minha querida espôsa recebeu o batismo no Espírito Santo e começamos a atender as chamadas de diversos lugares do país. Em tôda a parte onde íamos o Senhor batizava pessoas no Espírito Santo.

Fomos juntos a um lugarejo em Shropshire onde fizemos cultos em uma igreja Metodista Primitiva. Enquanto a minha espôsa pregava, o fogo caiu e várias pessoas em tôda a parte do templo foram batizadas no Espírito Santo. Havia muita oposição e rompeu tremenda perseguição. Era apenas uma aldeola e a população em redor estava grandemente comovida.

Na manhã, seguinte em que "caiu o fogo" no culto, saí para dar uma volta pelas ruas. Ao entrar em uma loja, profunda convicção caiu sôbre

as pessoas que ali estavam, e, antes de retirar-me, tôdas foram salvas. Depois de sair da loja, enquanto eu andava na estrada, vi duas moças numa roça, cada uma com um balde na mão. Clamei perguntando-lhes: "Estais salvas?" Foram logo tomadas de grande convicção, deixaram cair os baldes e começaram a orar. Ali mesmo na roça o Senhor salvou as duas moças.

Em tôda a parte por onde eu andava a convicção sobreveio ao povo. Fui a uma pedreira onde trabalhava um bom número de homens. Ao pregar para os que trabalhavam, talhando grandes pedras, forte convicção caiu sôbre êles e muitos foram salvos. Ao regressar da pedreira, passei em frente de uma loja de bebidas. Ao mesmo tempo aproximaram-se dois homens em uma carroça. Nunca tinha visto homens de semblantes tão vis; pareciam demônios. Começaram a amaldiçoar-me e queriam chicotear-me. Parecia um assôpro do abismo. Apesar de eu não ter aberto a bôca para proferir qualquer palavra, gritaram tanto que o proprietário do hotel, acompanhado pela espôsa e por três pessoas da loja de bebidas, saíram e me atacaram como feras. Mas, em vez de recuar, clamei: "No nome de Jesus e pelo poder do sangue de Jesus, mando-os voltarem novamente para dentro do seu covil." Êles apressaram-se a entrar, eu entrei também e preguei-lhes Jesus.

Muitas pessoas foram curadas e batizadas nesse tempo. A glória do Senhor caía constantemente. Visitei o mesmo lugarejo vinte anos depois e o povo ainda falava da gloriosa visitação de Deus. Pessoas de muitas partes do país vinham presenciar a obra em nossa igreja e voltavam rogando que fôssemos ajudá-las.

Recebi vários telegramas pedindo-me que fôsse a um lugar perto de Grantham, a um moço gravemente enfêrmo. Depois de chegar em Grantham,

tinha de andar treze quilômetros em bicicleta. Ao chegar na casa do doente, uma senhora que estava a porta perguntou-me: "O senhor chama-se Wigglesworth?" Ao responder-lhe que sim, ela me disse: "Sinto em dizer-lho, mas o senhor chegou tarde. Meu filho piorou e estamos desenganados." Respondi-lhe então: "Minha senhora, Deus nunca jamais me mandou tarde para lugar algum."

Queria ver o moço e levaram-me para o quarto onde o achei deitado com o rosto virado para a parede. Disse-me o enfêrmo balbuciando que não podia virar-se na cama, sem que isso lhe causasse a morte, por causa da fraqueza do coração. "Ora," disse eu, "orarei ao Senhor para o fortalecer." Nesse tempo eu passava muito tempo em jejum e oração. Reconhecia que não havia esperança, nos homens, para a cura do moço e permaneci a maior parte da noite orando. Pesava-me tanto o estado do moço que me levantei cedo de madrugada para orar fora, no campo. Ali, numa roça, Deus revelou-me que estava começando uma coisa nova na minha vida.

Voltei à casa do moço e pedi à família que extendessem a roupa do doente perante o fogo da lareira. Nessa região da Inglaterra o clima é tal que é necessário tratar assim a roupa antes de a vestir. Mas a família não creu, nem cuidou da roupa.

Era um domingo de manhã e realizava-se culto no templo da Igreja Metodista Primitiva. Convidaram-me para pregar. Por meio da Palavra de Deus, a fé nasceu no coração dos ouvintes. Todos conheciam o moço enfêrmo, por nome, e disseram: "Mateus será ressuscitado!" Foi assim que cheguei a ver como a fé nasce no próximo depois de nascer em mim. Voltei a casa do moço e perguntei se a roupa estava pronta. Mostraram-se um tanto envergonhados porque a roupa perma-

necia guardada. Somente então é que a colocaram próximo ao fogo. Entrei no quarto e contei ao doente a visão que me foi concedida, explicando-lhe que ia acontecer uma coisa diferente do que eu havia experimentado. Disse-lhe: "Ao impor-lhe as mãos a glória de Deus encherá o quarto de tal forma que não será possível eu continuar em pé; ficarei sem fôrças, prostrado no chão." Fui buscar a roupa do doente e pedi a um membro da família que lhe calçassem sòmente as meias."

A razão de eu pedir que calçassem as meias no moço, é um mistério. Suas pernas eram como as dum esqueleto. Faltavam-lhe as fôrças, de forma que via impossibilidade de êle andar, a não ser que Deus operasse um milagre. Depois que os membros da família lhe calçaram as meias eu lhes disse: "Quero que saiam agora todos quarto afora."

Saíram e encostaram a porta. Acho importantíssimo fechar a porta em tais casos para ter certeza de ficar encerrado sòmente com Deus. Orei pedindo a Deus que me fizesse real a visão. No instante em que toquei no moço, encheu-se o quarto de tanto do poder de Deus que caí de bruços. Passei quinze minutos prostrado, imerso na glória, com o rosto e a bôca encostados no assoalho. Durante todo êsse intervalo, Mateus, o enfêrmo, na cama, gritava: "Senhor, isso é para a Tua glória! Isso é para a Tua glória!" O poder de Deus fazia tremer não sòmente a cama mas tudo no quarto. Foram renovados a Mateus as fôrças, a vida e o mais fraco de tudo, o coração. Eu estava ainda prostrado no chão, na glória, quando o moço se levantou da cama, vestiu-se e começou a andar de um lado do quarto ao outro gritando: "Estou ressuscitado para Tua glória. Estou ressuscitado para Tua glória." Então abriu a porta, clamando: "Meu pai, Deus me curou. Estou são!"

A mesma glória encheu a cozinha; os pais caíram no chão e a irmã do moço, que era louca, foi restaurada perfeita e imediatamente.

Comoveu-se tôda a aldeia e ali começou, no mesmo dia, um avivamento. Entrara desapercebido e desconhecido nesse lugar, mas ao retirar-me tôda a população despediu-se de mim, clamando: "Volte outra vez. Volte outra vez para passar mais tempo conosco."

Ao regressar à casa, passei novamente em Grantham onde visitei uma de nossas recém-convertidas, que se mudara para essa cidade. No momento de eu chegar à porta, ela me disse: "Meu irmão quer levar o senhor a visitar um homem que tem câncer da bexiga." Fui com o irmão dela a casa do doente. Muito antes de chegar à casa do doente, ouvimos o aflito gritando: "Valha-me Deus! Valha-me Deus! Valha-me Deus!" Depois de entrarmos na casa, continuou a gritar: "Valha-me Deus! Valha-me Deus! Valha-me Deus!"

Deus revelou-me no mesmo instante de entrarmos na casa que nem o homem nem a mulher não eram salvos. Disse eu ao homem: "Essa grande aflição é tanto da mente como do câncer. O Senhor é salvo?" "Oh," clamou êle, "se eu tivesse a salvação morreria sem sentir coisa alguma. Se eu fôsse salvo não ligaria importância a êste câncer, nem a coisa alguma." Mostrei-lhes o caminho da salvação e Deus salvou não sòmente o homem mas também a sua espôsa. Foi concedida ao homem tal revelação da sua salvação e transbordou-lhe tanto o coração de gôzo que depois de retirar-me da casa, à distância de meio quilômetro, ouvi distintamente seus gritos de "Alcluia!" É impossível descrever a transformação. Nunca mais sofreu do câncer. Consegui chegar na estação antes de o trem partir e assim cheguei novamente em casa.

Vi logo que tinha de abandonar o trabalho de encanador para atender ao ministério que Deus me concedera. O sustento da minha família provinha do trabalho das minhas mãos. Mas tantas vêzes fui chamado para fora da cidade que o povo, não querendo esperar a minha volta, procurava o serviço de outros encanadores. Assim, cada vez, ao regressar a Bradford tinha cada vez menos para me ocupar no meu ofício.

Fui convidado a assistir a convenção em Lancashire. Durante a convenção houve um tempo de intenso frio e os fregueses começaram a telegrafar-me pedindo que voltasse para concertar os canos estragados pelo gêlo. Quando, em fim, cheguei em casa havia apenas uma viúva que não conseguira achar um encanador. Encontrei a sua casa alagada da água dos canos arrebentados pelo gêlo Senti tanto as condições da viúva que não sòmente concertei os canos mas também o telhado. Ela mostrou-se muito grata, porque passara muito tempo sem achar alguém que a socorresse. Quando perguntou quanto me devia, respondi-lhe: "Não aceito coisa alguma. Fiz isso como uma oferta a Deus, como sendo à última vez que trabalho como encanador."

Certa vez um amigo me disse: "Todos que dizem que vivem pela fé andam com os saltos do calçado gastos e o terno desbotado." Eu confiava em Deus para suprir-me abundantemente se eu O servia fielmente. Prometi-Lhe, nessa ocasião, que Lhe obedeceria implìcitamente enquanto não tivesse de usar sapatos com os saltos gastos, nem vestir-me de calças concertadas nos joelhos. Disse eu ao Senhor: "Se acontecer tal coisa, voltarei ao meu ofício de encanador. Deus aumentou-me a visão e a fé. Chamaram-me para o serviço de Deus de tôda a parte da Inglaterra. Era o pioneiro em introduzir a mensagem Pentecostal em uma gran-

de parte das Assembléias da Grã-Bretanha. Em pouco tempo começaram a chamar-me para trabalhar em muitos outros países.

Os fregueses me deviam importâncias grandes por meus serviços como encanador, mas eu preferi perder tudo antes de forçá-los a pagar as contas. Porém o Senhor moveu o coração de um amigo a ofertar-me cinqüenta libras, importância igual a tôdas as importâncias que me deviam.

Continuamos, eu e minha espôsa, o nosso trabalho da rua Bowland, em Bradford, apesar de ter de ausentar-me freqüentemente para o serviço do Senhor em outros lugares. Eu trabalhava de casa em casa e orava em tôdas as casas que visitava. Em tôda a parte almas foram salvas e pessoas curadas.

Não me envergonhava do Evangelho. Ergui, na frente de nossa missão, em a mais comprida haste que pude arranjar, uma bandeira com três metros de comprimento e um metro e meio de largura. Afixei em um lado a Escritura: *"Eu sou o Senhor que te sara*. No outro lado lia-se: *Cristo morreu por nossos pecados*. Essa bandeira impressionou grandemente muitas das pessoas que passavam.

Deus aumentou-me a fé, levando-me a ver que a Palavra de Deus foi escrita para mostrar-nos a maneira de praticar os princípios da fé. Vi que Cristo dissera: *Quando fizeres convite chama os pobres, aleijados, mancos e cegos. E serás bemaventurado; porque êles não têm com que te recompensar; mas recompensado te será na ressurreição dos justos*. Assim achei duas pessoas dispostas para irem à procura dos doentes e pobres. A êsses pobres davam bilhetes convidando-os para um banquete na missão da rua Bowland.

As duas pessoas passaram por tôda a circunvizinhança ajuntando um grande grupo de neces-

sitados. Foi uma cena indescritível. Ali estavam os cegos, os coxos e os aleijados. Em tôda a parte do templo havia cadeiras de rodas, pessoas de muletas e cegos dirigidos por amigos. Foi a ocasião da maior alegria da minha vida. Chorei e continuei a chorar. Chorei porque senti a grande necessidade de todos. Chorei, também, pelo gôzo da oportunidade de realizar coisas que nunca tinha visto antes.

A primeira coisa que fizemos, foi servir a todos uma refeição abundante e da melhor comida. Depois de todos se fartarem, começamos o "divertimento", não como no mundo, mas por certo, com um programa do maior interêsse. O primeiro no programa foi um homem que por longo tempo andava em uma cadeira de rodas, mas que então testificava de como fôra sarado pelo poder de Deus. Depois testificou uma senhora curada de uma hemorragia. Contou como fôra curada pela oração e unção com óleo o dia antes do dia marcado para uma operação.

Em seguida foi um homem que estivera paralítico arrastando uma perna e com um braço inutilizado. Contou como fôra curado depois dos médicos o desenganarem.

Pelo espaço de uma hora e meia, êsses pobres e desalentados ficaram profundamente comovidos, chorando ao ouvir contar como Jesus sara os doentes. Eu lhes disse: "Ora, isso hoje é para vosso divertimento, mas no domingo vindouro haverá outro culto. Todos os que aqui estão hoje em cadeiras de rodas e todos, qual mulher no Evangelho, que gastou tudo com os médicos sem ficar boa, vão divertir-nos, contando como Jesus os libertou." Então oramos por todos e Deus nos respondeu gloriosamente. O culto à noite do sábado seguinte foi muito abençoado; um após outro contavam como Deus os curara de várias moléstias.

Nunca jamais me esquecerei dêsse dia. Em dado momento clamei: "Quem quer ficar são?" Por certo todos queriam. Lembro-me especialmente de certa senhora que eu buscara em uma cadeira de rodas. Uma roda da cadeira estava quebrada, mas consegui consertá-la. Pelo caminho enguiçou novamente. Eu lhe disse: "Ora, de qualquer maneira, a senhora não vai precisar mais dessa cadeira." Consertei-a, novamente, e chegamos, por fim, na igreja. Deus a curou de maneira tão espetacular que voltou para casa andando a pé. Sou testemunha ocular do fato que, enquanto louvava ao Senhor, subiu os degraus da frente da casa e entrou.

Entre os outros enfermos do grupo, um certo moço que sofreu de epilepsia durante dezoito anos, foi curado instantâneamente; até então não saía sem alguém o acompanhar. Sua mãe o levou para êsse culto e Deus o curou tão maravilhosamente que, dentro de quinze dias, conseguiu empregar-se em uma fábrica e sustentar a mãe.

Um outro caso foi de um moço curvado, como a mulher mencionada na Bíblia. Jesus disse que era um espírito que a fazia enfêrma, isto é, que era um espírito que ligava a mulher em tal posição. Nesse culto o moço curvado foi liberto, justamente como a mulher foi liberta na sinagoga. Cristo em seu ministério de curar disse que fazia as obras de Deus e disse, também, que se nós crescemos, faríamos as obras de Deus. Como Êle expulsara o espírito que conservava a mulher enfêrma, assim eu, em o nome de Jesus expulsei o espírito e imediatamente o moço endireitou-se e todos, ao ver o milagre, começaram a louvar ao Senhor, juntos.

Ainda outro caso espetacular foi o de uma criança encanada, da cabeça aos pés, em ferro laminado. O pai, não podendo ir à frente, por causa

da multidão, levantou a criança nos braços e a entregou ao homem que estava assentado na sua frente. Êsse, então, passou-a para o outro que tinha à sua frente. Assim passaram a criança para a frente até, que, por fim, foi entregue nas minhas mãos, na plataforma. Ungi-a com óleo e impuz-lhe as mãos em nome de Jesus. Imediatamente a criança começou a clamar: "Papai, Papai, Papai! Sinto uma coisa passando em todo o corpo! Sinto-o em todo o corpo! Sinto-o em todo o corpo! Sinto-o em todo o corpo!" A criança foi liberta no mesmo dia, completamente liberta.

Não é de admirar que a fé tivesse vivificado o coração de muitos que presenciaram êsses milagres, os quais saíram, depois, testificando de que Cristo lhes fizera também.

Capítulo VI

O MINISTÉRIO DE CURAR

Ouvimos Smith Wigglesworth dizer em várias ocasiões que podia escolher qualquer texto para um sermão, mas que quase sempre findava pregando que o Senhor não sòmente perdoa todo o pecado mas cura tôda a doença.

A sua mensagem constante era sòmente *Cristo*, e assim falava de Cristo: "Nunca houve um que veio ao mundo com tal amor e compaixão e que se comoveu como Jesus ao ver as enfermidades do povo. E Êle nos afirma: *Em verdade, em verdade vos digo que aquêle que crê em mim, fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai*. Deus quer que todos nós tenhamos grande ousadia de fé para confiar em tudo o que está escrito na Palavra." Mas deixamos que Smith Wigglesworth continue a sua própria história:

Certo dia, na Suécia, vi um homem, ao entrar em um edifício, cair no chão. Foi cercado logo duma multidão. Declararam-no morto. Ordenei imediatamente, pelo poder e autoridade do nome de Jesus, que se levantasse e no mesmo instante foi liberto. Tinha sofrido assim durante muitos anos. O Senhor falou-me que usasse êsse homem como um exemplo público. Assim convidei-o para

assistir o culto e testificar de como o Senhor o libertara. Depois de contar as mais terríveis coisas que o diabo dizia, relatou como o diabo saiu dêle.

Em Ceilão o Senhor enviou-me a certo lugar para orar por uma mulher que sofria horrìvelmente, a qual se achava quase morta, de câncer. A casa estava repleta de visitantes e preguei-lhes a Cristo. Eu lhes disse: "Sei que ficará sã, mas quero que todos aqui conheçam Aquêle que pode salvar-vos do pecado e vos libertar de todo o poder do Diabo." Orei pela mulher. Ela foi liberta tão maravilhosamente, e a repercussão entre o povo foi tão grande que foi publicado no jornal. A mulher em pessoa assistiu o culto e relatou como o Senhor a curara, completamente. Cristo nos disse: *Estes sinais hão de acompanhar aquêles que crêem.* Que é *crer?* É confiar no que o Senhor disse a ponto de aceitar Sua palavra, sòmente porque Êle a disse.

Certo dia chamaram-me para visitar uma mulher que estava "na última hora." Ao entrar no quarto da mulher, vi que, quanto aos homens, não havia mais esperança para ela. Sofria de uma inchação que a fêz definhar até lhe esgotar a resistência. Ao contemplá-la, eu vi que não havia possibilidade de ela ser curada, senão o Senhor obrar milagre. Graças a Deus, eu sabia que Êle podia curá-la. Eu disse à mulher: "Sei que a senhora está muito fraca, mas se quer ficar sã, apesar de não ter fôrça para levantar a mão, pode talvez levantar um dedo." Sua mão descansava na cama, mas conseguiu levantar um pouco o dedo.

Eu disse ao amigo que me acompanhava: "Oremos por ela, ungindo-a no nome do Senhor." Depois de ungi-la, caiu-lhe o queixo. O amigo disse: "Ela morreu!" Êle então foi tomado de mêdo como eu jamais vira, e exclamou: "Que faremos?" Olhei para o rosto da mulher e disse: "No nome de Jesus,

reprovo esta morte." Do alto da cabeça até a planta dos pés começou a estremecer-lhe o corpo. "No nome de Jesus, ordeno que andes: "Então repeti: "No nome de Jesus, no nome de Jesus, anda!" E ela andou.

O amigo que estava comigo saiu, informando o povo que vira a mulher ressuscitar da morte. O médico que atendia a mulher ao ouvir falar nisso, foi visitá-la, e disse: "O sr. Fisher, o diácono, disse-me que a senhora foi ressuscitada da morte. Quero saber se é verdade." Ao ela afirmar que era verdade, êle perguntou-lhe: "Está pronta a dar seu testemunho público em certo salão?" Ela respondeu, alegremente: "Estou pronta a dar meu testemunho em qualquer lugar. De fato, ela apareceu perante o auditório com o rosto alvinho mas com o semblante brilhando. Estava vestida de branco e achei-a muito atraente.

Eis o testemunho que ela deu: "Fazia muitos meses que me aproximava mais e mais da morte, mas agora quero viver, por causa dos meus filhos. Cheguei por fim ao ponto onde me parecia não haver mais esperança. Lembro-me que chegou um homem para orar por mim. Êle me disse: "Se a senhora não pode falar, nem levantar a mão, se quiser viver, levante um dedo." Lembro-me que mexi com um dedo, mas desde então, não me lembro de mais nada, até entrar eu na glória. Vi inumeráveis multidões de pessoas; oh, o gôzo com que cantavam! Foi uma delícia. O rosto de Jesus iluminava tudo. Ao começar eu a gozar tudo isso, Êle apontou para mim e compreendi, antes de Êle falar, que tinha de retirar-me. Logo ouvi um homem dizer: "Ande, ande, no nome de Jesus!" Se o médico estiver aqui, quero ouvir o que tem para dizer."

O médico levantou-se e experimentou falar, sem logo o conseguir. Os lábios tremeram e os

olhos tornaram-se em fonte de lágrimas. Por fim falou dizendo que orava durante alguns meses. Perdeu a esperança e informou os parentes da mulher que ela não duraria muito tempo mais. Confessou que foi um milagre feito pelo poder do nome de Jesus. O médico escreveu a um amigo: "Deves aproveitar de qualquer oportunidade de ouvir Wigglesworth; centenas de pessoas foram curadas aqui."

Recebi diversos telegramas e cartas pedindo-me que fôsse orar por certa moça em Londres. Não me explicaram de que se tratava; eu sabia apenas que ela estava muito angustiada. Ao chegar na casa, o pai da enfêrma me segurou pela mão e a mãe pela outra e romperam em chôro. Então me levaram até o andar de cima, onde me apontaram a porta de um quarto, de onde voltaram. Ao entrar no quarto presenciei a cena mais triste que jamais tinha visto; quatro homens robustos seguravam no chão uma linda moça, cuja roupa já estava rasgada de lutar com êles.

Ao entrar e olhar nos olhos da moça, ela os volveu, sem poder falar. Estava nas mesmas condições do homem que, ao ver a Jesus, saiu dos túmulos para estar com Êle. Logo ao chegar-se a Jesus, os demônios falaram. Os demônios que estavam na moça falaram dizendo: "Nós te conhecemos. Não podes nos expulsar; somos muitos."

Respondi-lhes: "Sim, sei que sois muitos, mas o Senhor Jesus vai expulsar-vos a todos." Foi um momento maravilhoso, um momento em que sòmente Jesus podia enfrentar a situação. O poder que dominava a moça era tão grande que num momento ela se virou, libertando-se dos quatro homens musculosos que a seguravam. O Espírito do Senhor sobreveio-me em grande poder e avancei, fitei o rosto da moça e vi o poder do maligno; os olhos da moça cintilavam, cheios do próprio poder dos demô-

nios. Instintivamente clamei: "Sei que sois muitos, mas vos mando no nome de Jesus que saiais, agora mesmo." Ela começou imediatamente a vomitar Dentro de uma hora vomitou trinta e sete espíritos imundos e cada vez que o fazia dava o nome do espírito que lançava. No mesmo dia ficou perfeitamente sã. No dia seguinte, no culto, às dez horas, comungou conosco na Ceia do Senhor

* * *

Visitei a cidade de Los Ângeles em 1948, onde o irmão que hospedou nosso *Grande-Coração,* durante uma série de cultos nessa cidade, contou-me o seguinte incidente: Logo depois de começar a pregar, uma senhora que estava sentada em um dos bancos da frente desmaiou e muitos a rodearam. Wigglesworth então clamou: "Eu te reprovo, demônio maldito, porque estás perturbando o culto." Imediatamente os ouvintes em todo o auditório censuraram Wigglesworth pela dureza da repreensão.

Mas o que aconteceu, a seguir, provou que Smith Wigglesworth tinha razão. Dentro de poucos dias o marido da mulher que desmaiara foi à casa de Wigglesworth para explicar o que acontecera: "Minha espôsa tinha passado muitos anos tão doente que eu tinha de cuidar dela. Levava, todos os dias, a comida para ela, no seu quarto, em uma bandeja; era a primeira coisa que fazia, de manhã. Mas tudo está mudado desde da doite em que o irmão reprovou o poder maligno que a conservava enfêrma. A manhã seguinte ela não quis que eu lhe levasse a comida dizendo que estava perfeitamente curada. Ela mesma levantou-se e preparou a refeição. E tôdas as manhãs, desde então, é ela quem prepara tudo. Sem dúvida estava dominada por um espírito que a conservava

enfêrma, mas desde que o irmão o reprovou, quando desmaiou, ela está inteiramente livre."

Durante os últimos anos da vida de Smith Wigglesworth, seu genro, Tiago Salter e sua filha, Alice, acompanharam-no nas suas viagens. Ela cuidava da sua correspondência e êle auxiliava grandemente em transmitir fé aos auditórios, relatando os muitos milagres e sinais que acompanhavam a pregação no Congo Belga, na África. Os irmãos Salter contam as histórias de centenas de milagres que presenciaram durante a oração da fé de nosso Grande Coração.

Como seu Mestre, Smith Wigglesworth, era um homem de autoridade. Foi chamado para orar em Kansas City por uma endemoninhada. Ao chegar na casa o poder dos demônios que estavam na mulher se manifestou com grande violência e horrível blasfêmia. Êle ordenou aos espíritos, no nome de Jesus, que saíssem. Ao avançar em direção à porta para se retirar da casa, a mulher o seguia, enquanto saía da sua bôca tremenda torrente de blasfêmia. Smith Wigglesworth não disse a si mesmo: "Acho que não fiz a oração da fé; devo voltar e orar novamente." Para êle tal coisa resultaria sòmente em fracasso. Virou-se e se dirigiu ao poder do demônio que estava na mulher, e disse: "Já mandei que saísse." Foi o suficiente. A mulher foi liberta completamente e o pastor da sua igreja afirmou, depois, que nunca mais sofreu como endemoninhada.

Os seguintes exemplos de curas, contados no presente capítulo, foram-nos relatados por Tiago Salter. Wigglesworth nos surpreendia, repetidamente, dizendo nos cultos: "O Senhor vai mostrar-vos que está em nosso meio e que Seu poder está aqui para curar e abençoar. No livro de Atos dos Apóstolos lê-se de tudo que Jesus começou *a fazer e a ensinar*. O que fazia precedia o que ensinava.

Cristo precedia todos os sermões fazendo um notável milagre. Queremos seguir Seu exemplo. Convido a qualquer ouvinte neste grande auditório a ficar em pé. Orarei por êle e, seja qual fôr a doença, Deus a libertará." Acêrca disso o irmão Salter nos disse:

Não sei quantas vêzes os nossos corações estremeceram ao ouvirmos anúncio tão ousado, pois havia presentes tuberculosos, pessoas cancerosas, outras em cadeiras de rodas, ainda outras deitadas em padiolas, com os corpos deformados e sofrendo tôda a qualidade de doença. No íntimo do coração desejávamos que se levantasse um dos pacientes que sofresse menos e não um dos que sofria de câncer em estado avançado ou um dos aleijados deformados.

Certa vez estremecemos, sentados em nosso banco, ao levantar-se um pobre aleijado, em resposta ao convite. Seu corpo estava de tal forma deformado que sòmente com grande dificuldade conseguiu com auxílio de dois paus, levantar-se e ficar em pé.

O irmão Wigglesworth, ao vê-lo, sem pestanejar, perguntou, como lhe era característico: "Ora, senhor; que é que o senhor tem?" Depois de avaliar as condições do homem, êle disse: "Pois bem, oraremos pelo senhor." Pediu que todos no auditório orassem com êle, e, em seguida, dirigindo-se ao homem, disse: "Agora deixe aí os paus e chegue aqui." O homem mostrou-se confuso por um momento. Então, depois de deixar caírem os paus, avançou arrastando os pés. "Ande, ande!", clamou o irmão Wigglesworth. O homem deu alguns passos e Wigglesworth ordenou: "Agora corra." Grande foi a admiração e o gôzo da multidão, e maior o nosso alívio, ao ver o aleijado curado, correr!

Na Suécia a sua pregação sôbre a cura divina e o batismo nas águas incitou os médicos

e alguns dos pastôres a levarem o caso ao parlamento. O resultado foi que as autoridades vedaram ao irmão Wigglesworth o direito de impor as mãos sôbre qualquer pessoa ou mesmo de lhe tocar nas reuniões. Certo dia, quando pregava, em um parque, a 20.000 ouvintes, ou mais, assistiram, também, alguns enviados pelas autoridades para obrigá-lo a guardar o regulamento. O irmão Wigglesworth, sem vacilar, pediu que os doentes ficassem de pé, se o pudessem fazer, enquanto Êle orava; ou, se não pudessem estar em pé, que indicassem de outra maneira que careciam de cura, para que pudesse orar por êles. Então disse mais: "Agora cada um impunha a si mesmo as próprias mãos; vou orar e pedir ao Senhor que vos sare." Os doentes colocaram as próprias mãos sôbre a parte doente enquanto êle fêz uma simples oração da fé. O resultado foi que, sem êle transgredir a lei, centenas de enfermos foram abençoados e curados.

Durante os últimos anos da sua vida êle continuou a usar êsse método simples, quando o auditório era grande e sabia que levaria muitas horas se tivesse de orar por cada um dos doentes. Foi assim que no parque em Estocolmo, Suécia, se originou o costume, ao qual êle se referia como "as curas em massa", costume que realmente foi obrigado a adotar pelo govêrno sueco. Certo é que centenas de pessoas foram saradas assim, e que tais curas eram permanentes. (Vêde no capítulo nove, a própria descrição do irmão Wigglesworth, da sua primeira experiência de curas em massa.)

Em certa cidade grande, onde se realizavam dois cultos diàriamente durante um mês, usou êsse método por causa das enormes multidões que afluíram para desfrutar o seu ministério. Em certa ocasião, um homem assentou-se no estrado e esforçou-se para ter uma idéia do que o prega-

dor disse. Era surdo havia quarenta anos. No decurso das "curas em massa" êsse homem começou, repentinamente, a balançar a cabeça de maneira esquisita. Então correu porta afora. Voltou ao culto de noite para testificar. Disse que passara quarenta anos sem ouvir qualquer som, mas enquanto o pregador orava parecia que algo lhe estalou na cabeça e ouviu um som como se fôsse o estampido de uma peça de artilharia. Explicou que foi por essa razão que disparou porta afora e correu até um alto de onde podia ouvir distintamente a voz do pregador. Assistiu a todos os cultos, depois, tão contente que se assentou no derradeiro banco, ou no canto mais distante do tabernáculo, para que todos soubessem que ouvia bem.

Na mesma série de cultos, certo veterano de guerra, ferido na espinha por uma bala, foi curado durante "as curas em massa." Duas pessoas foram curadas de câncer. Colocaram um menino sôbre uma mesa. Uma das suas pernas tinha sido cinco centímetros mais curta do que a outra. O pai levantou o filho para o auditório ver o que acontecera. O menino testificou: "Quando o pregador pediu que as pessoas mexessem os braços, os pés ou a parte doente, extendi a perna curta e ficou do comprimento da outra." O resultado dêsse milagre foi visto por cêrca de 1.500 pessoas.

Durante a mesma campanha uma senhora levantou-se para dizer: "Estou sofrendo horrìvelmente. Faz muito tempo que estou sob os cuidados dos médicos. Sofro de um rim desalojado, de cálculos biliares e de apendicite crônica." Junto com muitos outros sarados levantou-se depois para testificar que a saúde foi-lhe restabelecida completamente durante a oração no culto de "curas em massa." Faz, vinte anos que se realizaram êsses cultos, em que centenas de pessoas foram aben-

çoadas, curadas e libertas, contudo essas pessoas ainda permanecem saradas. Hoje mesmo (19 de Novembro de 1947), aqui em Los Ângeles, Califórnia, uma senhora levantou-se e testificou que foi curada nesses cultos.

Realizamos uma série de cultos em uma grande cidade do Arizona, onde afluíam milhares de tuberculosos para morar no clima sêco do deserto. As notícias dêsses cultos alastraram-se ràpidamente por tôda a regiãoã; os doentes viajavam grandes distâncias para assistirem. Entre êles havia ricos e pobres — tôdas as classes, que sofriam em todos os graus da doença dos pulmões. Já, também, o irmão Wigglesworth usou o método de curas em massa. Em resposta ao apêlo, levantou-se uma jovem, que sofria em estado avançado da doença. "Passe para a nave," ordenou êle. Ela o fèz, tendo o rosto enrubescido e o peito palpitando, grandemente, de esperança. Mas, por causa de tais esforços respirava com grande dificuldade. "Agora," disse êle, "vou orar e a senhora vai correr pela nave do templo." Orou e em seguida clamou: "Corra, senhora, corra!" Ela respondeu: "Não posso correr. É com a maior dificuldade que fico em pé." Mas êle retrucou: "Não arranje desculpas, obedeça-me." Ela não queria dar nem um passo, mas êle, sem vacilar, desceu da tribuna, e instou com ela para que corresse. Ajudou-a um pouco, ela agarrou-se nêle até aumentar a marcha e, por fim, correu sem precisar de se esforçar. Quando a vimos muito tempo depois, estava completamente restabelecida.

Ao mesmo culto assistia uma outra senhora que o irmão Wigglesworth mandou correr. Ela vacilou e êle a empurrou. Agarrou-se nêle e os dois correram. A ciática deixara as pernas da mulher inutilizadas e os pés tão aleijados que quase não podia andar mais. Mas Deus libertou-a,

completamente, e todos os dias ia a pé para os cultos. Não andava de bonde porque ficou muito contente, e aproveitava tôdas as oportunidades para usar as próprias pernas.

Êle chamava as curas, quando tratava individualmente os doentes, "as curas a varejo." Certa senhora, na fila de ônibus, em Leeds, Inglaterra, iniciou palestra com uma enfermeira fardada, que estava ao seu lado. Descobriram que ambas eram crentes e as duas então travaram palestra sôbre as doenças. A mulher contou à enfermeira que ia levar um filho ao hospital para tratar um dedo da mão. "Não o faça," disse a enfermeira, "porque são capazes de amputá-lo. Sei o nome e enderêço de um homem que orará por seus filho e Deus sarará o dedo." Nessa altura chegou o ônibus e as duas embarcaram, apesar de êsse ônibus não servir para a enfermeira. As duas queriam continuar a falar. No ônibus a mulher contou que ela mesma tinha câncer do peito. Tirando uma caderneta da bôlsa a enfermeira escreveu o nome e enderêço de Smith Wigglesworth, dizendo: "Escreva-lhe e êle responderá." A enfermeira, depois de completar o serviço que Deus lhe concedera, saltou do ônibus para embarcar em outro.

A doente escreveu ao irmão Wigglesworth; foi assim que fomos visitá-la. O câncer estava em um estado adiantado. Oramos e despedimo-nos dela, voltando os trinta e sete quilômetros para casa. Deus a libertou completamente, restabelecendo-a também até ficar sã e forte. Ao trabalhar na pintura do interior da casa, encontrou uma Bíblia velha, num armário. Ao folhear as páginas encontrou uma passagem que tinha sublinhado em vermelho, o seguinte: "A tua cura apressadamente brotará." Isaias 58:8. Tinha marcado a passagem, havia doze anos, mas havia-a esquecido, sem se apoderar da promessa da Palavra de Deus. Sua

fé foi ainda mais fortalecida por essa Palavra tão literalmente cumprida na sua experiência. Faz alguns anos que aconteceu isso, mas o câncer não mais voltou.

Lê-se em Atos 19:11,12: *Deus, pelas mãos de Paulo, fazia maravilhas extraordinárias, de sorte que até os lenços e aventais se levavam do seu corpo aos enfermos, e as enfermidades fugiam dêles, e os espíritos malignos saíam*. Maravilhas extraordinárias em centenas de casos fizeram-se por intermédio de lenços que o irmão Wigglesworth enviou aos doentes. Recebeu centenas de cartas contando os milagres. Se tudo fôsse impresso, sòmente relatando essas maravilhas, encheria muitos tomos. Tôdas as qualidades de enfermidades e doenças foram curadas por êsse método. Os lenços eram colocados dentro de fronhas, dentro de pijamas, etc., e os bêbedos perderam o desejo de beber; os que fumavam abandonaram êsse vício; filhos desviados voltaram a Cristo; casais separados reuniram-se novamente. Os lenços foram levados para tôdas as classes de necessidade, embaraço e doença que se pode imaginar.

Houve um caso de extraordinário interêsse: Certa senhora, que estava morrendo de câncer, pediu um lenço. Ao recebê-lo, colocou-o debaixo do travesseiro, com a intenção de colocá-lo sôbre o câncer na presença do marido e dos filhos. Mas, deitada na cama, começou a sentir a presença de Deus no lenço e foi curada. Hoje ela não tem mais vestígio de câncer. Smith Wigglesworth sempre cuidava de explicar que, seja qual fôr o método ou meio empregado, é o Senhor quem sara, pois Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente.

Ninguém sabia o que Smith Wigglesworth ia fazer. Fazia, às vêzes, coisas extraordinárias, porém mais tarde viamos que fôra dirigido, realmen-

le, pelo Espírito Santo. Certa vez, por exemplo, perante grande auditório, parecia demasiado áspero ao dirigir-se a uma senhora e ela caiu ao chão. "Levantem-na," ordenou êle. Mas ela caiu novamente. Com isso alguns reprovaram-no, mas êle respondeu que sabia o que fazia, que tratava com um demônio e não com uma mulher. Levantaram-na outra vez e ao ficar em pé, caiu ao chão, do seu corpo, um enorme câncer. Foi assim que veio a resposta aos que o censuravam.

Muitas vêzes os seus métodos foram mal entendidos e seus motivos mal interpretados. Contudo êle, cheio de amor, perseverava na sua fidelidade para com Deus e na sua sinceridade santa para com os homens. Não foi influenciado pela censura. Dizia êle: "Não me deixo levar pelo que vejo ou ouço, mas pelo que creio."

Havia portas abertas para êle em tôda a parte, mas havia, também, muitos adversários. No meio de um dos seus mais prodigiosos avivamentos, quando Deus curava milhares de pessoas, certa moça, aparentemente aleijada, foi levada, numa cadeira de rodas, para a frente da igreja. Pediram oração e Smith Wigglesworth orou por ela, como de costume. Cêrca de oito dias depois recebeu carta do advogado da moça exigindo que o pregador pagasse certa importância à sua cliente como indenização do que alegou ela haver sofrido em conseqüência da oração. Êsse fato foi apenas uma trama para extorquir dinheiro, mas o advogado apresentou atestado do médico e, para evitar ser processado, irmão Wigglesworth pagou a importância.

Como seu Mestre, Smith Wigglesworth "compadeceu-se" diàriamente ao ver as aflições do próximo. As lágrimas rolavam-lhe copiosamente pelas faces enquanto ministrava aos doentes. Tratava as crianças e os velhos com a maior ternura. Bom-

bardeava valentemente os céus, rogando a Deus que aliviasse as dores dos que sofriam.

Não reconhecia distinção entre as raças. Os pretos, os vermelhos, os amarelos, todos procuravam o seu ministério e todos foram abençoados por meio das suas orações e por meio dos seus dons. Desprezava as distinções sociais, no seu ministério, mostrando-se inexorável em tratar com qualquer pessoa que pedisse favor alegando tais distinções.

Em certa cidade esforçou-se grandemente durante um mês, fazendo três cultos diàriamente. Deus manifestou Seu poder entre o povo; os que tinham câncer foram curados, os coxos andavam, os surdos ouviram — tôda a sorte de doença foi curada. Antes de tudo, almas foram salvas. Certo dia, o pastor que contribuíra o dinheiro e edificara o templo onde se realizavam os cultos, o qual tinha dois sub-pastôres o auxiliando, disse: "Há nesta cidade certa senhora muito doente. Acho que se fôsse curada a repercussão entre o povo seria grande. Irmão Wigglesworth quer visitá-la?"

Êle replicou que, realizar três cultos diàriamente e orar pelos doentes e por aquêles que buscavam o Espírito Santo, não lhe sobrava muito tempo. Contudo, o pastor persistiu, insistindo dia após dia, dando ênfase ao fato de que ela e seu marido pertenciam à classe de mais influência da cidade e, portanto, o prestígio que podiam ganhar com tal cura.

Finalmente, certo dia, o irmão Wigglesworth concordou em ir conosco à casa da senhora doente, em caminho para o culto de tarde. Por causa da alta posição da senhora, na vida social da cidade, todos os três pastôres acompanhavam o irmão Wigglesworth, a minha espôsa e a mim. Chegamos à casa, que ficava na parte mais importante da cidade; tocamos a campainha e fomos recebi-

dos em uma suntuosa sala. De lá fomos conduzidos a um quarto muito grande. Ali, como um monarca oriental no seu trono, encontramos a mulher, ricamente trajada, sentada sôbre um monte de almofadas, lindamente bordadas e de côres berrantes.

Smith Wigglesworth parou e fitou-a. Por fim, disse-lhe: "Ora! a senhora certamente parece bem acomodada!" "Que disse o senhor?" respondeu ela, visìvelmente irritada. "Eu disse: A senhora parece bem acomodada!" Ela se desencadeou em tão grande tempestade de ira que logo ficou exausta. "Oh!" disse êle, "é claro que a senhora não está pronta para receber-me. Adeus." Saindo da casa, assentou-se no automóvel que nos esperava.

Eu e minha espôsa o seguimos e ousamos sugerir-lhe que êle tratara a senhora com demasiada dureza. Mas êle replicou: "Eu sei o que fiz." Os pastôres ficaram ainda algum tempo no quarto da mulher, tentando apaziguá-la. Quando, por fim, saíram, fizeram tudo para induzir Smith Wigglesworth a voltar e orar por ela. A isso êle recusou-se terminantemente, dizendo: "Não posso; ela não está pronta. Vamos ao culto."

Sentimo-nos profundamente perturbados em espírito por causa do acontecimento, mas se êle sentia qualquer coisa, não o mostrou. Durante todo o culto estava ungido de Deus, pregando, orando pelos doentes, com grande poder.

Na manhã seguinte realizou-se o culto na hora de costume. O Espírito do Senhor estava conosco, na Sua graça, e antes de encerrar a reunião, irmão Wigglesworth fêz o apêlo a todos que desejassem "chegar mais pertos de Deus," nestes têrmos: "Se avançares sòmente meio metro, receberás uma bênção; se avançares um metro, receberás ainda maior bênção. Se chegares aqui à frente, oraremos por ti e Deus suprirá tudo de que careças, da

abundância que Êle tem." Todos no auditório avançaram, mas certa senhora da alta sociedade estava na frente de todos. Esforçou-se tanto para chegar à frente dos outros que caiu prostrada ao chão. Era a senhora que deixáramos acamada no dia antes. Depois de sairmos, ela se arrependera profundamente. Deus a curara e, no culto de manhã, consagrou, perante todos, a sua vida a Deus. Mostrou-se quebrantada e humildemente pediu perdão a todos Mais uma vez reconhecemos o nosso engano em julgar a Smith Wigglesworth; Deus vindicou a atitude de Seu servo.

Foi em 28 de Novembro de 1947, em Bethel Temple, Los Angeles, que os irmãos me contaram a história dos três seguintes acontecimentos: Disse um irmão: "Nasci na Noruega e faz vinte e dois anos que ouvi o irmão Wigglesworth pregar, antes de sair da minha terra. Eu estava no último estado de tuberculose. Um pulmão não funcionava mais; porém, depois de êle orar por mim, Deus me curou e meu pêso aumentou doze quilos dentro de poucos dias. Mudamo-nos para a América e residimos em Chicago. Minha espôsa caiu doente dos pulmões e por três anos sofria diàriamente de hemorragias. Levei-a a um culto do irmão Wigglesworth, em Chicago. Êle orou por ela e foi liberta da doença. Até então não tínhamos filhos, mas depois da cura da minha espôsa, o médico, pronunciou-a grávida. Disse êle: "Será uma tragédia; tanto a mãe como a criança morrerão." Mas os dois sobreviveram. Nasceram, depois, outros dois e tanto a mãe como os filhos são fortes e sãos."

Um outro irmão, com a espôsa e três filhos crescidos, vieram à frente para falar comigo depois do culto. Viajaram mais de 180 quilômetros para assistir. Contaram-me que escreveram ao irmão Wigglesworth pedindo que orasse sôbre um lenço e lho enviasse. O pai sofria de apendicite

aguda e o filho de grande quisto na nuca. Ao colocar o lenço sôbre o apêndice do pai, cessaram tôdas as dores e ficou curado. O quisto na nuca do filho estourou, desapareceu e durante êstes anos não reapareceu. O homem acrescentou: "Não conseguimos informar seu sogro a respeito destas curas e fizemos tôda esta viagem para participar êstes fatos ao irmão. Agradecemos a Deus pelo ministério de seu sogro."

Uma outra pessoa aproximou-se de nós, no mesmo culto, e disse: "Passei um dia inteiro com o irmão Wigglesworth, na Inglaterra, e jantamos com êle em Bradford. Levou-nos a um parque onde nos assentamos e conversamos. Ali, durante os poucos minutos que passamos no parque, êle ganhou dois homens para Cristo e orou por dois outros, pedindo a Deus que curasse seus corpos. Êle estava tão ocupado em falar de Cristo que resolvemos, meu companheiro e eu, dar um passeio. Ao voltarmos encontramos o irmão Wigglesworth ajoelhado ao lado de outro homem, mostrando-lhe o caminho para o Senhor Jesus. Orava e pregava constantemente todo o tempo que passamos com êle. Parecia que dedicava tôda a sua vida a Deus, para ajuda e socorro do próximo.

Smith Wigglesworth nunca, nem uma só vez, cedeu lugar ao diabo; os descrentes, às vêzes, achavam que êle era demasiado severo e grosseiro. O seguinte incidente mostra a sua atitude para com o diabo. Certo dia, ao esperar um ônibus, um cachorrinho chegou e colocou-se ao lado de sua dona que, também, esperava o ônibus. Evidentemente ela saíra de casa, apressadamente, pensando que deixara o cachorrinho fechado dentro do portão. Porém, de alguma maneira o cãozinho conseguira sair e seguir a sua dona. Ela abaixou-se acariciou-o, e disse: "Deves voltar para casa, querido; não posso levar-te comigo." O cachorri-

nho, porém, apenas balançava a cauda, com tanta fôrça que lhe tremia todo o corpo, sem se afastar um centímetro em direção à casa. Mas a senhora disse: "Absolutamente não podes acompanhar-me; tu realmente deves voltar para casa!" Nesta altura o ônibus vinha chegando e ela, em desespêro, bateu com o pé no chão e mandou enfàticamente: "Vá, imediatamente, para casa!" O bichinho fugiu precipitadamente. "É assim que temos de tratar com o diabo!" disse Wigglesworth em voz bastante alta para que todos os que esperavam o ônibus ouvissem.

Tiago H. Taylor, de West Roxbury, Mass., escreveu o seguinte acêrca de certo culto de Wigglesworth em Washington, D. C.: "Ocupamos um assento na frente. Havia entre nós e as pessoas que vieram para serem curadas, apenas um banco. Assim pudemos ver bem de perto tudo que aconteceu. Antes de iniciar-se o culto, entrou uma jovem de muletas, ajudada por uma mulher e um homem. Suas pernas, com os pés em posição vertical, pendiam do seu corpo. Da cinta para baixo ela parecia sem ação e sem qualquer fôrça. Tomaram lugar com ela no primeiro banco. Durante o apêlo para os pecadores aceitarem o Salvador, ela se esforçou, ajudada pelo homem e pela mulher que a acompanhavam para chegar à frente. Mas quando o irmão Wigglesworth a viu, disse-lhe: "Fica aí onde estás. Vais sair daqui uma moça transformada." Depois de se dirigir aos demais, o irmão Wigglesworth virou-se para a moça, e ao ser informado acêrca do incômodo, disse ao auditório: "Esta moça não tem músculos nas pernas; nunca andou." A seguir impôs-lhe as mãos, orou e clamou: "No nome de Jesus Cristo, anda!" Olhou para ela e perguntou: "Tens mêdo?" Ao que ela replicou: "Tenho." Mas êle, acrescentou: "Não há razão para temeres; estás curada!" Em seguida êle

clamou: "Anda! Anda!" E, louvado seja Deus, ela andou — tal qual como uma criancinha que aprende a caminhar! Andou duas vêzes, de maneira característica das criancinhas, em todo o cumprimento do estrado! Glória a Deus! Ao sairmos do templo, vimos as muletas deitadas num banco. Ao alcançarmos a rua, vimos a jovem curada *em pé, como qualquer outra pessoa,* conversando com duas jovens. Glória a Deus nas maiores alturas e na terra — *há cura para os que créem*. Amém!

"A mulher que ajudou a jovem aleijada a entrar no templo era a sua mãe; o homem era um tio. Êle chorou como uma criancinha quando viu a sobrinha curada. No culto, à noite, testificou que ela, ao chegar em casa, subiu a escada sem qualquer auxílio, repetiu, novamente, que ela não andava antes, e testificou que a mãe da jovem, também, em resposta ao seu pedido, no culto de manhã, foi curada de um nó em um dos peitos.

"Houve, também, maravilhas no culto à noite. Certo irmão testificou da cura de um câncer do qual sofrera dois anos. Um pobre homem, inutilizado nas pernas e desenganado pelos médicos, foi curado e correu duas vêzes em redor do templo! Quando irmão Wigglesworth perguntou quantos foram curados nos cultos durante a semana, mais que duzentas pessoas se levantaram. Ora, que posso dizer, senão: Louvado seja Deus?"

Capítulo VII

EM TRABALHOS, MUITO MAIS

"Trabalhei muito mais do que todos êles," declarou Paulo. Mas acrescentou imediatamente: "Todavia não eu, mas a graça de Deus, que está comigo."

O nosso *Grande-Coração,* como o apóstolo, dedicava-se "em trabalhos, muito mais," mas sempre reconhecia que o fruto era da graça e pela fé. Para êle a atitude de fé não era a de preocupação e cuidado, nem tanto de prantear e gemer noite e dia, mas a de apoderar-se do que Deus, na Sua graça, quer dar, no espírito de quem confia sossegadamente. Reconhecia que Deus não pode falhar nas Suas promessas. Creu na Palavra, que Deus "nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade." Assim se apoderava, com fé viva, das grandíssimas e preciosas promessas, e havia constante cumprimento do que êle esperava da manifestação do poder de Deus.

Desejamos, novamente, deixar nosso *Grande-Coração* continuar sua história:

Deus tem-me abençoado em muitíssimas maneiras. Tenho visto pessoas cegas de nascença receberem a vista; vi também três pessoas mortas restauradas à vida. Tôdas as coisas que experimentei sòmente servem para firmar a minha fé

nas promessas de Cristo o qual deseja que façamos maiores obras. Portanto devemos dar-Lhe tôda a glória, tôdas as vêzes.

Tive o privilégio de trabalhar na Índia e no Ceilão e presenciar a maneira de Deus operar prodigiosamente. O maior grau de avivamento foi, talvez, em Colombo. Deus abençoou grandemente!

Eu pregava sob a unção do Espírito Santo e ajuntou-se a multidão, que encheu o lugar quase a ponto de sufocar-se. Porém Deus manifestou seu poder maravilhosamente. Depois de pregar, e isso por meio de intérprete, com o calor quase insuportável (67º), oramos tôdas as noites por cêrca de quinhentos doentes.

Apesar do grande calor, as senhoras assistiam com crianças de colo. Havia, às vêzes, cinqüenta crianças, ou mais, em uma só reunião e tôdas choravam por causa do intenso calor. Ao iniciar o culto, eu anunciava: "Antes de pregar queremos ministrar às crianças. Foi uma maravilha ver, ao impor-lhes as mãos, como um espírito de silêncio, sossêgo e paz desceu sôbre as reuniões! O poder de Deus estava em nosso meio. Certo homem que estava no meio da multidão, e passara muitos anos cego, foi curado. Deus lhe abriu os olhos, repentinamente. Presenciamos muitos milagres da mesma ordem.

Não compreendo como Deus pode conceder glória e poder a qualquer de Seus filhos, mas Êle o faz. Havia milhares de pessoas, que não podiam entrar nas reuniões, mas ao passar entre essas grandes multidões, as que não podiam entrar, estenderam a mão para tocar em mim e foram curadas. Admiro-me da graça de Deus que permite tal coisa acontecer. Há algo em crer em Deus que induz Deus a passar por um milhão de pessoas para nos ungir. Creio que Deus sempre vem para nos

encontrar em qualquer coisa especial se tivermos a coragem de crer nêle.

Em certo lugar eu podia ficar apenas quatro dias. O povo estava desapontado ao saber que eu tinha de partir. Anunciei uma reunião para às oito horas da manhã e pedi a tôdas as mães que desejassem ver as crianças de colo curadas, e a tôdas as pessoas com mais de setenta anos de idade que comparecessem. Na hora marcada havia 400 mães com suas crianças e cêrca de 150 velhos, com os cabelos grisalhos, que vieram para serem curados. Nesses dias milhares afluíram para ouvir a Palavra de Deus. De uma vez, três mil pessoas, creio, começaram a clamar a Deus pedindo misericórdia. Foi uma cena comovente.

Certo dia desembarquei na Noruega, às nove horas da manhã. Disse a um amigo, que servia de intérprete: "Ninguém sabe que estou aqui. Vamos aos *fiords* onde podemos estar à vontade e descansar; sinto-me cansadíssimo." Passamos algumas horas descansando ao sol. Mas quando voltamos, as ruas em redor do edifício, onde ia falar, estavam cheias de tôda a sorte de veículos que tem rodas. Êsses veículos estavam cheios de doentes. O irmão que ia interpretar correu para a entrada do prédio e disse-me: "Que faremos? O edifício está repleto de pessoas!" Despi-me do paletó, subi em um veículo após outro e orei pelo povo. Houve grandes brados na rua, cada vez que Deus curava alguém. Depois entrei no prédio onde Deus continuou a curar.

Mas isso não foi tudo. Sentamo-nos para comer. Antes de nos levantarmos da mesa, o telefone tilintou. Alguém telefonou e disse: "Que faremos? A Câmera Municipal está cheia e milhares estão do lado de fora. A polícia não pode dominar a multidão." Respondi-lhe: "Iremos já." Dois policiais me acompanharam; passamos pela multidão,

com muito custo. Ao entrarmos na Câmara Municipal, tudo estava abarrotado de maneira como jamais tinha visto! O auditório formava uma massa tão compacta que ninguém podia cair no chão! O Espírito do Senhor estava sôbre mim. Comecei a pregar. Não me lembro mais do assunto, mas senti-me consumido pelo zêlo do Senhor. Clamei a Deus e pedi-lhe uma mensagem diferente, para que acontecesse algo nessa reunião diferente de tôdas as demais. Enquanto eu pregava, ouvi a voz de Deus dizendo-me: "Se pedires, dar-te-ei tôdas essas almas." Continuei a pregar e Deus repetiu: "Se me pedires, dar-te-ei tôdas essas almas." Eu sabia que era a voz de Deus, mas demorei algum tempo até aceitar. Então ouvi novamente a voz do Senhor: "Se me creres e me pedires, dar-te-ei tôdas essas almas." Olhei para Êle e disse: "Pois bem, Senhor, digna-te fazê-lo. Peço-Te o favor de conceder-me tôdas essas almas." Deus soprou sôbre nós e o Espírito Santo varreu todo o auditório. Nunca tinha visto coisa semelhante. Todos clamaram pedindo misericórdia! Creio que Deus me deu tôdas as almas. Essa é a minha concepção de Pentecostes. O Pentecostes é crer que, depois do Espírito Santo nos sobrevir, temos poder. Não receies crer. Crede que Deus vos está fazendo co-participantes da natureza divina por meio das Suas preciosas e mui grandes promessas. Seu poder eterno operando em nós produz uma ordem divina que nada no mundo pode ultrapassar.

Smith Wigglesworth, durante tôda a sua vida, preferiu ficar desligado de qualquer grupo de crentes. Seu coração ardia de amor por todos os santos Acompanhavamo-lo em várias cidades quando procurava o Exército de Salvação para assistir seus cultos de oração às sete da manhã. Freqüentemente assistia, também, a "Santa Ceia", às oito horas na Igreja Episcopal. Três vêzes fêz uma

campanha a pedido de ministros da Igreja Episcopal. Se lhe pedissem, vestia a sobrepeliz e a sotaina, o uso das quais êles, os episcopais, acham indispensável para os ministros. Certo ministro Episcopal combinou uma série de cultos em uma tenda de lona em Londres. O bispo episcopal fêz pressão sôbre o ministro dessa igreja, mas o filho do ministro fôra curado pelo ministério de Smith Wigglesworth e êle queria que outros, também, fôssem abençoados da mesma maneira. Certa vez, quando o rei Jorge V estava doente, a espôsa dêsse mesmo pregador Episcopal enviou ao rei um lenço, sôbre o qual o nosso *Grande-Coração* tinha orado. O rei respondeu, escrevendo-lhe uma carta para lhe agradecer.

As Assembléias de Dens da Grã-Bretanha, geralmente, convidavam-no para assistir as convenções anuais. Queriam que todos recebessem a inspiração de seu ministério. Êle mesmo, contudo, recusava assistir as deliberações das convenções, dizendo: "Podeis tratar dos negócios da convenção; passarei o tempo orando por vós." E retirava-se para passar o tempo orando.

Sem a filiação com qualquer denominação, faltava-lhe o apoio dos homens e, freqüentemente, chegou em lugares sem possuir qualquer credencial, nem sustento, mas sòmente a fama que adquirira por meio de seu ministério. Isso aconteceu especialmente em vários países da Europa, os quais visitou depois da primeira guerra mundial. Chegou à Suécia sendo inteiramente desconhecido, mas Deus estava com êle, em grande poder. Levou cidades inteiras a olharem para Deus e foi convidado, contìnuamente, a voltar. Realizou muitos e gloriosos cultos nesse país.

Ao chegar a Nova Zelândia, havia sòmente um homem para o receber. Entretanto milhares foram ganhos para Deus; sendo salvos, curados e cheios

do Espírito Santo durante o seu ministério de poucos meses ali. Foi o maior despertamento da Ilha do Norte durante mais que um século. Como resultado de seu ministério, 2.000 pessoas, mais ou menos, participaram da Ceia do Senhor, certo domingo em Wellington.

Não havia qualquer grupo para recebê-lo quando o navio chegou a Colombo, Ceilão. Foi em terra quase desapercebido, mas antes de passar muitos dias lá, todo o lugar estava vibrando do poder de Deus. Multidões afluíram para tocar na sua pessoa e dezenas de pessoas que passaram na sua sombra foram curadas e vivificadas.

De uma maneira ou de outra, porém, a sua fama geralmente o precedia. Certa vez quando o navio em que viajava entrou em um pôrto de uma das ilhas do Pacífico, passou todo o tempo pregando e orando pelos enfermos, até o navio fazer-se novamente ao mar. Era incansável no seu zêlo para socorrer os necessitados.

Ao chegar pela primeira vez à Palestina, era inteiramente desconhecido, mas, em breve, estava pregando o Evangelho e curando os doentes. Os cultos no monte das Oliveiras eram grandemente abençoados; um grande número de pessoas recebeu o Espírito Santo como no Pentecostes. O interêsse do povo foi tal que atrasaram a partida do trem, de Jerusalém a Haifa, para que êle pudesse findar o sermão que pregava ao povo, que se ajuntou para ouvi-lo. Em todo o caminho para o Egito estava em fervorosa palestra com homens de influência, mas que repudiavam o cristianismo. Ao chegar em Alexandria, seus companheiros de viagem o levaram para almoçar com êles, querendo ouvir mais sôbre as coisas de Deus. Ao referir-se a essa visita à Terra Santa, disse, rindo, que devia ser o único pregador gentílico a receber oferta dos judeus que, moram lá. Deus utilizava-se vá-

rias vêzes de Seu servo a bordo de trens e navios. Êle contou-me o seguinte:

"Lembro-me de certa vez, em viagem para Cardife, no sul de Gales, que passei muito tempo em oração. O carro estava lotado de pessoas e eu sabia que não eram salvas. Mas havia tanta brincadeira e tantos gracejos entre os passageiros que não achei oportunidade para dizer uma palavra. Quando o trem já não estava muito distante da cidade, levantei-me e fui lavar as mãos, esperando ir diretamente da estação ao culto. Ao voltar ao assento, certo homem, na minha frente, levantou-se repentinamente, e me disse: "Senhor, eu estou convicto do meu pecado." Caiu de joelhos e em poucos minutos todos os passageiros do carro estavam clamando, da mesma maneira, a Deus. Êles me perguntaram: "Quem é o senhor? Qual o seu ofício? O senhor nos convence de nosso pecado." Foi uma grande oportunidade que Deus me concedeu. Muitas almas nasceram no reino de Deus nesse carro do trem."

Em viagem para a Austrália, escreveu:

"Comecei a testificar, particularmente, entre os passageiros, do poder de Deus. Houve grande convicção e cada um passou a falar ao próximo. Assim foi-me aberta uma grande porta. Certo homem rico, com a sua senhora, viajavam de primeira classe, enquanto seu criado e espôsa viajavam de segunda. Realizavam-se bons cultos de manhã e à noite, presididos pelo Bispo de Bombaim. Certo dia, depois do culto de manhã, conversei por muito tempo com o Bispo, o qual se mostrou grande interêsse na minha obra.

"Depois do culto de noite o criado do homem rico e sua espôsa me procuraram; sua patroa achava-se muito doente. Já chamaram o médico e êsse prognosticou doença grave. O criado informara a sua patroa acêrca de mim e ela queria uma en-

trevista comigo. Achei-a, não sòmente muito doente, mas tomada pelos princípios da Ciência Cristã. Vendo que essas doutrinas lhe falharam, temia grandemente. Falei-lhe sôbre o único princípio que eu conhecia, o de Jesus, mas ela nada sabia acêrca dêle. Orei por ela, impuz-lhe as mãos, reprovei o demônio em o nome de Jesus, e a febre deixou-a imediatamente. Hoje ela está buscando a salvação pela Palavra de Deus. Está fora, no tombadilho, forte e sadia. Tive o gôzo, também, de tratar com o criado e sua espôsa sôbre a salvação."

Tiago Salter, seu genro, escreveu acêrca dêle: "Parecia um vulto muito solitário, no convés do gigantesco navio repleto com cêrca de mil passageiros, a primeira vez que partiu para a Austrália. Ao afastar o navio do cais, levantou sua voz repetidamente enunciando uma série de aleluias, com incomparáveis clareza e volume. Êle assustou seus companheiros de viagem, com sua poderosa voz, o que levou o comandante, na ponte de comando, a exclamar: "Tem pulmão de ferro!" Foi nesse navio que o convidaram a assistir um concêrto. Pediu o último lugar no programa. A pianista não podia tocar a música do hino mas êle cantou sòzinho um hino louvando a Cristo. O concêrto transformou-se em culto de oração, no qual almas foram salvas. O baile anunciado para realizar-se após o concêrto foi cancelado."

Certa vez comprometeu-se a ajudar um moço a iniciar a obra de Deus em uma localidade nova e muito difícil. Estava ministrando no litoral do Pacífico, dos Estados Unidos, junto com o casal Salter, quando soube que êsse moço, no litoral do Atlântico precisava dêle. Não vacilou a pagar mais ou menos Cr$ 10.000,00 de passagens, atravessando o país para cumprir seu compromisso de ajudar o jovem ministro. No primeiro culto sòmente seis pessoas assistiram, em um prédio que

comportava 5.000. Não foi um início muito animado, mas antes da campanha findar, os auditórios encheram o grande edifício e o jovem pregador conseguiu fundar outra assembléia.

Seu zêlo não diminuiu no calor dos trópicos, onde enfrentou os maiores problemas entre os enfermos; nem se mostrou menos zeloso na gélida Noruega, ou Finlândia, pregando e orando pelos doentes, onde um intérprete após outro cansava de interpretá-lo.

Diziam-lhe freqüentemente: "É impossível realizar três cultos por dia nesta cidade; o povo não assistirá e se assistisse três cultos, seria demasiado para qualquer pregador." Entretanto realizavam-se três cultos por dia, o povo assistia e êle resistia durante um mês, de cada vez. Mesmo nas maiores campanhas, em tendas de lona e sob as maiores provações, êle mantinha as suas fôrças, semanas a fio. Demonstrou que o jugo do Senhor é suave e que Seu fardo é leve. Alegrava-se em fazer a vontade de Deus. A sua comida consistia em fazer aquilo que Deus lhe dera para cumprir seu ministério. O gôzo do Senhor o susteve durante tôda a sua vida.

Trabalhava mais nos domingos do que em qualquer outro dia. Durante um período de muitos anos pregava ao ar livre, até muito tarde, nos sábados à noite. Depois realizava uma reunião de oração. Apesar disso, levantava-se cedo, nos domingos, arrumava tudo para os cultos durante o dia. No tempo de frio cuidava de aquecer o prédio, espanava os bancos, orava sôbre cada banco ao passar o espanador, aprontava a mesa para a Ceia e presidia o culto de oração cedo de madrugada. No princípio, sua espôsa fazia a maior parte da pregação e cuidava dos muitos hóspedes em casa. Depois dos cultos dos domingos, à noite, sempre havia almas buscando a salvação e os

Wigglesworth chegavam em casa muito tarde. Em seguida a doce comunhão com os hóspedes em redor da mesa de jantar continuava até muito depois de meia noite.

Nosso *Grande-Coração* e sua espôsa eram dignos de imitação como pais espirituais; não sòmente tinham grande número de filhos, no Senhor, mas cuidavam dêles, alimentavam-nos com a Palavra de Deus e lutavam em oração para que cada um se firmasse em tôda a vontade de Deus. Suas vidas práticas, tanto como seus preceitos, suas vidas santas, tanto como suas lições de integridade estimularam e deram forma às vidas de muitos jovens ao entrarem na obra de Deus. Obreiros em tôdas as partes do mundo louvam a Deus pela inspiração recebida das vidas dêsses dois servos do Senhor.

Assim disse o sr. Salter acêrca dêle: "Foi incansável e infatigável durante tôda a sua vida; sòmente um pouco antes da sua morte é que notamos qualquer mudança ou que êle referia-se de qualquer forma à sua idade. Chegou em casa vindo de uma convenção onde se esforçou muito — além de suas fôrças. Vimos no seu semblante, ao recebê-lo no trem, que estava cansado. À noite, antes de orarmos, êle disse: "Não entendo alguns dos jovens pregadores de hoje em dia. Imagine um homem da minha idade pregando três vêzes por dia e orando pelos enfermos depois dos cultos. Ao mesmo tempo alguns dêles me deixam pregar de tarde enquanto ficam em casa dormindo. Quando eu tinha a idade dêles, pregava o dia inteiro, orava e permanecia tôda a noite com aquêles que buscavam o batismo no Espírito Santo." Assim Smith Wigglesworth trabalhou, em labor e fadiga, até o pôr do sol."

Capítulo VIII

MILAGRES NA AUSTRÁLIA E NOVA ZELÂNDIA

Foi em princípios de 1922 que nosso *Grande-Coração* fêz a sua primeira visita à Austrália.

Citamos o seguinte do jornal *Confidence*, escrito pela irmã Winnie Andrews, de Vitória: "Nosso amado irmão Wigglesworth chegou a Melbourne, quinta-feira e fêz um culto na noite do mesmo dia... Apesar de explicar cuidadosamente porque preferia ver um pecador salvo, do que ver dez mil pessoas curadas de corpo, convidou tôdas as pessoas que sentissem dores a irem à frente, para oração... Entre aquelas que responderam havia muitas que, segundo declararam, foram curadas maravilhosa e instantâneamente. Uma criança, de seis anos de idade, depois do evangelista orar, saiu andando pela porta da frente. Sua mãe que a acompanhava encantada, dizia a todo o mundo: "Olhe! É a primeira vez na sua vida que ela caminha!" Certo homem que não andava havia quatro anos, por causa de artrite-reumático, foi curado instantâneamente, deixou suas muletas na plataforma e demonstrou a fôrça que recebera nas pernas, saltando e louvando a Deus.

"Desde a primeira noite havia muitas outras curas maravilhosas. Ontem à noite uma pobre mulher, que não andava há seis anos e seis meses

foi levada a frente e oração foi feita por ela. Glória a Deus, levantou-se da sua cadeira e andou. Seu marido saiu empurrando a cadeira enquanto ela seguia caminhando.

"Havia muitas conversões — em um só culto quarenta aceitaram a Jesus como seu Senhor e Salvador. Caem chuvas de avivamento e Deus está fazendo Sua obra."

Alguém pode perguntar, o que é muito natural, se os curados ficam curados. Há aqui diante de nós um maço de testemunhos de curas, preparado quinze meses depois que o nosso *Grande-Coração* visitou a Austrália. Entre êsses há dezoito testemunhos de curas extraordinárias na sua primeira campanha na Austrália. Há em nosso poder, também, um número do *Australian Evangel,* de 1 de fevereiro de 1927, no qual se encontram treze testemunhos de pessoas curadas durante a campanha, que se realizou cinco anos antes. Temos, também, um número do *Australian Evangel,* de 1 de março de 1927, no qual se relata a história da ressurreição, cinco anos antes, de uma pessoa que vivia à porta da morte. O testemunho é tão extraordinário que o citaremos integralmente. Foi escrito pela sra. Catarina Brickhill, de Vitória:

"Com a idade de dezessete anos fui salva de uma vida frívola e do pecado. Foi o raiar de um glorioso dia ao ficar ciente de que passara da morte para a vida, do poder do pecado e de Satanás, para a maravilhosa liberdade dos filhos de Deus.

"Contudo, depois de dezesseis meses de servir ininterruptamente ao Mestre, infelizmente, fui acidentada, sofrendo grande ferida no abdomen. Foi necessário consultar quatro médicos, os quais me aconselharam a ser operada. O resultado da operação foi que tinha de passar quase catorze lon-

gos anos sofrendo constantemente e a maior parte do tempo acamada.

"Por fim, fiquei tuberculosa e a funesta doença me deixou sem fôrças. Passava dias e noites seguidos sem poder dormir. Achei alívio sòmente ao tomar alguma coisa para produzir sono, mas, por fim isso me deixou em estado comatoso. Vomitava imediatamente o pouco de comida que conseguia engulir. Às vêzes nem podia reter no estômago um gole de água.

"Muitos dos melhores especialistas, cirurgiões e médicos receitaram-me vários remédios, mas sem êxito. Diversos dêles me disseram que não havia mais esperança, que não restava nada que salvasse a minha vida.

"A obra mortífera da doença manifestou-se grandemente nos rins, os quais estavam furados, causando hemorragias freqüentes. Sinais exteriores da doença apresentaram-se no braço esquerdo, nas coxas e nos quadris; tôdas essas partes do corpo estavam atacadas de feridas, das quais corria pus, conforme a natureza dessa enfermidade. Os braços e as pernas eram descarnados ao ponto de causarem nojo aos que as contemplavam. Os ossos foram atacados e não havia mais esperança para mim. Era um esqueleto, pesando menos de vinte quilos e os médicos diziam que eu não duraria mais de quarenta dias. Não temia a morte mas desejava-a para livrar-me de todos os meus sofrimentos.

"Enquanto eu jazia nessas tristes condições, em princípios de Fevereiro de 1922, um raio de luz penetrou na minha alma. Recebi notícias de que certo evangelista da Inglaterra estava fazendo cultos na cidade de Melbourne, pregando o Evangelho de Jesus Cristo e Seu poder para curar enfermos. Êsse evangelista era Smith Wigglesworth, e anunciaram que êle orava pelos doentes. Ao saber disso,

comecei a receber fé em Deus e pedi ao evangelista que fôsse à nossa casa para orar por mim. Entretanto fui informada de que havia tantas chamadas que o evangelista não podia atender para orar pelos enfermos nos domicílios. Senti grande desânimo; mas, louvado seja o Senhor, recebi mais fé. Ao implorar permissão de meus pais, êles, por fim, consentiram com relutância, que eu fôsse levada a um culto.

"Foi assim que, no dia 16 de fevereiro, como mesmo o último recurso, no lastimável estado em que me achava, fui levada a um dos cultos do domingo. No decorrer do culto a minha fé começou a aumentar e comecei a sentir a presença real de Deus Foi mesmo um tempo santificado. Por fim o evangelista foi dirigido para mim. Ao saber que foi um caso de tuberculose êle me falou sinceramente dizendo: "Irmã, creio que o Senhor vai curar-te; não temas, crê sòmente." Com os olhos via ninguém senão Jesus; esperava que Êle, na Sua divindade, me tocasse. Depois de me ungir, enquanto orou por mim, o poder de Deus permeou todo o meu ser e fui curada no mesmo instante. Desapareceram tôdas as dores, tôda a fraqueza e tôda a doença, Aleluia! Os laços me caíram. A minha alma estava liberta. Levantei-me e saí, louvando a Deus e reconhecendo que fôra feita uma grandíssima obra.

"O meu primeiro desejo foi voltar imediatamente para casa e relatar o que acontecera. Mesmo em caminho, regressando para casa, testifiquei do fato da cura, caminhando sem ninguém me ajudar. Ao chegar em casa estava com apetite voraz, apesar de não ter sentido fome durante alguns anos. Os outros membros da família observavam-me inquietos enquanto eu comia, receando que me voltariam os males que sofrera ao alimen-

tar-me. Mas admiraram-se; comi bem e gostei imensamente da refeição.

"Depois da janta, tirei as ataduras, descobrindo os lugares das feridas no meu corpo. Vimos que o Senhor restaurara o osso cariado e destruído, por novo e sadio osso coberto de carne e em todos os lugares onde houvera úlceras havia nova e sadia carne coberta de pele como a de uma criancinha. A minha mente foi vivificada e descansei a noite inteira; pela primeira vez dormi normalmente desde que caí doente.

"Agora faz cinco anos que o Senhor extendeu a Sua mão para me tocar, e, durante êsse tempo, continua a me proteger com a Sua presença e a me encher de Seu Espírito. O Senhor, logo depois de me curar, concedeu-me um lugar para trabalhar na Sua vinha, em um bairro de pobres, onde, por Sua graça, muitas almas foram ganhas para Êle. Ao meu lado, nesse serviço, está meu marido, o qual o Senhor me deu em uma maneira maravilhosa, faz três anos.

"É o meu desejo ardente que o poder de Deus, manifestado para me curar, sirva para animar alguém à vencer as dúvidas e crer em Deus, provando que Êle é fiel à Sua palavra, que "tudo é possível ao que crê" (Marcos 9:23) e que Êle é o mesmo, ontem, hoje e para todo sempre. Hebreus. 13:8."

Recebemos nesse mesmo tempo uma carta de W. Buchanan, um obreiro de Melbourne. Êle escreveu o seguinte acêrca da campanha do irmão Wigglesworth: "Gozamos de três semanas de gloriosa vitória nos cultos, em Melbourne. Mais que mil almas converteram-se a Jesus Cristo e muitas dezenas foram curadas. De fato, continuamos a receber testemunhos de curas."

Depois de deixar grandes bênçãos em muitas partes da Austrália, nosso *Grande-Coração* passou

à Nova Zelândia. O seguinte é de uma carta que recebemos de E. F. Pennington, diretor da *New Zeland Evangelical Mission* de Welington. "Smith Wigglesworth veio a Welington quase desconhecido entre nós. A sua chegada não foi proclamada tocando trombeta; havia apenas alguns anúncios pequenos nos diários locais. Cêrca de mil pessoas assistiram ao primeiro culto, no domingo, à noite, e, na noite de segunda-feira, mil e quinhentas a mil e seiscentas. Depois não havia prédio disponível que comportasse o povo que queria assistir. No grande prédio municipal, com assentos para cinco mil, não cabia o povo que vinha tôdas as noites. Às vêzes as multidões chegavam algumas horas antes de abrirem-se as portas, para não perder a oportunidade de ouvir a mensagem. Eu trabalhara com grandes evangelistas como Torrey e Chapman nas suas campanhas da Nova Zelândia, mas nunca tinha presenciado tais cenas como vi depois da Proclamação da Palavra de Deus por êsse homem cheio do Espírito Santo Tôdas as vêzes, que fazia o apêlo aos não convertidos a entregarem-se a Cristo, a resposta era imediata e grande. Houve noites em que quatrocentas a quinhentas pessoas respondiam, em um só culto. Mais que dois mil foram salvos durante os cultos em Welington. Diversas vêzes, famílias inteiras entraram no reino de Deus

Não todos os diários publicaram notícias favoráveis. Temos em mão, contudo, um artigo com o título: "Crês na cura da fé?" O escrito começa: "Certamente que não crês Porque não podes crer no que nunca viste. Mas, talvez, viste e ficaste perplexo como eu fiquei. É possível, porém que visses sem ficar perplexo, porque te converteste Há grande número de pessoas que se converteram durante esta campanha. Algumas assistiram sem

preconceitos; outras foram para escarnecer, mas ficaram para orar.

Acredites ou não nas curas da fé, o assunto é de vivo interêsse, como está provado pelo fato de milhares se reunirem para ouvir e ver o sr. Smith Wigglesworth na câmara municipal. Ao ver tão grande interêsse resolvi saber a verdade por mim mesmo.

"Tenho em meu poder vários atestados de cidadãos que moram em Welington, os quais se apresentaram pedindo curas ao sr. Smith Wigglesworth, na sua visita feita a esta cidade, recentemente. Os atestados são genuínos, prestados sob juramento diante do sr. C. A. Baker, juiz de paz e falam por si mesmos... Estou suprimindo os nomes aqui, mas os originais estão no escritório do *The Dominion* para o livre exame do público."

No artigo publicado no jornal, foram incluídos cinco dos atestados. O primeiro é de um leiteiro que não sòmente sofria de gastrite crônica mas, também, estava paralisado da cintura para baixo, conseguindo andar de muletas, mas sòmente arrastando as pernas. Quando o evangelista pediu as muletas, depois de o ungir, êle lhas entregou e voltou para casa, andando. Afirmou, também, que durante catorze anos tinha um quisto na nuca, do tamanho de ôvo de galinha. Tinha falado com vários médicos acêrca de removê-lo. Ao acordar-se de manhã, depois da sua cura, descobriu que o quisto, também, desaparecera.

Outro testemunho é de uma jovem de vinte anos de idade, que desde a infância sofrera de curvatura dupla da espinha. Começou a caminhar sòmente com a idade de quatro anos e nunca pôde levantar-se do chão sem agarrar-se a um objeto com ambas as mãos. Uma perna era oito centímetros mais curta do que a outra e media oito centímetros menos em circunferência do que a ou-

tra. Ela persuadiu aos pais a levarem-na à câmara municipal. Ali o evangelista colocou as mãos sôbre a cabeça e sôbre a espinha dorsal e ela foi curada, no mesmo instante. "A espinha endireitou-se e em poucos dias a perna cresceu. Sofri, também, de uma coxa, mas foi curada. No domingo seguinte, não havia trem, mas eu queria assistir o culto de forma que tive de caminhar a pé de Ngalo, ida e volta, sem sentir qualquer mal."

O repórter, depois de dar os cinco testemunhos, acrescentou: "Há muitos atestados mais, da mesma natureza, mas falta-nos espaço para publicá-los. Então que pensas? Crês na cura da fé? Ou permaneces nas fileiras dos céticos?"

Em 1927, nosso *Grande-Coração* voltou novamente à Austrália e a Nova Zelândia, acompanhado então por sua filha, Alice, espôsa de Tiago Salter. Realizaram-se campanhas abençoadas em muitas cidades. A Palavra foi confirmada pelos sinais que se seguiam. As duas seguintes narrativas notáveis falam por si mesmas. As duas foram publicadas no *Australian Evangel* de 1 de Abril de 1927.

A senhorita H. Todd de Naremburn, N.S.W., testificou: "Enquanto estava ocupada na minha profissão de enfermeira, em Sidney, fui acidentada, e sofri fratura da rótula de um dos joelhos. Isso resultou em sinovite e artrite crônica. Recorri aos melhores médicos em Sidney e Orange, sem achar alívio permanente. Passei a maior parte de dezoito longos meses acamada. Tive a infelicidade, também, de sofrer a ruptura dos músculos da outra perna. Às vêzes, as dores eram excruciantes. Não havia mais esperança de voltar a exercer a minha profissão de enfermeira. Senti-me muito infeliz, especialmente porque, apesar de me sentir forte e sadia de corpo, esperava, por causa das pernas, passar o resto da vida aleijada e

acamada, necessitando que outros cuidassem de mim.

"Como eu era cega; apesar de estar no meio de pessoas que me mostravam o que as Escrituras ensinam sôbre a cura divina! Vi que a Bíblia relata acontecimentos maravilhosos, mas aconteceram em tempos passados. Todo o mundo falava no evangelista, Smith Wigglesworth, mas eu não ligava importância. Depois do evangelista começar a campanha anunciada, para continuar sòmente cinco dias, meu irmão e outros falaram-me com muita convicção, acêrca da realidade que as Escrituras ensinam acêrca de cura divina. Até então, eu tinha sido muito contrária, mas depois passei a estudar a Bíblia cuidadosamente. E, como o filho pródigo, sentindo-me sem mais esperança, cai em mim mesmo e disse: "Levantar-me-ei e irei ter com meu Pai." E, louvado seja Deus, grande foram as bênçãos que Deus me concedeu. Fazia muitos anos que eu era crente, mas tive de despertar-me antes de ouvir Sua voz e Êle ungir meus olhos. Ao ler as Escrituras admirei-me das palavras: "Uma coisa sei: Eu era cego, e agora vejo." João 9:25. Essas palavras estiveram perante mim, na minha mente, durante todo o dia de sexta-feira e de sábado; também as palavras: "Eu, o Senhor, não mudo." Essas palavras persistiram em voltar tanto a minha mente que resolvi ir ao culto e pedir oração.

"Eu usava um aparelho de aço e de couro, em uma perna, para evitar dar mau jeito no joelho, o qual me causava intensa dor. A outra perna estava seguramente enfaixada com ataduras. Consegui subir, de muletas, no carro que me levou ao culto. Soffri muito mas confiava em Deus para ser curada. Depois do sermão, uni-me aos outros que pediam oração. Quando o evangelista impôs-me as suas mãos, tive uma experiência estranha,

contudo, maravilhosa; parecia-me que jatos de água fria, sob grande pressão, batiam nas lesões das minhas pernas. A água parecia bater com fôrça suficiente para causar-me dor e reconheci que foi a mão do Senhor. Contudo ao sair do culto não senti qualquer alívio e falei com duas ou três pessoas acêrca do desapontamento que senti.

"Em todo o caminho, quando regressava para casa, chorei copiosamente, derramando o meu coração diante de Deus e repetindo: "Senhor creio: ajuda a minha incredulidade". Ao chegar em casa ajudaram-me descer do carro, mas depois de andar alguns passos, disse-lhes que queria andar sem o auxílio de ninguém. No instante em que alcancei a porta, brilhou na minha frente um muro de fogo de luz intensa, e gritei: "Glória a Deus, estou curada." E de fato estava. Entrei em casa louvando a Deus. Continuei de andar de uma ponta da varanda à outra, caminhando como antes de ser acidentada; e glorificando a Deus. Vendo as muletas, disse: "Levem essas muletas para a bondosa amiga que mas emprestou; não as precisarei mais. Assim as muletas foram devolvidas, à meia noite. Ao levantar-me de manhã, joguei o aparelho e as ataduras fora. Não mais toquei nêles; fiquei curada, de tudo.

"Dois dias depois fui gloriosamente batizada no Espírito Santo, segundo Atos 2:4. A Bíblia significava mais para mim agora do que nunca. O Senhor é meu Salvador do pecado, é meu Grande Médico, é Quem batiza com o Espírito Santo, e Quem vem, breve, para buscar a Sua noiva."

O outro testemunho é da sra. Legate Pople, Orange, N.S.W. "As palavras de Gênesis 24:27, *o Senhor me guiou no caminho,* parecem a melhor explicação da maravilhosíssima bênção que recebi de Deus, faz 35 dias. Eu anelava ir para a Casa Paterna! Não havia alívio, entre os homens, para

o meu coração. Com qualquer movimento da minha parte, saía um caroço do tamanho de um ôvo, próximo ao coração. Passei quatro meses prostrada, próxima a partir para o Lar Eterno, quase dentro das Portas de Pérola. O raiar do dia eterno parecia quase uma realidade e eu ansiava que chegasse. Estava tão desejosa de entrar na glória, que, quando me perguntaram se queria que o evangelista Wigglesworth orasse por mim, no caso de eu permanecer na terra até êle chegar, respondi enfàticamente e de todo o meu ser: "Não." Havia grande número de amigos orando por mim em tôda a parte e não sentia necessidade de mais oração; a minha mente e a minha esperança estavam "nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra." Nem sonhei de quão maravilhosas bênçãos havia aqui na terra que nunca experimentara, bênçãos que o amado Salvador queria que eu conhecesse antes de entrar na Casa Paterna, bênçãos que Êle, na Sua misericórdia, começou a concretizar.

"O irmão Wigglesworth não era esperado antes de dois meses. Entretanto foi necessário mudar seu itinerário e chegou quase sem aviso prévio. Não dei importância a isso; a minha companheira de sofrimento, irmã Todd (cujo testemunho aparece, também, no presente capítulo) e eu, tínhamos resolvido, juntas, não mostrar qualquer interêsse nos cultos do evangelista. Quão verdadeiras são as seguintes palavras do Senhor: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor." Isaias 55:8-11. No decurso da campanha, a minha companheira, que era contra a doutrina da cura divina, passou a examinar as Escrituras, novamente, para ver se as coisas ensinadas e afirmadas por tão grande número de pessoas eram realmente bíblicas. Ela ficou tão convicta da ver-

dade de Deus, o qual disse: "Eu, o Senhor, não mudo," que entrou no meu quarto e me disse que ia ao culto para o evangelista impôr-lhe as mãos e orar por ela.

"De noite vi-a, de muletas sair para o carro, sofrendo muita agonia. Não sei como foi, mas senti no meu coração que ela voltaria curada. Depois de voltar, veio ao meu quarto, como o homem da antiguidade, saltando e louvando a Deus. Ao entrar, ela me disse: "Irmã, estou curada." De fato, estava perfeita e completamente sã. Aleluia! Era maravilhoso!

"Durante a noite inteira orei e busquei ao Senhor. Então me veio o pensamento: Como podia eu encarar meu amado Salvador, a Quem amava de todo o meu coração, se fôsse para o Lar celeste, recusando provar se Êle queria ou não, que eu ainda fizesse algo para Êle — especialmente quando tinha feito tão grande milagre diante dos meus olhos?

"De manhã, do último dia da campanha, eu esperava que alguém aparecesse no meu quarto, porque queria que chamassem o irmão Wigglesworth para orar por mim, antes do culto da manhã. Ouvi os queridos da família fazendo um culto de oração, mas tinham encostado a porta e não entendi o assunto das orações que faziam. Eu desejava ardentemente que viesse alguém para levar o meu recado, mas o tempo ia passando e não vinha ninguém. Supliquei ao Senhor com mais insistência. Perguntei-me a mim mesma: Será que estão tão ocupados buscando bênçãos para si que se esquecessem de mim? Então lembrei-me de como eu anteriormente tinha dito: "Não", tão enfàticamente, que êles não queriam mais solicitar-me, e ficaram orando ao Senhor que Êle me constrangesse a pedir oração.

"Quando, por fim, entraram no meu quarto, não olharam para mim com sorriso, nem falaram como de costume. Pedi a cada um que levasse o meu recado, mas pedi cinco vêzes antes de alguém comprometer-me a fazê-lo. Eu tinha dito: "Não", uma vez, mas agora tinha de dizer: "Sim", cinco vêzes. O culto de manhã parecia longo, mas, por fim, entrou a enfermeira, cujo rosto brilhava de gôzo, para anunciar que o evangelista estava chegando. Lembro-me de como vi, indistintamente, o homem entrar, então vi sòmente a Jesus. Quão preciosa é a maneira de Jesus manifestar-se assim mesmo! O evangelista pediu que sua filha (a irmã Salter) colocasse as mãos sôbre os meus joelhos e êle colocou as suas sôbre a minha cabeça e orou maravilhosamente — foi maravilhosíssimo para mim, porque senti-me transportada para a glória. Então pôs as mãos sôbre o meu coração, pediu ao Senhor que me curasse, reprovou a morte e mandou, no nome de Jesus, que ela fôsse arrojada para longe de mim.

"O irmão Wigglesworth logo ao entrar, perguntou-me: "Está pronta a levantar-se?" Respondi-lhe: "Sim, estou pronta." Então quando êle disse: "Levanta-se," levantei-me. Esqueci-me inteiramente da minha impotência, de alguns minutos antes, esqueci-me de não poder mexer o corpo na cama. Estava possuída de um só pensamento: levantar-me e vestir-me o mais depressa possível. Apressei-me a tirar duas pesadas malas de mão, cheias de livros, para apanhar a roupa e vestir-me, antes que chegassem as jovens de minha classe bíblica, as quais costumavam vir para me visitar depois dos cultos. Passei a tarde do dia anterior semicônscia e os amigos que presenciavam os meus esforços pensavam que fôssem os últimos momentos. Apenas tinha acabado de preparar-me, quando a porta se abriu e entraram as alunas da

classe. Ficaram estupefatas! Algumas choraram; outras se riram, mas passaram a chorar também. Começaram a abraçar-me, mas, lembraram-se do meu coração e desistiram. Porém não me fizeram mal; era perfeitamente curada. Não senti fraqueza, apesar de haver passado quatro meses prostrada e quase sem comer. Durante todo êsse tempo não senti fome, nem sêde; tomava alguns golinhos sòmente para agradar os que insistiam comigo. Porém, uma vez curada pedi uma refeição e jantei bem. Fui transformada, uma nova criação, cheia de Deus, divinamente curada, levantada instantâneamente, da sombra da morte para a vida abundante — salva para servir.

"No dia depois da minha cura fui batizada no Espírito Santo, segundo Atos 2:4. Êle, me enche, dia após dia, e de hora em hora, de gôzo indizível e cheio de glória."

Capítulo IX

VISITA À SUÍÇA E À SUÉCIA

No ano de 1920, nosso *Grande-Coração* trabalhou durante um período de seis meses na Europa. Depois de ministrar algum tempo na França, passou à Suíça. A seguinte narrativa de seu labor é uma parte do discurso de Madame Debat, de Paris, que lhe serviu de intérprete na França, e na Suíça Francesa.

Em Chartres, nos Alpes, fizemos uma convenção. Quatro ministros assistiram com o objetivo de opor-se a esta obra de Deus. Mas todos os quatro foram convictos de que a obra Pentecostal era verdadeiramente de Deus. Um dêles exclamou: "Os céus estão abertos para mim."

Certo dia um carro de bois, que levava um homem deitado em padiola, parou onde nós estávamos. O homem vinha de longe, com fé de ser curado. Sofria de câncer no estômago e não mais comia. Ao lado dêle, no carro, havia um cesto de comida, preparada para êle. Perguntamos-lhe porque levava comida, quando não podia alimentar-se. Êle respondeu-nos: "Não posso comer agora, mas Deus vai curar-me e precisarei dêsse mantimento na viagem de regresso para casa. Êsse homem mostrou fé simples e Deus a honrou, curando-o

Perguntei a certa senhora que se retirava do culto: "Está curada?" Respondeu-me: "Certamente, estou." Abriram-se os ouvidos de vários surdos. Uma dessas pessoas, apesar de faltar-lhe o tímpano de um dos ouvidos, desde que foi operada, ouvia perfeitamente depois de curada.

Em Lousanne havia um homem cego de nascença. Sua espôsa estava muito mal de tuberculose. A espôsa ao ouvir falar nos cultos, queria saber se o marido tinha fé para ser curado. Êle mostrou-se incrédulo, e zombou de tal idéia. Porém ambos assistiram ao culto, foram salvos, curados e batizados. A própria fisionomia dos dois foi transformada; a mulher, especialmente, tivera o semblante muito duro. A cura dêsse homem fêz-se devagar, recebendo a vista pouco a pouco. Outro homem sofria de surdez e de hérnia. Não achando conveniente mencionar as duas enfermidades, pediu só a cura da surdez, mas foi curado das duas. A uma criança foi dado um novo ôlho. Uma senhora, quase cega, foi curada. Vários aleijados deixaram as muletas.

Em Godivil três tuberculosos foram curados; dentre êles estava uma jovem de dezenove anos de idade, que sofria de hemorragias e estava moribunda. Deus abençoou-a grandemente. Recebeu o batismo no Espírito. Ela dá um testemunho maravilhoso.

Em Vevey havia um irmão, cujo nome era Zand. Êle sempre se mostrava com fome e sêde de Deus; ia a qualquer lugar onde havia oportunidade de saber mais acêrca de Deus. Êle confessou: "Não estou satisfeito de ter recebido o Espírito Santo sòmente ao converter-me; ainda me falta algo." Por falar assim, os irmãos de sua denominação cortaram-no da comunhão da sua igreja. Assistiu nossos cultos e foi batizado no Espírito Santo. Há em Vevey um grupo de moços

que fazem bons cultos ao ar livre. Quatro dêsse grupo subiram a encosta de uma montanha para orar. Foram apedrejados. Êles penetraram mais para dentro da mata e todos os quatro receberam o batismo.

Em Morges realizamos uma convenção .Um homem foi levado para um culto em cadeira de rodas; não tinha andado a pé durante muitos anos. Sua cura foi como a do coxo que estava deitado à porta do templo, chamada Formosa; andou e saltou, louvando a Deus. Foi para casa à pé, seguido por um menino que empurrava a cadeira de rodas e por uma meninada que sabia êle fôra curado. Um outro foi curado de esgotamento nervoso. Foi a um médico o qual aconselhou-o a voltar, louvando a Deus, porque era curado. Em Genebra trezentos foram salvos. Deus abençoou da mesma maneira na parte da Suíça onde se fala alemão.

Em Neuchatel, Deus moveu o povo em uma maneira maravilhosa. Certa pessoa ao receber o batismo do Espírito, com grande poder, recitou todo o Sermão do Monte. Outra que conhecia sòmente francês, sob a inspiração do Espírito Santo, falou italiano e alemão.

Referindo-se à sua visita a Suíça, o nosso *Grande-Coração* disse que era maravilhoso presenciar a maneira do Espírito Santo pairar sôbre o povo enquanto discursava por intermédio de intérprete. Certa senhora, que sofria de câncer no nariz e na parte superior do rosto, dirigiu-se para a frente, pedindo que orássemos por ela. O pregador pediu que ela ficasse em pé olhando para o auditório e disse: "Notai a condição do rosto desta senhora. Ela voltará amanhã, à noite, e verá o que Deus tem feito para ela." Orou por ela e ela saiu do culto. Na noite seguinte ela estava

novamente perante o povo; desaparecera o câncer e havia nova cutis do rosto.

Havia outro caso de uma senhora que sofria de uma doença repugnante do rosto e que, também, pediu oração. Ela voltou no dia seguinte com a epiderme do rosto inteiramente nova e linda.

Certo jovem assistiu a um culto para escarnecer, mas foi prostrado no chão sem fala. Wigglesworth ordenou ao espírito maligno que saísse e o rapaz foi liberto. Em outro culto três loucos assistiram; foram trazidos para ocuparem um banco na frente e fazer tumulto. Wigglesworth, no nome de Jesus, ordenou que os demônios se calassem e todos os três ficaram quietos durante o resto do culto.

Uma criança que estava muito doente, foi levada a um culto. Os médicos diziam que a doença era da cabeça. O Espírito revelou ao evangelista que o incômodo era do estômago. Ao impôr as mãos sôbre o estômago da criança, depois de orar, saiu um verme, do comprimento de quarenta centímetros, pela bôca do menino.

Na Suíça dois policiais foram enviados para prendê-lo, alegando que curava sem licença. Foram à casa do ministro da Assembléia Pentecostal de Godivil. O pastor lhes disse: "O sr. Wigglesworth saiu, mas antes de o prenderem, quero mostrar-lhes algo do resultado do ministério dêsse homem nesta cidade." Levou os dois policiais a uma favela onde morava certa mulher que êles tinham prendido repetidamente por brigar quando estava embriagada, uma mulher que passara a maior parte do tempo na cadeia. O pastor disse-lhes: "Esta mulher assistiu a um culto embriagada. O sr. Wigglesworth impôs-lhe as mãos e pediu a Deus que a libertasse. Ela tinha grandes feridas em duas partes do corpo, mas Deus a curou e a libertou da embriaguez." Os policiais disseram: "Re-

cusamos opor-nos a tal obra. Outros têm de prendê-lo êsse homem; nós não o faremos." Assim findou o episódio.

Certo dia, na cidade de Neuchatel, o dentista, dr. Emil Lanz, assistiu a um culto. Dizia-se no seu coração: "Êsse homem é velhaco. Prega a cura divina e ao mesmo tempo tem, talvez, dentes postiços. Depois do culto vou pedir-lhe que abra a bôca. Se tiver dentadura artificial, vou denunciá-lo como falso." Assim, depois de findar o culto, êsse dentista foi ao irmão Wigglesworth e pediu que abrisse a bôca para ver seus dentes. Ficou admirado, como testificou depois, de ver a mais perfeita dentadura que jamais tinha visto. Smith Wigglesworth tinha fé em Deus para lhe guardar todos os dentes, e o Senhor os conservou; com a idade de 87 anos ainda tinha todos os dentes.

Dr. Lanz ficou convicto e começou, também, a confiar no Senhor. Alguns anos depois, em um discurso em Londres, disse: "Presenciamos grandes acontecimentos na Suíça durante os últimos três anos. Novas igrejas foram fundadas tanto na Suíça alemã, como na Suíça francesa, como fruto do ministério do irmão Wigglesworth. Um grande número de pessoas recebeu a gloriosa bênção Pentecostal, o batismo do Espírito Santo, com os sinais que se seguiam. Sentimo-nos muito gratos. Faz dois anos que apenas quinze a vinte pessoas assistiam aos cultos. Hoje temos grandes auditórios e um bom templo. A mocidade faz cultos ao ar livre, prega as boas novas da libertação de pecado e o batismo com o Espírito Santo. Todos os domingos, à noite, realiza-se um grande culto, ao ar livre, no centro da cidade; há muitos salvos, curados e batizados no Espírito Santo.

O irmão Wigglesworth contou-nos o seguinte: "Na Suíça fui prêso duas vêzes. Mas, louvado seja Deus, fui liberto sem dificuldade. Uma das

autoridades disse-me: "Não acho qualquer culpa no senhor. O senhor é uma grande bênção para nós aqui na Suíça." Uma vez as autoridades disseram-me, à meia noite: "O senhor pode sair." Respondi-lhes: "Recuso sair antes de todos aqui se ajoelharem enquanto orarei por vós."

Uma senhora, em Neuchatel sofrera, durante muitos anos, de tumores nos rins. Recorrera a muitos médicos sem achar alívio permanente. Foi a um hospital, em Berne, para fazer uma operação, mas os médicos acharam sete tumores e recusaram-se a operá-la. Ela ouviu falar dos cultos, assistiu e pediu oração. Ficou perfeitamente boa e foi batizada no Espírito Santo. Teve o gôzo de ver seu filho salvo, nos mesmos cultos, e chamado por Deus para a obra missionária no Congo Belga, na África.

Madame Lewini, dinamerquesa, famosa nos palcos da Dinamarca, antes de converter-se e se tornar missionária, relata o que segue, sôbre os acontecimentos que presenciou durante os três meses de campanha de Smith Wigglesworth na Suécia:

"Foi um tempo de visitação do alto. Centenas de pessoas aceitaram a Jesus por seu Salvador; milhares foram curadas de tôda a sorte de enfermidades. Milhares despertaram para andar em uma nova vida e muitos receberam o batismo no Espírito Santo, como no Pentecostes. Por tudo isso damos glória a Deus. Quero narrar a história de alguns dos milagres que vi com os meus olhos.

"O primeiro culto que assisti foi em Orebro, Suécia. Fui buscar alívio para mim mesma, pois achava-me grandemente abatida depois de longo tempo de serviço ininterrupto na seara do Senhor. No segundo dia havia um culto de curas. Depois do sermão, em companhia de centenas de homens e mulheres, dirigimo-nos para a frente, para que o

Senhor tocasse os nossos corpos. Glória ao Senhor, não fomos desapontados quando me impuzeram as mãos, o poder de Deus atravessou-me em uma maneira maravilhosa. Fui curada imediatamente.

"Era glorioso presenciar, nos cultos, a maneira do povo reagir quando o poder do Senhor sobrevinha ao auditório. Alguns levantavam as mãos, clamando: "Estou curado! Estou curado!" Outros caíram no estrado, vencidos pelo poder do Espírito e era necessário ajudá-los descerem. Uma jovem, cega, enquanto oravam por ela, exclamou: "Oh, nunca imaginei que houvesse tantas janelas neste prédio!" Durante os vinte e um dias de cultos o grande edifício estava completamente cheio, diàriamente, de ouvintes. Multidões foram curadas, e muitos foram salvos. O culto de testemunhos foi maravilhoso. Uma das ouvintes testificou: "Eu era surda; oraram por mim e Jesus me curou." Um outro disse: "Eu era tuberculoso, agora estou curado." E assim continuaram um após o outro.

"Em Skovde, um prédio menor foi reservado para os que buscavam o batismo no Espírito Santo. Quando o Espírito Santo caiu sôbre êles, muitos, também, foram curados. Certo jovem, que tinha o corpo estragado pelo vício, foi ungido. O Senhor é misericordioso; quando lhe impuzeram as mãos, o poder de Deus veio maravilhosamente sôbre êle o qual clamou: "Estou curado." Então irrompeu em chôro, confessando seu pecado. Êsse rapaz foi logo ao grande prédio e testificou que o Senhor o salvara e o curara.

"Em Estocolmo, em quase todos os cultos, havia multidões que não conseguiram entrar no prédio, mas esperavam horas a fio para ocupar os lugares dos que saíam. Um paralítico, com duas muletas, com todo o corpo tremendo por causa da doença, foi levantado e colocado no estrado. Depois de ungí-lo impuzeram-lhe as mãos em nome

de Jesus. O homem continuou a tremer. Então deixou cair primeiramente uma das muletas, depois largou a outra. Seu corpo ainda tremia, mas deu o primeiro passo, *com fé*. Levantou um pé, depois o outro e, em seguida, andou em redor do estrado. Então rodeou o grande prédio.

"Durante êsse culto uma senhora começou a gritar e continuou a gritar. O pregador pediu-lhe que se calasse. Mas em vez de obedecer, subiu, de um pulo, em uma cadeira e gritou: "Estou curada! Vim aqui sofrendo de câncer da bôca e não era salva. Mas ao ouvir a Palavra de Deus, o Senhor salvou-me e me curou do câncer." E continuou a gritar: "Estou salva! Estou curada do câncer!" Estava fora de si; a multidão ria-se e chorava ao mesmo tempo.

"Eis uma outra senhora, que não podia andar, sentada em uma cadeira enquanto lhe ministraram. Sua experiência foi a mesma de centenas de outros. Levantou-se; olhou em redor, como se estivesse sonhando. Repentinamente riu-se e exclamou: "Sarou a minha perna!" Em seguida confessou: "Não estou salva." Uma torrente de lágrimas rolaram-lhe pelas faces. Oraram por ela e, ao findar o culto, saiu, salva, curada e transbordando de gôzo.

"Em Cristiânia (atualmente Oslo) certo homem e seu filho chegaram de táxi para assistir ao culto. Os dois usavam muletas. O pai passara dois anos acamado e não podia descansar um dos pés no chão. Ao orarem por êle, deixou ambas as muletas caírem ao chão e caminhou, louvando a Deus. O filho, ao ver o que acontecera, clamou: "Acudi-me também." Os dois saíram do culto à pé, sem táxi e sem muletas.

"Em Copenhague milhares assistiam aos cultos, diàriamente. Tôdas as noites havia uma multidão em redor do estrado. Ao retirar-se uma onda

de gente, dos que buscavam a salvação, dirigia-se outra onda para a frente. Ali mesmo muitos foram batizados no Espírito Santo. Os cultos de testemunho eram maravilhosos."

Nosso *Grande-Coração* escreveu uma carta de Cristiânia, acêrca das multidões que se encaminhavam para os cultos. Milhares não conseguiam entrar nos grandes prédios. Eis o que escreveu:

"Depois de pregar durante uma hora e meia, passei três horas ministrando aos doentes. Muitos eram impotentes e incuráveis. Centenas foram curadas. Deixaram alto monte de muletas no grande estrado. Ministrei perante os olhos das multidões e houve muito regosijo. Os auditórios irromperam em aplausos ao presenciarem os cegos receberem vista e os aleijados andarem. No prédio onde estamos agora, cabem cinco mil pessoas. Certo homem que estava num hospital pediu para assistir um culto, mas o médico recusou-se a permissão. O doente, então, resolveu ir apesar do conselho dos médicos. "Pois não, o senhor não voltará," disseram os médicos. Mas o homem retrucou: "Não voltarei mesmo." Depois da oração foi curado, instantâneamente, e jogou fora as muletas. Digo que a campanha é gloriosíssima e Deus vai fazer ainda maiores coisas — crê sòmente."

Acêrca da obra na Suécia, o irmão Wigglesworth depois contou-nos o seguinte: "O Espírito de Deus apoderou-se de mim durante o tempo que passei na Suécia. Foi ali que me prenderam por pregar e orar pelos enfermos. As Igrejas Luteranas e os médicos levantaram-se, em massa, contra mim, apelando para o rei para expulsar-me do país. Foi na Suécia que dois detetives e dois policiais me retiraram do culto por causa do poder que operava entre a multidão. Mas, amados, era maravilhoso!

"Uma das enfermeiras, que atendia a família do rei, assistiu e foi curada de uma perna — não me lembro se foi de um fêmur partido ou se foi de deslocação da articulação da coxa. Ela disse ao rei: "Aquêle homem curou-me maravilhosamente. Veja como ando agora." Ao que o rei respondeu: "Pois não, já estou ao par dessas coisas. Vá dizer-lhe que é melhor que êle saia do país. Se sair, pode voltar; mas se fôr expulso, não pode vir de novo." Dou graças a Deus que não me expulsaram, mas me acompanharam na minha saída.

"O povo Pentecostal foi pedir à polícia permissão para realizar um grande culto no parque numa segunda-feira, que era o aniversário de Pentecostes. A polícia respondeu: "Há sòmente uma razão para proibir tal ajuntamento do povo, isto é, se aquêle homem tocar nos enfermos, com as mãos; será necessário o serviço de mais de trinta policiais para manter a ordem da multidão em tão grande parque. Mas se êle se comprometer a não impor as mãos em ninguém, daremos permissão de fazer o culto no parque.

"Os irmãos falaram comigo e respondi-lhes que podiam comprometer-se, que eu cumpriria os seus desejos. Sabia que Deus não estava limitado a operar por intermédio da imposição das minhas mãos. Quando o Senhor estiver presente para curar, não é necessária, a imposição de mãos. A fé é o grande fator que nos habilita. Ao crer em Deus, tudo se torna fácil.

Construíram um estrado onde eu podia pregar a milhares de pessoas. Orei dizendo: "Senhor, Tu sabes das circunstâncias. Nunca Te achaste em uma situação demasiado difícil para agir. Mostra-me o que posso fazer para êsse povo pobre e necessitado sem que eu Lhe imponha as mãos. Mostra-me, Senhor."

"Ao povo, eu disse: "Todos aquêles que desejam que o poder de Deus lhes passe pelo corpo para curar qualquer mal, levantem a mão. Milhares de mãos foram erguidas. Clamei na minha alma: "Senhor, dirige-me." Êle me falou claramente que escolhesse certa pessoa que estava em pé sôbre uma pedra. Havia muitas pedras no parque. Mandei que todos baixassem as mãos, menos essa pessoa. A seguir pedi a essa pessoa que dissesse ao povo o que desejava de Deus. Do alto da cabeça, à planta dos pés, sentia dores ao ponto de ser difícil resistir e não deitar-se ali mesmo.

"Depois de pedir-lhe que conservasse as mãos bem erguidas, eu disse: "No nome de Jesus, repreendo êsse, mal desde a coroa da cabeça até a estremidade dos pés; e creio que Deus já te libertou." Oh, como tal pessoa dansou, como saltou e como gritou de alegria!

"Foi assim que Deus me revelou a simplicidade de como Êle pode curar sem a imposição de minhas mãos. Então eu disse aos doentes: "Cada um imponha a si próprio as suas próprias mãos; vou orar, e Deus vos curará." Centenas de pessoas foram curadas nesse dia, sem eu tocar nelas. E centenas foram salvas. Nosso Deus é um Deus de grande poder. Como é magnífico, como é palpitante, como é vibrante entrar no palácio real da fé e do poder. Temos um Deus cativante. Temos um Jesus fascinante. Creio eu no Espírito Santo."

Capítulo X

O SEGRÊDO DE SUA VIRTUDE ESPIRITUAL

Muitos perguntam: "Qual foi o segrêdo do poder de Smith Wigglesworth? Qual o mistério do seu assombroso êxito?" Os dois fatôres principais da sua vida espiritual eram a sua maneira de firmar-se no Espírito de Deus e de confiar na Palavra do Senhor. Êsses dois fatôres serviam-lhe como alicerce para sua santa intrepidez e para sua constante ousadia de agir.

Era tão proeminente um homem do Espírito Santo, como era da Palavra. Êle sempre declarava: "Bibliotecas ensoberbecem a cabeça, mas a Palavra de Deus edifica o coração. O Senhor quer que tenhamos corações edificados, cheios do aroma do amor de Deus, exemplificando a vida e o poder do Senhor."

São dêle também estas palavras: "A fé vem pelo ouvir e o ouvir pela palavra de Deus — não pela leitura de comentários. A fé é a essência da Palavra de Deus. O Espírito Santo, que inspirou a Palavra, chama-se o Espírito da verdade; ao recebermos , com mansidão, a Palavra implantada em nós, a fé nasce em nossos corações; fé no sacrifício do Calvário; fé no sangue derramado de Jesus; fé no fato de Êle tomar sôbre si as nossas fraquezas, que levou as nossas doenças e carregou

com as nossas dores, e que Êle hoje é nossa vida. A Palavra de Deus é viva e eficaz e nesse tesouro encontrar-se-á a vida eterna. Se te mostrares pronto a confiar nesse maravilhoso Senhor da vida, acharás nÊle tudo de que careças."

Smith Wigglesworth freqüentemente dizia: "Nunca li outro livro, além da Bíblia." Certo homem o censurou, dizendo: "Como pode êsse homem dizer que nunca leu um livro senão a Bíblia, quando êle mesmo escreveu um livro? pois o anúncio do seu livro, *"Fé sempre crescente"* encontra-se no *Pentecostal Evangel."* Mas Smith Wigglesworth não escreveu êsse livro. Quando visitou Springfield, Missouri no ano de 1923, de manhã falou aos alunos do *Central Bible Institute* e, à noite, pregou a grandes auditórios em Convention Hall. Seus discursos foram reproduzidos estenogràficamente e impressos no *Pentecostal Evangel,* e, depois, publicados em forma de livro. Smith Wigglesworth nem leu o manuscrito. Reconhecemos que há imperfeições nesse livro, contudo Deus o aceitou e o usou como uma bênção para a salvação e cura de muitas pessoas em todo o mundo.

Foi ordenado a Ezequiel: "Abre a tua bôca, e come o que eu te dou." Êle nos diz: "Então vi, e eis que uma mão se estendia para mim, e eis que nela estava um rôlo de livro." O Senhor mandou: "Come o que achares; come êste rôlo, e vai, fala à casa de Israel." O profeta diz: "Então abri a bôca, e me deu a comer o rôlo." Disse o Senhor mais: "Filho do homem, dá de comer ao teu ventre, e enche as tuas entranhas dêste rôlo que eu te dou."

Nosso *Grande-Coração* comia contìnuamente dêsse rôlo e foi vivificado no íntimo do seu ser. Assim saía para falar com autoridade e com fé aquêles a quem o Senhor o enviava. Seu genro, que viajava com êle, declara: "Era essencialmente

um homem da Bíblia e nunca se considerava completamente vestido sem ter um exemplar da Bíblia no bôlso. Não sòmente a levava, mas também a usava constantemente. Enquanto outros liam romance ou jornais, nos trens, êle lia a Bíblia. Ora a bordo de navios, ora na praia onde se retirava de vez em quando para descansar, ora sentado no seu lugar predileto, no parque, perto da sua casa, sempre tinha um Novo Testamento na mão. Nunca se levantava da mesa de um amigo sem primeiro ler "um pouco do livro," e, geralmente, o que tinha para dizer sôbre o que acabara de ler era mais saboroso do que qualquer gulodice da mesa.

O seu conselho constante aos jovens era: "Enchei a vossa cabeça e o coração das Escrituras. Decorai passagens da Palavra, junto com o nome do livro, capítulo e versículo, para recitar corretamente as Escrituras nos discursos ao ar livre. Ao fazer isso, a Palavra será como semente em vosso coração, a qual o Espírito Santo fará nascer. Êle levará repetidamente à lembrança aquilo que decorardes. Deveis permanecer tão *ensopados* da Palavra de Deus, tão *cheios* dela, a ponto de servirdes como epístolas vivas, conhecidas e lidas por todos os homens. Os crentes são fortes sòmente na proporção em que a Palavra de Deus permanecer nêles. A Palavra de Deus é espírito e é vida aos que a recebem com simplicidade e fé; vivifica todos que cedem à sua influência. Conhecei o Livro. Vivei no Livro. Crêde no Livro. E obedecei ao Livro. Entesourai a Palavra de Deus no vosso coração — ela salvará a vossa alma, vivificará o vosso corpo e iluminará a vossa mente. A Palavra de Deus é completa e final, infalível, prática e moderna; nossa atitude para com ela deve ser obedecer-lhe sem vacilar. Se alguma coisa se encontra na Bíblia, é verdadeira; não é para orar acêrca de tal coisa mas recebê-la e praticá-la. A inatividade

da fé é uma ladra que nos rouba a bênção. Só se consegue aumentar capital e conhecimento, empregando o que possuímos e o que sabemos. Nossa vida deve ser crescer de fé em fé."

Smith Wigglesworth ensinava, constantemente, que devemos obedecer à Palavra de Deus implìcitamente. Citava repetidamente êste versículo: "Obedecer é melhor que sacrificar." Para êle, a obediência era fruto normal da fé. "É porque temos a coragem de crer, que obedecemos."

O nosso *Grande-Coração* não sòmente reservava uma parte de cada dia para a leitura da Palavra de Deus, mas aprendera, também, o segrêdo, de afastar-se, freqüentemente, da multidão, passava períodos a sós com Deus, para a sua renovação espiritual. Wigglesworth conheceu certo ministro espiritual que visitou a Inglaterra e que reconhecia a presença de Deus em grau extraordinário. Seus sermões eram simples e sem adôrno, mas levou os ouvintes à certeza de alcançarem contacto com o Senhor. Muitos crentes fervorosos queriam saber qual o mistério de seu poder, mas êle evitava responder-lhes sôbre o assunto. Contudo, o Senhor mostrou-lhe, no orar acêrca do assunto, que devia revelar aos crentes o que êles desejaram saber acêrca do segrêdo de seu ministério espiritualmente profundo. Êle então declarou: "Faz muitos anos que o Espírito de Deus começou a falar comigo, mas achava-me demasiado atarefado para ouvir a Sua voz. Êle persistiu até que por fim, ao ouvir Sua voz, acostumei-me a afastar-me dos meus semelhantes, para saber o que Deus, o Senhor, queria dizer-me. Passei a obedecer à Sua insistência até que, agora, ao sentir o menor sôpro do Seu Espírito, afasto-me de todos, e de tudo, para conhecer a Sua Palavra e obedecê-la."

Smith Wigglesworth percebeu então a visão dêsse fervoroso ministro; com a Palavra de Deus

na mão, sabia a maneira de ficar inteiramente a sós com Deus, mesmo estando entre qualquer grupo ou ajuntamento de pessoas. Pode ser que o irmão Wigglesworth haja tomado emprestado êsse segrêdo, mas o fato é que o mesmo está ao alcance de todos os crentes consagrados a Deus

Certo dia, em viagem de trem, uma senhora e sua filha caíram doentes. O irmão Wigglesworth disse que tinha um remédio, na pasta, para qualquer mal; um remédio que jamais falhara, nem nos casos mais graves, se fôsse tomado segundo as instruções. Falou do bom remédio na sua pasta até que, por fim, elas rogaram-lhe que lhes desse êsse maravilhoso medicamento. Abriu a pasta, retirou sua Bíblia e leu: "Eu sou o Senhor que te sara." Orou pedindo que tivessem fé nesse maravilhoso Médico. As duas senhoras não tardaram muito a declararem-se curadas.

Certa vez, na cidade de Cardife, Gales, orou por uma senhora que foi curada instantâneamente Ela assistiu ao culto seguinte e testificou, com grande gôzo de tudo que o Senhor lhe concedera Expressou o desejo de espalhar a mesma verdade, que era para ela uma grande, bênção, pedindo ao nosso *Grande-Coração* alguns tratados. Mas o evangelista respondeu: "Os melhores tratados que conheço sôbre a cura divina são os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Êles estão cheios das narrativas de incidentes do poder e da obra de Jesus Cristo. Êle é o mesmo ontem, hoje, e para sempre. Não existem melhores tratados."

Outra vez orou por um jovem que se achava doente. Depois de êle orar, o rapaz lhe disse "Irmão, quero firmar-me em uma promessa." Wigglesworth colocou uma Bíblia diante dêle, no chão, e disse ao moço: "Firme-se nesse livro." Depois do rapaz ficar em pé sôbre a Bíblia Wigglesworth

disse: "Agora está firmando em um grande monte de promessas. Creia em cada uma delas."

Antes do ano de 1907, ano em que recebeu o batismo Pentecostal, o Espírito Santo já era constantemente um grande fator na sua experiência e ministério, mas com o batismo no Espírito Santo começou uma nova época na sua vida. Confiava implìcitamente no Espírito Santo em tôdas as fases de seu trabalho. Era seu alvo viver constantemente no Espírito e andar sempre pela direção do Espírito. O dom de línguas era-lhe um tesouro de preço incalculável e, várias vêzes por dia, derramava seu coração em amor e adoração a Deus, não nas línguas profanas da terra, mas na língua de amor, dada por Deus, por intermédio do Espírito Santo. Sempre achava o fato de falar em línguas uma fonte de edificação espiritual. Praticava a Escritura que se achava em Judas 20: "Amados, edificando-vos na vossa fé santíssima, *orando no Espírito Santo.*" Era praticante também da admoestação: "Com tôda oração e súplica, orando em todo o tempo no Espírito, e para isto vigiando com tôda perseverança e súplica por todos os santos." Efésios 6:18.

Tiago Salter escreveu o seguinte acêrca da sua pregação: "Quantas vêzes Smith Wigglesworth, falando figuradamente, edificou o altar de Deus e preparou-o para oferecer o holocausto, e o Senhor enviou o fogo e consumiu a oferta, consumando, assim, seus esforços! Certamente êle examinava as Escrituras e orava dia e noite para apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a Palavra da verdade. Mas era o assôpro de Deus, a unção do Espírito Santo que o fizeram aquilo que era. Reconhecia isso e guardava zelosamente êsse depósito." Ouvimo-lo dizer: "Eu, fora do Espírito Santo, não sou nada." E certamente não o era.

Outro segrêdo de seu poder era que estava constantemente "movido de compaixão." Percebia que o grande motivo dos maiores milagres de Jesus era a Sua maravilhosa compaixão. As lágrimas corriam-lhe pelas faces ao ver as almas manchadas de pecado e os corpos arruinados pela doença. Ardia de zêlo no empenho de desfazer as obras do diabo; era grandemente agressivo nos seus esforços para igualar seu Mestre em andar por tôda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo.

Certa pessoa, que o conhecia intimamente, escreveu: "Ao chegar a sua correspondência, todos nós tínhamos de deixar tudo e assumir a nossa parte de responsabilidade. Não havia nada feito à pressa ou desalinho nos seus métodos de tratar das comoventes súplicas dos necessitados. Todos em casa deviam unir suas orações às dos outros e, juntamente com êles impor as mãos nos lenços antes de enviá-los aos que sofriam. Fazíamos tudo como se aquêles que escreviam as cartas estivessem presentes em pessoa. Cada pedido era executado separada e sinceramente e milhares de pessoas gratas, em todo o mundo, testificavam de resultados gloriosos dêsse ministério compassivo.

"Certo dia recebeu uma carta extensa de uma senhora que sofria de uma grave doença. A carta estava repleta de citações sôbre cura divina, mostrando que ela sabia tudo quanto era necessário sôbre o assunto. Depois de ler a carta duas ou três vêzes, êle ma entregou e perguntou: "Que achas disso?" Depois de relê-la, escreveu em baixo da carta: "Creia na sua própria carta, deite-a no seu próprio corpo como se fôsse lenço e será curada." A carta foi enviada novamente para essa senhora e em poucos dias veio outra carta informando-o de que a senhora ficou perfeitamente curada."

Capítulo XI

O DESAFIADOR

Há um trem que faz o trajeto entre Chicago e a Califórnia, chamado: *The Challenger*, literalmente: *O Desafiador*, no sentido de *quem provoca grandemente a outrem, pelo procedimento, a tentar fazer igual proeza*. O mesmo título seria próprio para Smith Wigglesworth, repetidamente iniciou seus sermões com *o desafio*: "Quantos aqui têm a ousadia? A ousadia para que? A ousadia para crer em Deus! Quantos estão prontos para aproveitar-se da visão do que Deus tem para êles? Quantos estão prontos para entrar hoje mesmo no plano que Deus lhes está marcando?"

O irmão Wigglesworth era incansàvelmente *o sempre-pronto*.

Paulo enviou uma carta à cidadela de Cesar, declarando: "Estou *pronto* a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma." Romanos 1:15. O irmão Wigglesworth fêz uma viagem a Roma e mostrou-se ousado, pregando ali. Nas ruas da cidade encontrou-se com um irmão italiano, que o ouvira pregar na Califórnia. Êsse homem levou-o ao lugar onde se realizavam os cultos dos crentes Pentecostais, em Roma, e onde teve o gôzo de ministrar-lhes Cristo.

Depois o irmão Wigglesworth visitou a cidade de Roma, novamente, com os irmãos Salter, para fazer uma campanha. Certo dia visitaram as catacumbas. Designaram-lhes, como guia, certo jovem sacerdote que falava inglês. Cada pessoa componente do grupo levava uma grande vela para iluminar o caminho subterrâneo. O padre parecia esquecido de todos, menos de Smith Wigglesworth, o qual se mostrava grandemente interessado em tudo que via e ouvia. O sacerdote disse repetidamente: "O senhor seria um bom Católico." Mas a resposta de Wigglesworth era esta: "Eu sou católico, mas não Católico Romano."

O padre continuou sua propaganda durante todo o tempo que percorremos as catacumbas até chegarmos à escada de saída. Foi então que Smith Wigglesworth aproveitou-se do ensejo para dizer ao padre: "Ora, o senhor seria um bom crente se fôsse salvo. Ajoelhemo-nos aqui no chão e pedirei que Deus salve o senhor." O padre, estupefato, irrompeu em enchente de lágrimas e ajoelhou-se. Smith Wigglesworth, colocou as mãos sôbre a cabeça do sacerdote, orou pedindo a Deus que salvasse a sua alma. O padre beijou a Smith Wigglesworth e os dois se abraçaram por algum tempo.

Em Cardife, Gales, certo homem, conhecido em tôda parte por seu espírito tolerante ajuntou grande número de líderes, representantes dos vários grupos Evangélicos. A unidade e a harmonia eram os assuntos designados para a convenção; a importância da santidade pessoal e a indespensibilidade do Espírito Santo foram acentuadas.

Segundo o costume de tais convenções, todos falaram em têrmos gerais para não ferir o brio de ninguém. Assim a reunião seguia em bom rumo e aquêle que a convocara mostrava-se satisfeitíssimo. Mas estava presente, nêsse grande auditório,

certo homem comovido pelo pensamento. "Tôda esta gente está deixando passar o melhor que Deus tem. Posso eu levar a culpa do crime de ficar calado acêrca do batismo no Espírito Santo, que cada um pode receber como no dia de Pentecostes?" Foi assim que, êsse homem, o nosso *Grande-Coração,* causou não pouca surprêsa, levantando-se na plataforma para dizer: "Se eu, antes de receber isto que tenho, tivesse tudo que vós tendes, o que é isto que recebi depois?"

Acrescentou, então o seguinte: "Fui salvo entre os Metodistas com a idade de oito anos. Não muito depois fui confirmado na Igreja Anglicana. Depois batizei-me na Igreja Batista. Firmei-me na fé, estudando lições bíblicas na Igreja dos Irmãos de Plymouth. Marchei sob a bandeira de sangue e fogo do Exército de Salvação, onde aprendi a ganhar almas ao ar livre. Recebi a segunda bênção da santificação e um coração limpo sob o ensinamento de Reader Harris e a Liga Pentecostal. Reclamei o dom do Espírito Santo, pela fé, permanecendo dez dias perante o Senhor. Porém, em Sunderland, no ano 1907, ajoelhei-me diante do Senhor e tive uma experiência semelhante àquela narrada em Atos 2:4. O Espírito Santo desceu sôbre mim e falei em outras línguas, como o grupo de crentes, no dia de Pentecostes. Assim a minha experiência ficou fora de argumento, mas dentro do que está escrito na Palavra Sagrada de Deus. O Senhor deu-me o Espírito Santo, como fêz àqueles no princípio. Quero harmonia e unidade, mas da mesma maneira que Deus a quer. Em Atos dos Apóstolos falar em outras línguas era o sinal de ficar cheio do Espírito Santo, e não creio que Deus mudasse Seu método."

O ambiente mudou-se e a reunião foi encerrada. Mas Smith Wigglesworth tinha feito o seu *desafio*. Achava que a crença Pentecostal era tal

que devia dar-lhe todo o seu apoio. Era sua convicção de que a herança Pentecostal não se devia trocar por um guisado de lentilhas. Nessa ocasião, como sempre, mostrou-se ousado em declarar que o pleno batismo Pentecostal é sempre acompanhado pelo falar em outras línguas conforme o Espírito conceder.

O seu *desafio* constante era: "Vivei prontos. Se tiverdes de vos preparar quando chegar a oportunidade, será demasiado tarde. A oportunidade não espera por ninguém; nem enquanto alguém ora. Não deveis viver de tal maneira que necessiteis de vos aprontar; deveis viver prontos."

Na ocasião da sua primeira visita à América, ouviu falar de uma série de cultos campestres, realizada pelas Assembléias da Califórnia. Resolveu assistir. Ao chegar à localidade apresentou-se logo ao irmão Montgomery, que convocara as reuniões. Na primeira noite depois de vários pregadores falarem, o irmão que presidia, olhou duvidosamente para o irmbo Wigglesworth e disse-lhe: "Irmão, é a sua vez. Está pronto?" Wigglesworth respondeu, sorrindo: "Estou sempre pronto." Dirigiu-se à frente do estrado e, antes de dizer muitas palavras, ganhou a atençbo do grande auditório, por meio da sua extraordinária mensagem. Desde êsse dia foi convidado a falar de manhã e à noite, durante os vinte e um dias que restavam das reuniões. Diziam vários pregadores: "Êsse homem tem uma mensagem de fé que é excepcional e queremos ouvi-lo." Durante essa série de cultos muitas das igrejas da Califórnia, convidaram-no a ministrar nas suas cidades.

Smith Wigglesworth *desafiava* os ouvintes da seguinte maneira: "Todos que crêem na oração levantem a mão. Todos que crêem que se deve orar de voz alta, levantem duas mãos. Agora, cada pessoa levanta-se e faça conforme a sua cren-

ca e receberá o que seu coração anela." No início êsse método de orar foi aceito por alguns mas rejeitado abertamento por outros. A maioria, contudo, seguiu a sua sugestão e foram grandemente abençoados. Na Inglaterra, onde o povo é mais conservador, havia mais oposição, mas o irmão Wigglesworth tinha a certeza que fazia conforme os santos primitivos, que "unânimes levantaram a sua voz." Dizia êle: "Levantar as mãos santas não se originou com Wigglesworth. Encontra-se um exemplo no primeiro livro da Bíblia. Abraão o fêz assim. E no último livro lê-se que os anjos o fizeram também. Moisés, Aarão, Davi, Jeremias, Ezequiel — todos o faziam. Foi assim, levantando as mãos a Deus, que Moisés ganhou, em vez de perder, a batalha contra os Amalaquitas. Lê-se em Hebreus o seguinte: "Tornai a levantar as mãos cansadas." No Salmo 134 o salmista assim convida todos os servos do Senhor: "Levantai as vossas mãos no santuário, e bendizei ao Senhor." Paulo referia-se ao mesmo assunto dizendo: "Quero pois que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contendas." I Timóteo 2:8. No livro de Neemias (8:6) há outro exemplo: "E Esdras louvou ao Senhor, o grande Deus; e todo o povo respondeu: Amém, Amém! levantando as suas mãos; e inclinaram-se, e adoraram ao Senhor, com os rostos em terra." É claro, portanto, que podemos fazer ainda mais do que estamos fazendo, sem sair da norma bíblica."

Antes de encerrar uma reunião, freqüentemente fazia o apêlo da seguinte maneira: "Quem, agora quer chegar mais perto de Deus? Quem quer uma bênção especial? Todos que têm fome de Deus levantem-se e fiquem em pé. Todos que realmente querem mais do Senhor, dirijam-se aqui à frente. Se derdes sòmente um passo, mostrareis assim que sois sinceros. Se chegardes à frente,

oraremos por vós e Deus dará tudo de que careceis." O povo ajuntava-se na frente e êle os exortava: "Quem quer levantar as mãos com fé e pedir alguma coisa a Deus?" "Agora agradece a Deus pelo que pediste." Centenas pediam, com fé, e recebiam. Muitos foram batizados com o Espírito Santo, ao levantarem suas mãos e suas vozes a Deus.

Ao ajuntar, assim aquêles que queriam receber mais de Deus, adotou uma forma concisa e enérgica que os levou a receberem logo mais do que tudo quanto alguns ministros alcançam durante muitos anos. Êle ensinava-os que fé certa e definida traz experiência certa e definida. Mostrava aos ouvintes a maneira de sobrepujar todos os obstáculos, a alcançarem sem demora o alvo, e adquirírem o que anelassem.

Dizia, com linguagem concisa, aos que buscavam, sem qualquer coisa de Deus: "Pede o que desejas; crê; recebe de Deus; e agradece a Deus." Era ditado seu: "Se pedires a mesma coisa sete vêzes a Deus, seis vêzes o farás sem crer." Dizia mais: "Podes sentir como queres sentir em qualquer ocasião que queres. Mas o que sentimos nos engana. Isaque foi dirigido a abençoar a Jacó, pelo que sentia, contudo se enganou. A fé é melhor do que os sentimentos; se tiveres fé, sentirás tudo quanto poderás sentir. A mulher que padecia de hemorragia, quando tocou com fé na orla da veste de Jesus, logo tinha bastante sentimentos. Sentia-se, no corpo, curada do flagelo."

Apesar da sua vida ser uma combinação de constantes oração e louvor, e tôda a sua vida e obra um ato de adoração, não costumava passar tempos prolongados de jejum e oração. Êle mesmo vivia e animava seus semelhantes a viverem, uma vida de sincera confiança em Deus, a fim de estarem prontos para encarar qualquer emergên-

cia imprevista. Para êle as palavras de Cristo: "Crê sòmente," significavam *"crê sòmente."* Considerava outros métodos de aproximar-se a Deus, e de adquirir coisas de Deus, como de menor importância. Contudo reconhecia e avaliava sinceramente o fato de seu ministério depender das orações constantes de um grande número de amigos. Nas suas cartas escritas a êstes, rogava-lhes que continuassem a sustentá-lo pelas orações.

Dizia êle: "O pregador não deve discursar sôbre o que pensa, mas acêrca do que sabe, deixando ao auditório pensar." Em todo o lugar onde se levantasse para falar, certamente despertava o povo a pensar. Não sempre se expressava sôbre têrmos bíblicos com a clareza que os ouvintes desejavam. Foi assim que o acusaram de ensinar doutrinas erradas. A sua maneira de usar a palavra "mortalidade" resultou em alguns crentes afirmarem que êle ensinava a doutrina que não é necessário morrer. Realmente não havia quem se opuzesse aos campeões dessa doutrina mais que êle. Citava Romanos 8:11 para chamar atenção à gloriosa oportunidade de conhecer a vida de Cristo ressuscitado agora em nosso corpo mortal, contudo reconhecia tanto como qualquer outra pessoa que "o nosso homem exterior se corrompe."

Sua entrada em qualquer culto fazia mudar o ambiente. A temperatura espiritual elevava-se e todos os ouvintes esperavam coisas diferentes. Dizia êle: "Qualquer pessoa pode fazer como habitualmente faz, mas uma pessoa cheia do Espírito Santo faz alguma coisa fora do habitual. O povo esperava ver nêle algo novo, algo extraordinário, e não era desapontado.

Falava constantemente do poder da fé em Deus. Citamos os seguintes exemplos: "O temor contempla; a fé salta." "A fé nunca deixa de alcançar o seu objetivo. Se eu vos deixo como

vos encontrei é porque não me entreguei como instrumento para Deus usar. Não estou aqui para vos divertir, mas para vos levar às alturas onde podeis rir-vos do impossível, ao lugar onde podeis crer e ver a bondade do Senhor na terra dos viventes." "Os homens de fé nunca têm o espírito dos espias que infamaram a terra." "Estou contente ao ver o descontentamento que leva repetidamente ao contentamento." "Temos de abandonar a nossa pequena medida, pois a medida de Deus é muitíssimo maior — uma medida que ninguém pode medir."

Eis alguns exemplos mais dos seus *desafios*:

Há um número demasiado grande de nós que habitamos os lugares mais baixos da salvação. Não ouvis as vozes chamando-vos para os altos da Graça Divina? Ascender montanhas é emocionante! Embora! Os altos de Hebron elevam-se diante de nós. Exploremos a nossa herança, não reclamada, nas regiões celestiais.

"Enchei-vos do Espírito," isto é: Ficai embebidos do Espírito; tão embebidos que todos os fios do tecido da vossa vida recebam a côr do Espírito Santo. Então, ao serdes maltratados e oprimidos, a vossa vida não emitirá nada a não ser a natureza de Cristo.

Os campeões de Pentecostes nada buscam a não ser um lugar para servir; não se importam se fôr um lugar de desconsideração; aspiram labor antes de aplauso; se alcançarem popularidade com o Supremo Potentado da sua Sociedade, não pedem nada mais.

Devemos avaliar mais um rico e nobre caráter do que grande fama. A popularidade compra-se por uma bagatela e vende-se por um nada, mas o caráter nobre é o produto de anos de preparação e disciplina divinas.

Não é tanto de pobreza que os crentes sofrem mas do mal chamado avareza e egoismo; por isso, apesar de possuir de sobra para si, para os filhos e para se divertirem, falta-lhes a coragem de dar em prol da glória de Deus e do bem estar do próximo.

Há um número demasiado grande de pessoas que se ocupam sòmente em ganhar o pão. Trabalhar só para manter-se é mesquinho e servil, paralizando e impedindo o desenvolvimento. Mas ganhar o pão espiritual é alvo real, justo e santo. Os que se ocupam sòmente em manter-se, vivem encarcerados dentro do círculo pequeno e limitado a si mesmo; os que procuram a verdadeira vida em um mundo cujas fronteiras são o infinito e o eterno.

As almas anãs regozijam-se com a oportunidade de censurar; as grandes almas avaliam os esforços do próximo, enriquecendo sua vida e animando-o a alcançar as maiores alturas.

Cuida bem das entradas na tua vida; as saídas, na forma de serviço, diminuirão, se a tua fôrça não estiver renovada.

A maior parte de nossa organização espetacular da obra Pentecostal não é mais que um esplêndido nada; ao mesmo tempo um humilde e submisso grupo transborda da excelsa glória do Senhor.

Alcançamos apenas o exterior do grande sorvedouro de vida no Espírito; há maravilhas escondidas no reino inexplorado do amor divino; há, para nós, novas veredas que cortam a verdura viçosa dos trópicos da graça redentora.

"Enchei-vos do Espírito", isto é, enchei-vos completamente até não ficar lugar para nada mais. Qual é a vantagem de tal vida? Percebemos apenas aquilo que penetra para dentro de nosso conhecimento. Se guardarmos êsse reino in-

timo livre de todo o mal, destruímos tôda a sua malignidade. Se mantivermos o nosso conhecimento cheio da presença da glória de Deus, não haverá lugar para os agressivos erros e o amargo desapontamento.

As únicas pessoas que podem falar acêrca da vitória sôbre a tentação são aquelas que a experimentaram. Tôdas as vitórias são ganhas em batalhas.

Deves ocupar, cada dia, terreno mais alto. Tens de negar-te a ti mesmo para avançar com Deus. É mister recusar tudo que não seja puro e santo. Deus exige um coração limpo, e espera que desejes ardentemente a santidade.

É quando cremos que Deus extende a mão.

A Palavra de Deus não nôs aproveitará, se não fôr acompanhada pela fé, em nós que a ouvimos.

Deus quer que estejamos cheios do Espírito Santo ao ponto de tôda a nossa vida estar de louvor.

O maior plano que Cristo exemplificou foi o do ministério de serviço. Ao alcançarmos o grau de servir só e inteiramente por causa do amor que sentimos, veremos a mão do Mestre Divino sôbre nós e nunca havemos de fracassar.

Somos obrigados, pela lealdade a Deus, a nos esforçarmos para evitar qualquer cisma no corpo — a Igreja.

Há duas coisas que te levarão a abandonares imediatamente a ti mesmo para te firmares sôbre as promessas atuais de Deus. Uma é a pureza; a outra é a fé, a qual arde mais e mais se te guardares puro.

Não se deve orar acêrca da Palavra de Deus; a Palavra de Deus é para ser recebida e para ser obedecida.

Há sempre bênção onde há harmonia. "Unânimes" é a chave da vitória. Em vez de deixares sair qualquer coisa dos teus lábios para perturbar

a harmonia, vive para auxiliar todo o mundo, para levantar a todos, para estimular a perfeita harmonia entre todos.

Pede ousadamente, pois Deus está no trono, pronto para te responder.

Tendes de passar por tristezas se deixardes vossos sentimentos dominarem a vosa vida. Lembremo-nos de que Deus nos ressuscitou, em Cristo, acima de tôdas as coisas. Êle diz: "Tudo é vosso." Somos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo."

Certo domingo Smith Wigglesworth estava em uma cidade, desconhecida para êle, procurando igreja para assistir o culto. Por acaso entrou em uma igreja dos Quakers. Ficou sentado e calado, por alguns minutos, como os demais, e conforme o costume dêsse povo que espera até o Espírito Santo o mover. Mas aconteceu, como no caso do salmista: "Enquanto eu meditava se acendeu um fogo; então falei com a minha língua." Sua alma estava em chamas, pois, antes de entrar na igreja assistira um "treino de joelhos", do Exército de Salvação. As palavras que saíram da sua bôca foram como fogo liquefeito. Depois de findar o culto os dirigentes cercaram-no exclamando: "Mas o Espírito moveu o irmão muito depressa! Diga-nos o segrêdo." Ficaram quase estupefatos com a sua resposta um pouco dura: "A verdade é: Se o Espírito não me move, eu movo o Espírito." Foi, sem dúvida uma maneira rude para exprimir o que queria dizer, mas muitas vêzes dizia: "Ao iniciar de forma natural, com fé, o Espírito Santo sempre vem em meu auxílio e me unge; assim começo de forma natural, mas continuo no Espírito Santo."

Podia-se dizer de Smith Wigglesworth que era único, original e inimitável. Era demasiado sincero para assumir as maneiras de qualquer homem

e demasiado simples para alguém imitá-lo. Mas os que experimentassem usar as suas novidades achavam-nas tão inconvenientes para as adotar como Davi vestir-se com a armadura de Saul, tão inúteis como Geazi usar o bordão de Eliseu, achariam que a experiência os esclarecia tanto como a dos sete filhos de Ceva, quando tentaram expelir demônios no nome do Cristo que Paulo pregava.

Capítulo XII

LIVRE DE AVAREZA

Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes: diz a *Revisão Autorizada,* em Hebreus 13:5. Nosso *Grande-Coração* acreditava e aceitava tanto essa passagem como qualquer outra nas Escrituras.

Certa vez êle se hospedou na casa de um milionário de renome, em Londres, e, juntos deram um passeio, de madrugada em Hyde Park. Wigglesworth fêz esta observação: "Irmão, não tenho qualquer cuidado de coisa alguma dêste mundo. Estou tão livre e alegre como os passarinhos." Contudo ao mesmo tempo levava cartas no bôlso comunicando-lhe notícias que davam para encher qualquer homem de receio e de prostrá-lo em terra.

"Que foi que o senhor disse? Que foi que disse? Irmão, repita-o novamente;" respondeu o milionário. Wigglesworth repetiu o que tinha dito e o amigo respondeu: "Eu daria tudo que possuo para poder dizer o mesmo." Se Wigglesworth tivesse feito qualquer alusão aos seus embaraços financeiros êsse amigo teria suprido tudo. Para o milionário teria sido um grande privilégio liquidar todos os compromissos mencionados nas cartas. Mas a aprovação de Deus e a liberdade

pessoal eram, para Wigglesworth, de muito maior valor do que ficar em sujeição financeira a qualquer homem. "Presente não tomarás, porque o presente cega os que têm vista, e perverte as palavras do justo;" era uma Escritura que guardava no seu coração. Até ao fim da vida conservou-se limpo acêrca de finanças. Podia dizer verdadeiramente: "De ninguém cobicei a prata, nem o ouro." Fechava os lábios, encerrava o coração e sorria diante dos homens enquanto lhe pesavam fardos suficientes para esmagar um gigante. Êsses fardos êle os deixava com Deus, bombardeando os céus até receber a certeza de que Deus supriria tudo que fôsse necessário.

Não aceitava convite de qualquer igreja, para fazer uma campanha, sem a igreja concordar em levantar ao menos uma oferta para a obra missionária no estrangeiro. Não pedia nada para si, mas insistia para que contribuíssem liberalmente para os países sem o Evangelho. Disse-nos certa vez: "Seria bom se alguém fizesse meu retrato na ocasião em que remeto uma boa importância para a obra missionária. É quando me sinto realmente alegre."

Durante certa campanha foi-lhe entregue um cheque de importância elevada. Ao inquirir acêrca do ofertante informavam-no de que era pessoa de recursos e que a oferta estava livre de quaisquer condições. Êle enviou o dinheiro para certa missão. Depois veio a conhecer circunstâncias na vida do doador que não considerava justas. Por isso devolveu tôda a importância, parceladamente, tirando essa importância do que recebia para seu próprio sustento.

Odiava a dissipação e o desperdício. Durante a guerra, quando os ordenados baixaram, as despesas subiam e os preços de víveres elevavam-se excessivamente, seus amigos cuidavam de que êle

não conhecesse o custo da vida diária. No caso de pensar que a comida preparada para êle era demasiado cara, não a tocava e era necessário removê-la da mesa. Podia ser mesquinho consigo mesmo, mas nunca com seus semelhantes, especialmente quando pertencia à obra de Deus. Era sempre generoso no emprêgo de seu dinheiro, mas o dinheiro tinha de permanecer como seu servo e nunca ser seu senhor. Dizia êle: "O sábio nunca gasta mais do que dezenove de seus vinte cruzeiros, mas o tolo gasta todos os vinte, sendo forçado a mendigar."

Depois de findar a última reunião de uma das suas grandes campanhas, na qual foi liberalmente remunerado foram-lhe apresentados dois missionários que se preparavam para viajar para a China. Faltava-lhes entretanto uma grande importância de dinheiro para pagarem as passagens. Ao saber disso, Smith Wigglesworth entregou-lhes todo o dinheiro que recebera durante um mês inteiro de árduo labor. Fazia assim repetidamente.

Durante um período de muitos anos deu tudo quanto obteve com a venda de seu livro, *A fé sempre crescente,* para auxiliar a obra e os obreiros em muitos países. Recebia cartas de tôdas as partes do mundo, solicitando auxílio e não o recusava a ninguém; sempre que fôsse possível enviava uma oferta.

Certa vez, o pastor de uma grande igreja lhe disse: "Irmão, faz três meses que está conosco e seu ministério teve como resultado dar um novo e firme rumo a esta obra. Não pode deixar-nos. Nosso povo está exigindo que ajustemos um preço para o irmão ficar aqui. O ministério da igreja me apontou para saber quanto o irmão quer — pode designar a importância. Peça quanto quiser; sòmente fique conosco. "Por fim ofereceram-lhe

uma importância astronômica, mas Wigglesworth ficou firme, e disse-lhes: "Tenho feito o que Deus queria de mim aqui e agora todo o dinheiro do mundo não é suficiente para induzir-me a ficar com esta igreja. Convoque todos os membros do ministério da igreja, orarei pelo irmão e por êles e me despedirei." Um grupo de homens chorando se reuniu e insistiu para que reconsiderasse a sua resolução. Mas Wigglesworth havia resolvido. Depois de orar com êles e por êles, despediu-se dizendo: "Tenho uma paz que não se compra com qualquer dinheiro. Tenho a aprovação dos céus, a qual vale milhões de dólares. Um minuto sob a unção de Deus vale mais que o mundo inteiro. A boa vontade de Deus sôbre a minha cabeça e no meu coração é de incalculável valor. Devo eu sacrificar êsse bem-estar pelo ouro da terra? Nunca jamais! Nunca jamais!"

Nosso *Grande-Coração* era amigo íntimo de muitos homens ricos em várias partes do mundo, contudo nunca se deixou dominar por qualquer um dêles. Se tivesse sido avarento, teria ajuntado uma fortuna fabulosa. Ouvimo-lo, porém, citar repetidamente as palavras de Eliseu: "É ocasião para receber dinheiro?"

Certo milionário, fabricante de bebidas fortes, cuja espôsa estava desenganada pelos mais famosos especialistas do mundo, rogou-lhe que não poupasse nem dinheiro e nem tempo para ir imediatamente em socorro dela. Pais, que tinham filhos sofrendo dos nervos, ofereciam-lhe qualquer importância para que os filhos fôssem libertos. Pessoas ricas, dissolutas e acabadas fisicamente, procuravam alívio com êle. Rogavam-lhe por carta e por cabograma: "Venha. Pagaremos sua passagem de avião. Não nos importa quanto teremos de pagar pelas despesas!" Smith Wigglesworth tapava os ouvidos contra todos os que queriam dar-lhe di-

nheiro. Não queria sair fora da vontade de Deus Se, para ser puro, devesse ser pobre, ficaria contentíssimo em passar a vida pobre.

Apesar de reconhecer o valor e a necessidade de possuir dinheiro, ao mesmo tempo não se esqueceu da tentação e cilada do mesmo. Ao planejar seus itinerários e responder aos convites de fazer campanhas nas igrejas, não considerava a remuneração financeira. Sabia por experiência própria que os planos, muitas vêzes, fracassavam e as promessas falhavam. Mas provou que, ao colocar Deus em primeiro lugar, tinha todos os recursos de Deus ao seu dispor.

Sempre se firmava na Escritura que diz: "Não negligencieis igualmente a prática do bem e a mútua cooperação; pois com tais sacrifícios Deus se compraz." Ao visitar a cidade de Springfield, Missouri, em 1923, hospedou-se conosco. Não era um tempo muito próspero para nós e notou que a nossa roupa estava demasiado gasta e velha Levou-nos à cidade e comprou-me um terno, um chapéu e, para minha espôsa, comprou roupa completa. Transbordava de gôzo em possuir o dinheiro para mostrar tal beneficência a duas pessoas que amava. Lembro-me que em uma das lojas como José no Egito, "procurou onde chorar." Escondeu-se em um canto escuro para enxugar as lágrimas que lhe corriam pelas faces.

Aproveitava tôdas as oportunidades para induzir o povo a contribuir liberalmente para a obra de Deus. Em pé, perante uma grande multidão, em certo imponente edifício, em Londres, durante uma convenção Pentecostal, êle anunciou "Hoje é meu aniversário; estou completando setenta anos Sei que há aqui muitos que me amam e querem darme um presente. Sei que há, no auditório, muitas senhoras que têm vestidos e chapéus de sobra — roupa que servirá ainda por muito tempo Vós

homens podeis usar os mesmos ternos por muito tempo. Todos vós podeis poupar dinheiro e ofertá-lo como presente de aniversário, para o Senhor. Enviaremos êsse dinheiro para a obra missionária em todo o mundo." O auditório animou-se e bateram o recorde em ofertas levantadas. Foi uma bênção oportuna para a obra de Deus no estrangeiro. Para o irmão Wigglesworth era sempre mais bem-aventurado dar que receber. Sempre pregava e praticava a arte de ajuntar tesouros no céu.

Capítulo XIII

O BOM COMBATE DA FÉ

Em II Samuel 23:8-12 lêem-se os relatos abreviados das proezas de três dos valentes que Davi tinha a seu serviço. Adino levantou a sua lança e matou oitocentos do inimigo de uma vez. Eleazar desafiou os filisteus, matando-os até cansar a mão e ficar-lhe pegada à espada. Isso resultou em grande vitória e muito despôjo para Israel. Samá pôs-se no meio de um terreno cheio de lentilhas e o defendeu. O resultado dêsse ato de bravura foi que os filisteus, que atacavam ao povo de Deus, foram mortos, e o Senhor deu vitória aos seus servos. Foi assim, como nos combates dos três valentes de Davi que o nosso *Grande-Coração* pelejou a boa peleja da fé.

À pergunta quase universal, "Como posso adquirir grande fé;" êle respondia: "A grande fé é produto de grandes combates. Grandes testemunhas são as conseqüências de grandes provações. Grandes triunfos são os resultados de grandes tribulações." É significativo que as mais altas condecorações militares, em todos os países, estão simbolizadas por uma cruz — o sinal dos maiores conflitos e das insignes vitórias.

Há muitos que contestam o fato de Cristo curar os enfermos atualmente. Nosso *Grande-*

Coração, contudo, baseava a sua pregação e prática sôbre a verdade, que Cristo permanece o mesmo, e que o Senhor, que não muda, ainda diz a todos os enfermos e necessitados: "Eu sou o Senhor que te sara." Foi um de seus íntimos amigos, Tomás Myerscough, quem disse: "Aquêle que tem uma experiência não está à mercê do homem que apenas tem um argumento." Nosso *Grande-Coração* passara duras provações no início e vira, também, o poder sanador manar do Senhor para milhares de enfermos, a quem ministrava. O Senhor deixou Seu servo passar severas tribulações e provações. Mas, êle continuou a testificar: "Deus repetidamente fêz passar sôbre mim, a provação, como se fôsse um cilindro bastante pesado para me laminar, mas nunca me deixou abatido." Já relatamos, no Capítulo III, como certo fervoroso jovem, de um salto, subiu na cama do irmão Wigglesworth, quando se achava morrendo de apendicite, deitou-lhe um punho com fôrça sôbre a barriga e combateu em oração até Deus livrá-lo e curá-lo.

Narramos, também, como Deus o libertou de hemorróidas, das quais tinha sofrido muito e por longos anos. Nessa ocasião, o Senhor lhe deu a seguinte Escritura: "Desde os dias de João Batista até agora, se faz violência ao reino dos céus, e pela fôrça se apoderam dêle." Para êle, esta passagem lhe serviu como uma chamada a exercer fé violenta e forte para vencer a provação no seu próprio corpo. Nêsse tempo bombardeava o trono da graça, apoderando-se do reino pela fôrça. Quando mais velho , sua oração, pelos oprimidos de demônios, foi caracterizada por uma santa violência; procurava cumprir o jejum de Isaías 58: "Romper as ligaduras da iniqüidade, desatar as ligaduras do jugo, deixar ir livres os oprimidos." Sua atitude nunca era de quem, com a mão, toca

de leve um gatinho; antes era de quem arrebata a vítima da bôca do dragão.

Na última parte da sua vida passou três tremendas provações. A primeira começou cêrca de quinze anos antes de sair para estar com Cristo. A narrativa é de fé milagrosa e de grande fôrça de espírito da parte dêle. Êle foi a um médico que lhe disse: "Sr. Wigglesworth recebi as chapas de Raio X, as quais provam que o seu incômodo é muito grave. Está sofrendo de cálculos renais em estado avançado. Meu conselho é que se submeta a uma operação, sem demora. Não há outro meio de evitar passar longo tempo de grandes sofrimentos e, por fim, a morte. Quer que eu telefone para o hospital para reservarem-lhe um leito?

Assim respondeu Smith Wigglesworth, fitando o médico: "Doutor, o Deus que fêz êste corpo é quem pode curá-lo. Enquanto eu viver, ninguém tocará neste corpo com faca." Perguntou-lhe o médico: "Mas que vai fazer acêrca dos cálculos?" "Deus tomará conta dos cálculos," foi a resposta. Disse-lhe o médico: "Ora, se Êle o faz, desejo que o senhor me informe." "Informá-lo-ei," respondeu Irmão Wigglesworth.

As dores aumentaram dia e noite e houve irritação local. Certo dia, depois de sofrer mais do que qualquer dia antes, acharam uma precipitação grossa e côr de castanha no vaso que usara. Era semelhante à casca de uma noz, áspera e dura. Tal objeto não podia passar pelos canais que conduzem a urina, sem causar excruciante dor. Quando lha mostraram, êle exclamou: "É o início do fim." Foi o início, mas o fim estava ainda muito longe. Haviam de passar-se muitos anos antes de ficar livre do último cálculo. O médico, ao ver a concreção dura, teve de confessar que foi um milagre poder expelir tal objeto dos rins. Como êle

suportava tal dor incessante e atrós, como vertia tão grande quantidade de sangue durante o tempo necessário para expelir um cálculo, tudo sem interrupção ao seu ministério, causava admiração aos amigos que sabiam da sua luta.

Certo dia levantou-se de seu leito e viajou à Ilha de Man, uma grande distância, para orar por alguns enfermos. Era viagem de três horas de trem, e uma hora de navio, em tempo de grande frio. Ao chegar ao seu destino, foi recebido por um parente, que era enfermeiro, o qual insistia com êle para que se deitasse e usasse compressas quentes, pois estava muito doente. Êle ficou na Ilha até findar seu ministério entre os doentes. Na viagem de regresso êle teve de lutar com a passagem de mais cálculos. Verteu tanto sangue que ficou pálido e foi necessário envolvê-lo em grossos cobertores para conservar o calor do seu corpo.

Depois, acompanhado pelo genro, foi à Suécia e à Noruega para uma visita prolongada. Passou noites inteiras ora deitando-se, ora levantando-se, ora rolando no chão em agonia, enquanto lutava para expelir cálculos. Contudo, levantava-se duas vêzes, todos os dias, para ministrar aos enfermos. Na grande igreja, Filadélfia, em Estocolmo, o número de enfermos era extraordinàriamente grande. O pastor Lewi Pethrus, disse que havia cêrca de oitocentas pessoas de tarde e quinhentas no culto à noite pedindo a oração. Deus fêz milagres enquanto Smith Wigglesworth ministrava entre o povo, no nome do Senhor Jesus Cristo. Apesar de êle estar mais doente do que o povo, pelo qual orava, êle mesmo não achou alívio. Podia-se dizer verdadeiramente que "ministrava estando em fraqueza da carne."

Na Suíça passou pelas igrejas como uma chama. Houve avivamento em tôda parte onde passava. Almas foram salvas, corpos curados de tôda a

sorte de doenças. Grandes prédios foram cheios de ouvintes e o povo grandemente abençoado. Muito poucas pessoas sabiam que o pregador passava a maior provação da sua vida; elevou-se sôbre tudo como uma rocha.

Na América do Norte, onde os maiores prédios foram completamente lotados, ministrou às maiores multidões, orou por milhares de pessoas, contudo a sua provação continuava. Freqüentemente seu genro e sua filha tinham que atender aos cultos, deixando-o prostrado no leito de dor. Depois êle aparecia para pregar e orar pelos enfermos, regressando logo após para seu leito. Às vêzes, nos cultos, as dores eram tão insuportáveis que tinha de precipitar-se estrada afora para achar alívio. Mas sempre voltava para continuar os cultos.

Tiago Salter escreveu o seguinte: "Durante êsses anos acompanhei-o freqüentemente, dormindo no mesmo quarto com êle. Admiravamo-nos ao ver como não diminuía o seu ardor de prègar e sua compaixão em ministrar aos enfermos. Não me lembro de êle se ausentar de qualquer culto durante êsse tempo, mas havia ocasiões quando era necessário deixar outros pregar. Conhecia-o mais intimamente do que qualquer outra pessoa, estando ao seu lado e compartilhando seus segrêdos. Eu tinha tôdas as oportunidades de avaliar o homem no sentido físico e no espírito. Não era porque êle possuísse organismo e vontade férreos; já vi outros igualmente fortes sofrerem colapso sob menos provações. Êle não apenas suportava essas agonias, mas fazia com que elas servissem o plano de Deus, exultando-se nelas e sôbre elas.

"Guardava um vidro em que ajuntava êsses cálculos e, por fim, o número elevou-se até se contar por centenas. Emergiu dessa provação, que durou ao menos seis anos, com fé provado pelo fogo — uma fé ainda mais firme do que antes e uma

confiança inabalável em Deus. Êle aspirava ser como Jó — um homem em que Deus podia gloriar-se sôbre Satanás. Durante todo o tempo da sua provação, podia expressar sua confiança nas palavras de Jó: "Mas êle sabe o meu caminho; prove-me, e sairei como o ouro. Nas suas pisadas os meus pés se afirmaram; guardei o seu caminho, e não me desviei dêle."

Foi no ano de 1937 que nosso *Grande-Coração* visitou a África do Sul. Declarou várias vêzes que foi a viagem mais árdua da sua vida. Não estava em boa saúde quando partiu da Inglaterra, sofria grandes dores ao embarcar no navio. Na maior parte da viagem sofreu de ciática, as pernas ficavam duras, às vêzes, causando-lhe intensa dor quando experimentava caminhar. Apesar dêsses embaraços, Deus abençoou ricamente às suas campanhas. O fruto do seu ministério para salvar almas e curar corpos permanece até hoje.

Certo homem, grandemente revivificado ao ler seu livro, *A fé sempre crescente,* comprou um automóvel muito cômodo e ofereceu-se para levá-lo onde êle quisesse durante todo o tempo que passasse na África. Isso não foi inteiramente uma bênção para êle. Sua filha estava com êle e seu genro viajou do Congo Belga para acompanhá-lo também.

Certa noite, depois de esforçar-se mais que de costume, o irmão Salter ajudava-o a deitar-se; quando trancou a porta, informou seu genro de que sofria de uma grande hérnia, resultado, pensava êle, de subir e descer no carro. É mais provável que o subir e descer no carro agravasse o que começara, como resultado de saltar estrado abaixo durante seus sermões e ao ministrar aos enfermos. Completou, porém, seu itinerário, sem ninguém saber dêsse incômodo, a não ser seu genro e sua filha.

Acêrca dessa viagem, o irmão Salter disse: "Como êle trabalhava e pregava! Realizavam-se os

cultos em grandes prédios. Viajou milhares de quilômetros sôbre estradas primitivas, para pregar e orar, tanto pelos brancos como pelos pretos. Alimentava-se de comida que não conhecia antes. Transpirava muito por causa do sol. Apesar de tudo, não se poupou a si mesmo. Certamente não se comportou como um homem grandemente quebrado. Foi mais um segrêdo que compartilhou com Deus, e venceu."

No outono de 1944 passou outro período de grande provação física — quando contava já oitenta e cinco anos. Como de costume passara algum tempo sentado no parque perto da sua casa. Mas ao chegar em casa, ao meio dia, seu rosto estava torto e movia um lado de seu corpo com dificuldade. Sorriu mas tinha a fala embaraçada. Deram-lhe de comer e ajudaram-nos a deitar-se. Passou o resto do dia semi-cônscio. Ao anoitecer, seu filho achou melhor chamar um médico, o mesmo que aconselhara uma operação quando soffera de cálculos. Mas o irmão Wigglesworth lhe suplicou que se afastasse dêle. O médico achou que o incomodava, mas realmente o doente não sabia o que dizia, nem reconhecia o médico. O médico disse aos membros da família: "Está sofrendo de insolação. Não o deixem sair da cama durante um ou dois dias." Particularmente o médico disse ao irmão Salter: "É provável que êle não se recupere; pode falecer a qualquer momento. É capaz de dormir e passar sem acordar." Depois de passar dois dias acamado, levantou-se. A primeira coisa que fêz foi procurar o médico e explicar-lhe que lhe falara assim sem saber o que fazia ou dizia. Contudo ficou abalado tendo dificuldade para firmar-se em pé ou segurar bem qualquer objeto nas mãos. De fato, duas vêzes levou grande tombo.

Membros da família cuidaram dêle durante todo o tempo de frio, mas ao passar o inverno, Deus

tocou milagrosamente na sua mente e no seu corpo. Passou a escrever cartas e andar, como de costume. O Senhor vivificou nêle as palavras de Romanos 8:11: "E, se o Espírito daquêle que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquêle que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita." Tudo que dizia e tudo que escrevia nas suas cartas constava dessa mensagem. Ficou inteiramente rejuvenescido e escreveu a narrativa da sua cura, para ser publicada. No tempo da Páscoa ocupou seu lugar, como de costume, para presidir a Convenção de Preston, uma série de cultos famosa na Inglaterra. Custou-lhe esperar até findar o cântico dos primeiros hinos para dar seu testemunho. Foi baseado sôbre Romanos 8:11; o mesmo texto lhe serviu durante tôda a série de cultos. Seu testemunho acêrca dessa nova vida vivificou tôdas as reuniões durante a convenção. Ouvia-se, novamente, a sua expressão, conhecida por todos: "Ora, não estou ciente de ter um corpo." Permaneceu no mesmo estado de forte emoção física e espiritual até entrar no lar eterno.

Capítulo XIV

VIDA DE GÔZO

Smith Wigglesworth dizia freqüentemente: "Ninguém goza da vida mais do que eu. Lucro mais em um minuto do qua a maior parte do povo em um mês."

A sua maneira de alegrar-se era simples como a de um jovem. Gostava de andar a êsmo nas matas. Conhecia todos os pássaros de sua terra natal e seu cântico. Certo dia seu filho primogênito disse-lhe: "Pai, achamos um cuco novo no ninho de um estorninho. Está a beira da estrada." Logo queria ir vê-lo. Ficou grandemente encantado ao ver o filhote, no ninho miúdinho, escancarar a bôca ao ouvir qualquer som. Para êle, êsse fato ilustrava o texto bíblico: "Abre bem a tua bôca, e ta encherei." Salmo 81:10.

Mostrou-se apaixonado pelas violetas, pelas primaveras, pelas campaínhas, e pelo urze da sua terra. Tiago Salter conta como passou um dia com êle: "Depois de subir uma longa rampa, avistamos, repentinamente, um vasto terreno pantanoso. O chão, por muitos quilômetros, estava coberto de urze roxo, justamente no tempo da sua maior glória. O sol brilhava no seu fulgor; os passarinhos voavam e cantavam; parecia alegrar-se tôda a natureza. Smith Wigglesworth, na sua maneira, le-

vantou suas mãos, respirou profundamente o ar perfumado e exclamou: "Isto é vinho! é saúde! é vida!" Um velho que passava, parou admirado ao ver o ato extravagante. Sr. Wigglesworth, ao vê-lo, dirigiu-se a êle, dizendo: "Deve ser maravilhoso morar neste lugar. Certamente o povo aqui nunca morre!" Achou muita graça na resposta do velho: "Sòmente uma vez, meu amigo; morre sòmente uma vez!" A água corrente era-lhe como um cântico calmante. Às vêzes exclamava: "Se eu pudesse passar a noite em um quarto com a janela aberta para êste ribeiro murmurante!" Revivia os dias da sua mocidade ao assentar-se na ribanceira de um riacho encantador a contemplar um menino pescando truta; cada vez que apanhava um peixe, o menino levantava-o para o velho admirar. Êle voava com as cotovias e os pintarroxos, saltava com os coelhos.

"Suas férias eram tempo de comunhão. Descansava mas não deixava a obra que tanto amava — a obra de conduzir almas a Cristo. Quando êle e a sua espôsa eram ainda jovens, fizeram uma excursão de bicicleta à Escócia. Em uma das cidades, onde passaram, realizava-se um culto ao ar livre. A irmã Wigglesworth, que sempre gostou dos cultos ao ar livre, ajuntou-se ao grupo e deu uma mensagem curta. O prefeito da cidade assistia e ao saber que ela era evangelista arranjou para ela uma série de cultos. Tôdas as noites realizavam-se cultos pela salvação de perdidos. O irmão Wigglesworth aproveitou o ensejo, certo dia, para subir uma das montanhas mais altas da Escócia. Lá mesmo, na encosta da montanha, levou três homens para Cristo, antes de voltar à casa.

"O norte de Gales era um dos seus lugares prediletos. Mesmo quando avançado em idade, gostava de subir até o cume do monte Snowdon, uma proesa para um jovem, sendo a mais alta monta-

nha das ilhas Britânicas. Era para êle grande delícia, contemplar, de tão grande altura, o sol nascer Certa outra ocasião, êle e sua filha planejaram uma excursão de bicicleta ao norte de Gales Era tempo do avivamento em Gales, no ano de 1905 Certo dia seguiram uma multidão demasiado grande para entrar em qualquer auditório. Entraram em uma grande roça. Não havia dirigentes visíveis mas o Espírito Santo estava lá. Cantavam coros e oravam, todos se abandonando a exprimir os sentimentos do coração em uma maneira própria. A multidão continuava a afluir para êsse campo e a voltar; parecia um culto interminável, sem início e nem fim.

"O irmão Wigglesworth regozijou-se nesse ambiente de culto, mas, por fim, falou à filha acêrca de saírem para comer. Entraram em uma vereda que os conduzira à casa de uma família camponesa. Irmão Wigglesworth, dirigindo-se à dona da casa, explicou-lhe que levavam comida mas desejavam o favor de lhes preparar um pouco de chá. A senhora, que estava muito ocupada, respondeu-lhe: "Por certo, mas devem desculpar a minha aparência. Cuidamos sòmente das coisas absolutamente necessárias em casa, porque desejamos passar quanto tempo fôr possível no avivamento. Temos de alimentar e ordenhar as vacas leiteiras e cuidar das galinhas. Mas gastamos muito pouco tempo em preparar nossa própria comida." Enquanto falava começou a preparar o chá.

"A senhora é salva?", perguntou-lhe o irmão Wigglesworth. "Realmente não, não na maneira que Evã Roberts ensina," respondeu a senhora. "Ora," replicou-lhe o irmão Wigglesworth, " a senhora pode ter a salvação na única maneira em que uma pessoa pode ser salva, isto é, pela fé no Senhor Jesus Cristo." Então abriu o Novo Testamento e leu Romanos 10:9: "Se com a tua bôca confessares ao

Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo." Explicou-lhe êle: "É assim que se adquire a salvação; só assim se nasce de novo." Foi grande gôzo para êle levar essa alma para o Senhor Jesus. No navio do norte de Gales a Liverpool êle e sua filha tiveram o grande prazer de levar dois homens ao seu Salvador.

"Ao visitar a Califórnia sempre aproveitava a oportunidade de visitar o vale Yosemite. Tôdas as noites, ali, fazia-se uma gigantesca fogueira. Às nove horas em ponto, soava uma voz dizendo: "Caia o fogo!" Em seguida os paus em chamas eram empurrados penha abaixo, e caíam como uma cachoeira de fogo de uma altura de mais que trezentos metros. Disse o irmão Salter: "Foi durante êsse espetáculo, presenciado por milhares de pessoas, que o ouvimos dar um dos seus mais volumosos "aleluias". Grande foi o eco pelo vale e grande o susto do auditório! A estupenda cena de fogo cair da montanha fêz comover profundamente sua alma Pentecostal — cena de que nunca se esqueceu.

"Há outro acontecimento que sempre está vivo em nossa memória; era quando assistia à obra-prima de Handel, *O Messias*. O oratório atingia o clímax no cântico do côro *Aleluia,* que sempre fêz o auditório levantar-se, tomado de delírio. Ao findar a última nota, irmão Wigglesworth, em transporte extático, levantou sua voz enunciando um *aleluia* tão forte, que fêz vibrar os caibros do imponente edifício. Certo repórter, narrando o evento para um diário, escreveu o seguinte: "Em tôda minha vida nunca ouvi tal voz!"

"Seu gôzo por pessoas, por lugares e por quadros era sem limites. Ao viajar nos vários países sempre se aproveitava da oportunidade para ver o que havia de mais importância e fama. Havia dois panoramas que tôdas às vêzes lhe serviam de tremenda inspiração. Um dêles era as cachoeiras do

Niágara e o outro as cachoeiras de Trummelbach, na Suíça Ao contemplar essas duas majestosas e fragorosas torrentes de água, êle rogava, com as lágrimas descendo pelas faces: *"Da mesma maneira*, meu Deus, *Da mesma maneira* em mim! Faz fluírem, Senhor, do meu interior, vastos e caudalosos rios de água viva, *na mesma maneira!"* Geralmente, depois de visitar Niágara, ia a Nova York para a campanha final nos Estados Unidos. Sempre implorava aos ouvintes que recebessem uma experiência *da mesma maneira*.

"Tais quadros como essas obras-primas da natureza, operavam nêle da mesma maneira da arte do menestrel em Eliseu (II Reis 3:15) — a sua alma abrasava, seu espírito chamejava no incenso de oração e louvor. Tenho-o visto, em tais circunstâncias, abandonar-se a dançar. Suas mãos levantavam-se espontâneamente em adoração, e êle se entregava a um júbilo contagioso. Com as lágrimas correndo dos olhos, êle sempre dizia: "Irmãos, oremos." Converteu todo o lugar em um Betel; transformava tôdas as pessoas presentes em adoradores do Deus vivo.

"Seu gôzo permaneceu até o fim. Dizia, repetidamente: "Não há nada que lamento; não há coisa alguma que preciso de endireitar." Quando o povo queria saber que presente preferia para Natal, ou para seu aniversário, respondia: "Não há coisa alguma no mundo inteiro que eu deseje. Tenho tudo que preciso."

"Completou o seu ministério em tôdas as suas ramificações, sem omitir um item conhecido, do programa Vivia aceso por Deus, ateando fogo na vida dos seus semelhantes. Movido pela influência divina entrou no céu como um navio carregado entra no pôrto Completou sua carreira.

"Guardava com zêlo a fé que pregava e praticava Achava melhor morrer confiando do que viver

duvidando. Um testemunho de cura no qual Deus, os médicos, operações e remédios compartilhassem da honra, não era aceito por êle com inteira aprovação. Seu espírito era o do Santo Monte, onde faz menção de três tabernáculos. Duas pessoas foram retiradas e uma voz disse: "Êste é o meu filho amado... Ouví-O." E levantando os olhos, a ninguém viram senão só a Jesus.

'Mostrava-se intensamente zeloso em que sòmente Deus tivesse a glória. Não havia montanha bastante grande, nem circunstância suficientemente larga, para admitir outra pessoa além de Jesus.

"Para êle, guardar a fé com tôda a sua integridade, e o viver sob o sorriso da aprovação de Deus significavam ter a atitude de Jó, que disse: "Ainda que êle me mate, nêle esperarei," e a atitude dos três hebreus que disseram a Nabucodonozor: "Não necessitamos de te responder sôbre êste negócio. Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, é que nos pode livrar; êle nos livrará do fôrno de fogo ardente, e da tua mão, ó rei. E, se não fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste."

"Houve dois períodos de grande tristeza na sua vida; uma vez quando sua querida espôsa em 1913, dormiu em Cristo. A irmã Wigglesworth serviu ao Senhor até o último momento da sua vida. Ao regressar do culto, na rua Bowland, sofreu de um colapso cardíaco. Na mesma noite, o irmão Wigglesworth ia a Escócia, mas recebeu as notícias da doença da sua espôsa, na estação, antes de embarcar. Apressou-se para voltar a casa. O espírito havia partido para estar com o Senhor, mas quando reprovou a morte seu espírito voltou. Porém, o Senhor falou a seu coração dizendo: "Chegou o tempo em que quero levá-la para estar no lar comigo." Assim, com coração pesaroso, conformou-se em que aquela que amou durante muitos anos,

aisse para estar com Cristo. Parece-nos, porém, que, desde então, seu ministério assumiu uma nova doçura e um novo poder.

Foi no ano 1915 que seu filho mais novo, Jorge, partiu para estar com Cristo. Sua ausência foi como grande golpe no seu coração amoroso. Descobre-se, porém, nas suas cartas, escritas nesse tempo, que entrou em uma consagração mais profunda e em um novo, mais largo e mais compassivo ministério para seu Senhor e Mestre.

Capítulo XV

O GRÃO CHEIO NA ESPIGA

"Então! como vai êle?" Tantas e tantas vêzes perguntou nosso *Grande-Coração* assim. Essas palavras são típicas do seu terno coração, descobrindo a sua solidariedade à humanidade na sua fraqueza e a sua compaixão para os que sofrem. Mas certa vez foi a última vez que êle fêz essa pergunta — que anunciou essas palavras na terra.

Algumas semanas antes disso, visitara uma senhora gravemente enfêrma em Wakefield. Durante alguns anos sofrera de um tumor canceroso que permeava todo o corpo, causando-lhe intensa dor. Do ponto de vista humano, não havia esperança. Ao ministrar-lhe a Palavra, e orar por ela, essa senhora respondeu a seu ministério. Deus manifestou grandemente o Seu poder e ela levantou-se do leito, andando dentro do quarto, com as mãos levantadas. Parecia que o Senhor a curara. Nosso *Grande-Coração recebeu* também uma grande bênção no seu próprio espírito enquanto orava por essa irmã. Quando regressou para Bradford, sua filha escreveu: "A casa estava cheia da presença e da glória de Deus. Foi tempo de gloriosa adoração. Êle orou: "O' Senhor, tu sabes que não nos desviamos da Tua Palavra, nem por um momento. Tua Palavra sempre foi suficiente. Tu sabes, Senhor,

que não duvidamos da Tua Palavra. Tu és nosso Sarador, nosso Libertador — Tu és tudo de que careçamos." Foi uma oração gloriosa e simples como a de uma criança. Olhar para o seu semblante era como um penhor dos céus.

Não muito tempo depois do incidente que relatamos acima, êle foi visitar o pastor dessa senhora, Wilfred Richardson, o qual fôra levado apressadamente ao hospital para submeter-se a uma operação, julgada absolutamente necessária. As lágrimas de compaixão e amor eram muitas enquanto êsses dois homens, avançados em idade, se abraçavam afetuosamente um ao outro.

Apesar do conselho de amor e o confôrto de seu amigo, êsse pastor continuava a reprovar-se a si mesmo, por não ter confiado ùnicamente no Senhor, até o fim. E três meses depois faleceu.

O inverno dêsse ano era mais rigoroso que de costume. Nevava muito e Smith Wigglesworth, então com oitenta e sete anos, era obrigado a passar a maior parte do tempo dentro de casa. Contudo, ao ouvir falar da morte dêsse amigo íntimo, resolveu assistir o entêrro.

Saiu de casa bem agasalhado, observando que se sentia muito bem. Os amigos que o levaram de automóvel a Wakefield, disseram, depois, que nunca o tinham visto de espírito mais jubiloso. Durante a viagem de vinte quilômetros, chamou à atenção dos amigos para várias igrejas onde êle e sua espôsa fizeram campanhas e relatou incidentes que ocorreram. Quando chegaram à igreja, Tiago Salter, que ia presidir o culto fúnebre, convidou seu sôgro para ir ao vestiário, onde havia acendido fogo para se aquecerem.

Ao entrar, o irmão Wigglesworth encontrou-se com o irmão Hibbert, pai da senhora doente e por quem orara pedindo a Deus que a libertasse de

câncer. Foi a êsse querido homem de Deus que a pergunta foi dirigida: "Então! como vai ela?"

Custou-lhe a esperar a resposta. Esperava ouvir que estava completamente liberta, mas o fato do irmão Hibbert demorar em responder descobriu tôda a verdade: "Ela está um pouco melhor, um pouco mais sossegada; as dores não são tão intensas durante êstes últimos dias." Não era a notícia de vitória que esperava e a agonia acumulada no seu coração, resultado do seu desapontamento, manifestou-se em um suspiro das profundezas de seu ser e que abalou todo o seu corpo. Foi êsse suspiro de compaixão que despedaçou o coração de Smith Wigglesworth. A cabeça pendeu-lhe sôbre o peito. Sem sentir qualquer dor, êle foi a estar com o Senhor que tanto amava e a Quem servia tão fielmente desde a meninice... Poucos meses antes êle nos escrevera acêrca de Enoque andar com Deus e caminhar até penetrar dentro da glória. Orava constantemente para ser um Enoque, e, de fato o era. A maneira como êle entrou na glória foi muito parecida a uma trasladação. Não se viu mais, porquanto Deus para si o tomou.

Certo amigo nos contou que, quinze anos antes, em certa convenção, êlle dissera: "Estou pedindo a Deus que me dê mais quinze anos de vida e serviço." O Senhor lhe concedeu os quinze anos, até mesmo a semana. Durante êsses anos visitou a maior parte dos países da Europa, os Estados Unidos e o sul da África, onde se regozijava ao ver a Palavra confirmada pelos sinais que se seguiam, para glória de Deus.

Várias vêzes, nos seus oitenta anos, os irmãos lhe perguntaram: "Quem vai receber a sua capa?" Mas êle respondia-lhes: "Não acabei de usá-la ainda!" Dizia êle aos auditórios em todo o mundo: "Deus tem tudo para vós. Não quer que vos falte qualquer dom. A única coisa que pede de vós é

que *creais* nêle." Dizia repetidamente: "Recebo mais de Deus crendo nêle do que clamando-Lhe a noite inteira." "Se abrirdes os vossos corações para a graça de Deus, Deus entrará e deixará em vós a fé definitiva." Em todo o mundo sua fé exprimia-se pelo simples côro:

"Crê sòmente, crê sòmente;
Tudo é possível, crê sòmente."

Capítulo XVI

ÊLE AINDA FALA

Encerramos esta obra com um dos sermões de Smith Wigglesworth sôbre a fé.

Pela fé ofereceu Abel a Deus mais excelente sacrifício que Caim; *pela fé* Enoque foi trasladado para não ver a morte; *pela fé* Noé construiu uma arca para o salvamento da sua casa; *pela fé* Abraão, quando chamado a sair em demanda de um lugar que havia de receber como herança, obedeceu. Hebreus 11. O único caminho para todos os tesouros de Deus é *pelo caminho da fé*. Tudo é possível, o cumprimento de tôdas as promessas, *aos que crêem*.

Quando a palavra veio a Zacarias, êle estava cheio de incredulidade o que levou o anjo a dizer: "Tu ficarás mudo... porque não deste crédito às minhas palavras." Lucas 1:20. Porém Maria disse: "Faça-se em mim segundo a tua palavra." Lucas 1:38. E agradou ao Senhor ver que ela creu que haveria execução. Ao crermos no que Deus diz, *haverá cumprimento*.

Havia pessoas que oravam a noite inteira para que Pedro fôsse liberto da prisão. Mas, apesar de tanta oração, parece que havia falta de alguma coisa, faltava a fé. Rode tinha mais fé do que os demais. Ao ouvir alguém bater à porta, correu para lá, porque esperava resposta às suas orações; e, no

momento em que ouviu a voz de Pedro, voltou correndo para avisar os outros que Pedro estava à porta. Mas todos disseram: "Estás louca; não pode ser." Isso não era fé. Ao insistir em que Pedro estava, disseram êles: "Ora, pode ser que Deus enviou seu anjo." Mas Rode insistia: "É Pedro." E Pedro continuava a bater. Quando foram à porta acharam que foi a verdade. O que Rode crera, tornara-se glorioso fato.

Amados, oramos e gememos muito, mas não recebemos de Deus por causa de falta de fé; recebemos porque cremos; mas quem combate em oração, geme e luta porque se sente sobrecarregado de pecados tremendos e porque fica quebrantado, diante de Deus. É, então, quando fica derretido até o ponto de entrar em plena harmonia com o plano de Deus, que Deus pode usar êste barro. Antes de ficar nesse estado, Deus não o podia usar. Oração faz mudar o nosso coração, mas nunca faz mudar a Deus. Êle é o mesmo ontem e hoje e para sempre — cheio de amor, cheio de compaixão, cheio de misericórdia, cheio de graça, e pronto a conceder-nos tôdas as coisas se chegarmos a Êle com fé.

Crêde, ao chegardes diante de Deus, que recebereis tudo que busqueis. Podeis levá-lo convosco e usá-lo, pois todo o poder de Deus está ao vosso dispor, em resposta à vossa fé. O preço de tudo foi plenamente pago pelo sangue de Jesus Cristo no Calvário.

Lê-se em Hebreus 11:5: "Pela fé Enoque foi trasladado para não ver a morte... Pois, antes da sua trasladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus. Deus nos chamou para andarmos juntos com Êle, pelo Espírito. É grandíssimo o privilégio conversar com Deus e entrar em comunhão com Êle. Pelo maravilhoso batismo no Espírito, que o Senhor nos concede, possibilita-nos conversarmos com Êle em língua dada pelo Espírito, língua que

ninguém entenda, mas, que Êle bem compreende, uma língua de amor. O' como é maravilhoso falar-Lhe em Espírito, deixar o Espírito nos levantar, nos levantar e nos levantar até chegarmos a própria presença de Deus! Oro pedindo a Deus, que por Seu Espírito, comova a todos nós para andarmos com Deus, da mesma forma que Enoque andava com Êle. Contudo, amados, temos de andar pela fé e não pela vista, devemos andar crendo na Palavra de Deus.

Há grande diferença entre a nossa fé e a fé que Jesus tinha. Nossa fé é limitada e finda-se. Sabemos, por experiência, que chegamos ao ponto de dizer: "Senhor, não posso avançar. Cheguei até aqui, mas é impossível seguir." Deus pode, porém, ajudar-nos e nos levar adiante. Lembro-me de certa noite, no norte da Inglaterra; chamaram-me para ir a uma casa onde encontrei uma jovem acamada e enlouquecida. Ela não tinha mais juízo, mas praticava atos absolutamente satânicos.

Era uma linda jovem. Seu marido, também jovem, entrou com o filhinho no colo, abaixou-se e beijou a espôsa. No mesmo instante ela lançou-se do outro lado da cama, justamente como faria um lunático, sem reconhecer a presença do marido. A cena magoava-nos o coração. O marido encostou os lábios da criança ao rosto da mãe. Ela tornou-se furiosa, novamente. Perguntei à irmã que cuidava dela: "Não tem ninguém para a ajudar?" Assim me respondeu: "Fizemos tudo ao nosso alcance." Perguntei-lhe então: "Não tem ninguém para a ajudar espiritualmente?" O marido, então, numa explosão de cólera, gritou: "Espiritualmente? O senhor pensa que cremos em Deus depois de passarmos sete semanas sem poder dormir na presença desta louca? Se pensa que cremos em Deus, engana-se. O senhor errou a casa, ao entrar aqui!"

Uma jovem de dezoito anos presumíveis, ao passar pela porta, sorriu para mim, dando-me a entender que eu nada podia fazer ali. Isso me levou a sentir ainda mais compaixão pela pobre enfêrma. Com a pouca fé que tinha, comecei a penetrar, pela oração, nos céus. Sem demora subi às alturas. Digo-vos que nunca vi alguém receber alguma coisa de Deus quando a oração fica no nível da terra. Se quiserdes receber de Deus, tereis de orar até penetrar nos céus, pois tudo de que careceis está lá no ceu. Se viverdes uma vida terrena, presos às coisas sensuais e esperando as coisas dos céus, nunca recebereis tais coisas. Deus quer que sejamos um povo celestial, sentados com Êle nos lugares celestiais, prontos a nos apoderarmos de tôdas as coisas ao nosso dispor, nos céus.

Vi ali, na presença da moça demente, os limites da minha fé; mas quando orei, veio-me ao coração outra fé, que não podia ser negada, uma fé que se firmava nas promessas, uma fé que confiava na Palavra de Deus. Voltei da presença da glória de Deus para a terra. Eu não era o mesmo homem. Enfrentei as mesmas circunstâncias que tinha visto antes, mas no nome de Jesus. Com uma fé que dava para abater o inferno e mover qualquer coisa, diriji-me ao poder demoníaco, clamando: "Sai dela, no nome de Jesus!" Ela se virou na cama e adormeceu, para acordar, catorze horas depois, perfeitamente sã e completamente curada.

Enoque conversava com Deus. Quero viver conversando constantemente com Deus. Estou muito grato a Deus, que desde a minha mocidade, me dá apetite pela Bíblia. A Bíblia é alimento para a minha alma. Edifica o nosso caráter em Deus. Ao recebermos ardentemente a Palavra de Deus, estamos transformados pelo Espírito de glória em glória. É por êsse Livro que vem a fé, pois a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus.

Creio que a causa de todos os nossos fracassos seja uma compreensão imperfeita da Palavra de Deus. É impossível agradar a Deus a não ser pela fé, e tudo que não é de fé é pecado. Perguntais: "Como podemos adquirir essa fé?" Encontrareis o segrêdo em Hebreus 12:2. "Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus." Êle é o Autor da fé. O' o poder de nosso Cristo, que criou o universo e o sustém pela fôrça de Seu poder! Aquêle que fêz êste vasto universo, nos fará uma nova criação. Falou e apareceram as estrêlas; não pode Êle falar a palavra para produzir uma grande fé em nós? Ah, Êsse que é o Autor e Consumador de nossa fé, nos vem habitar, e vivificar pelo Seu Espírito e nos moldar segundo Sua vontade. E Aquêle, que começou em nós a boa obra, a completará e a aperfeiçoará, pois Êste é tanto o Consumador como o Autor de nossa fé.

"A Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração." Hebreus 4:12. Grande é a maneira da Palavra de Deus separar a alma do espírito — a alma sobrecarregada de carnalidade, de ambição, de impiedade! Graças a Deus, o Senhor pode separar de nós tudo que é terreno e sensual e nos fazer um povo espiritual. Pode mortificar todo o nosso interêsse e encher o vácuo com a vida de Jesus.

A Palavra viva traspassa até a medula. Quando eu estava na Austrália, muitas pessoas, com dupla curvatura da espinha dorsal, aproximaram-se de mim: mas a Palavra do Senhor penetrou mesmo até a medula da espinha dorsal e foram no mesmo instante curadas e voltaram ao estado normal, ao impor-lhes as mãos, no nome de Jesus. O divino Filho de Deus, a Palavra viva, pelo Seu poder, ope-

rou nas curvaturas da coluna vertebral dessas pessoas e as endireitou. Louvado seja Deus, pelo grande poder da Palavra!

Deus está aqui para nos transportar de nós mesmos para dentro de Si mesmo, para nos levar do estado comum para o extraordinário; para nos conduzir do humano para o divino; para nos transformar à imagem de Seu Filho. Quão grande Salvador! Está escrito: "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, se Êle se manifestar, seremos semelhantes a Êle, porque havemos de vê-Lo como Êle é." I João 3:2. Mas agora mesmo, o Senhor quer transformar-nos de glória em glória, pelo Espírito do Deus vivo. Tende fé em Deus, tende fé no Filho, tende fé no Espírito Santo; e o Deus triuno operará em vós, levando-vos a querer e a fazer todo o beneplácito de Sua vontade.

Capítulo XVII

O SEGRÊDO DE AVIVAMENTO *

No maravilhoso derramamento em Wellington, Nova Zelândia, duas mil pessoas foram salvas, um grande número curadas, e oitocentos receberam o batismo no Espírito. Depois disso o irmão Wigglesworth repousou alguns dias. Quando caminhavam à beira mar, o irmão Roberts lhe perguntou: "Qual é o segrêdo de seu bom êxito?" Wigglesworth respondeu-lhe balbuciando, enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces: "A minha espôsa era tudo no mundo para mim; mas faz onze anos que morreu. Depois do entêrro, fui de novo ao túmulo e deitei-me sôbre a cova. Queria morrer ali. Mas Deus me falou, e ordenou que eu me levantasse e saísse. Eu Lhe disse que se me desse porção dobrada do Espírito, a porção da minha espôsa e a minha própria, eu iria pregar o Evangelho. Deus foi muito misericordioso e concedeu-me o pedido. Mas viajo no alto mar desta vida sòzinho. Sinto-me tão solitário que, muitas vêzes, não posso fazer nada a não ser chorar e chorar." O irmão Roberts acrescentou: "Aqui, de fato, encontra-se um grande

---

* A obra em inglês encerra-se com o Capítulo XVI. O presente capítulo é transcrito do Pentecostal Evangel.

segrêdo: "Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado, a um coração quebrantado e contrito, não desprezarás, ó Deus."

O irmão Roberts escreveu ainda: "Continuamos a caminhar, e acrescentei: "Há para nós grande tentação sentir inveja do irmão, por causa do seu grande êxito." Êle replicou: "Ao contrário, eu é que me sinto tentado a invejar-te. Foram-me dadas três visões — apenas três. As primeiras duas já se cumpriram mas a terceira não teve ainda cumprimento. Sem dúvida passarei para a minha recompensa, mas tu és ainda jovem e, sem dúvida, ficarás aqui para experimentar o que eu vi em visão." Então êle exclamou: "Oh, era estupendo! estupendo!" Perguntei-lhe, então: "Que era estupendo?" — "Oh, não posso revelar os segredos de Deus, mas vais lembrar-te do que digo. O avivamento, pelo qual passamos, não é nada em comparação com o que Deus vai fazer ainda." O que êle dizia era profético e enunciado com muito poder. Era claro que lhe fôra concedida uma visão especial de um derramamento do Espírito, ainda futuro, uma efusão sem precedente no tempo imediatamente antes da vinda do Senhor para arrebatar a Igreja.

Isso faz-nos lembrar das palavras do grande estadista e missionário, Robert H. Glover, pouco antes de êle passar a estar com Cristo: "É provável que estejamos nas vésperas do maior avivamento na história do mundo. Pode ser o mais curto. Pode ser o último."

Irmão Wigglesworth estava sempre em oração. Lembramo-nos de um período que passamos com êle, há quarenta anos, quando chegou uma carta informando-o de uma doença horrenda de um amigo íntimo. Havíamos planejado uma viagem longa a pé. Mas antes telegrafou ao amigo, nestes têrmos: "Estaremos orando por ti, hoje, às vinte

horas." Depois de passar o telegrama, êle me disse: "Agora, já telegrafei; sei que todo o inferno vai esforçar-se para evitar esta cura." Muitas vêzes, durante o dia, levantou seu coração a Deus e lembrou-Lhe a fidelidade das Suas promessas no sentido de curar os doentes. Voltamos para casa, cêrca das seis horas, e, apesar de êle ter caminhado quase trinta quilômetros, não comeu, mas ajoelhou-se para orar. Essa noite estava marcada uma reunião de oração em sua casa, às oito horas; ao chegarem os santos, pediu que orassem juntamente com êle. Sua oração era simples, como a de Elias no Carmelo (I Reis 18:36, 37), contudo, era oração de fé. Trinta e seis horas depois chegou uma carta do doente. Na mesma hora em que oraram pelo enfêrmo, o poder de Deus caíra naquela casa, cento e cinqüenta quilômetros distante do lugar onde o irmão Wigglesworth orava, e o doente foi curado imediata e perfeitamente.

O irmão Roberts escreveu que, certa vez, onze fiéis irmãos reuniram-se para orar por Nova Zelândia. Cada um dêles orou. Depois Wigglesworth começou a orar e, enquanto êle continuava, todos os onze, um por um, saíram da sala. Achavam impossível permanecer em um ambiente tão carregado de poder de Deus. O irmão Roberts, não pôde assistir essa reunião, mas determinou que, se tivesse a oportunidade de assistir tal reunião, ficaria, custasse o que custasse. Então foi anunciada uma reunião para orar por outras cidades da Nova Zelândia, ainda não visitadas. Após vários irmãos orarem, o irmão Wigglesworth começou a orar, e, de novo, o êxodo começou! Por fim, Roberts era o único que ainda estava na sala com o irmão Wigglesworth. Resolvido firmemente a não ceder um centímetro, Roberts resistiu até que, por fim, foi obrigado a retirar-se também. Com as comportas da sua alma derramando torrentes de lágrima

e tomado de soluços, foi obrigado a sair ou então parecia-lhe que ia morrer. E acrescentou: "Êsse homem, que conhecia a Deus como poucos O conhecem, permanecia sòzinho, mergulhado num ambiente em que poucas pessoas podem ficar com fôlego."

Em certa reunião pública, o irmão Wigglesworth contou a história de certa moça ressuscitada da morte. Na narração, que parece um capítulo da Bíblia, relatou como foi convidado a orar por uma tuberculosa, moribunda. Disse aos pais da moça que podiam dormir e descansar, enquanto êle orava por ela. Durante a noite a moça morreu. Então apareceu Satanás, ao pé da cama, e, sorridente, disse: "Agora ela está para sempre nas minhas mãos. O irmão Wigglesworth, disse ainda ao auditório: "Parecia-me que eu estava no inferno e que tudo no quarto se convertera em metal."

Neste ponto, a assistência em Wellington, presenciava a coisa mais pavorosa e espectral jamais vista por tão grande auditório: Tudo no recinto parecia converter-se em metal. O que o pregador experimentara naquêle quarto, onde a morte entrara, transferiu-se para a reunião, pelo poder do Espírito. A assistência grande sentiu-se como que levada às portas do próprio inferno. As luzes, as cadeiras, as paredes, o povo, o órgão, tudo, pareciam feitos de metal maciço. Isto durou até que êle contou como a sua fé se desvanecera, com a presença do próprio Satanás, como clamou a Deus, rogando pelo sangue, e enquanto clamava a fé em Deus encheu a sua alma. Relatou como continuava a orar até ganhar a vitória em nome do Salvador. Narrou como viu dois raios de luz que bateram no rosto da morta. Olhou para cima e viu que os dois raios procediam do rosto sorridente de seu Senhor. A côr voltou ao rosto da moça e ela se levantou, ressuscitada pelo grande poder de Deus.

Foi então, enquanto o irmão Wigglesworth completou a história que a aparência de metal desapareceu, e todo o recinto parecia encher-se com o suave calor da luz do sol e do amor. E ouviu-se distintamente um suspiro de alívio da parte do auditório."

"Nessa noite, quinhentas almas aceitaram seu Salvador e muitas delas permanecem firmes até hoje."

Qual foi o segrêdo dêsse derramamento? Roberts assim nos informa: Seu pai, que passou trinta e três anos em evangelização agressiva, a maior parte ao ar livre, anelava por um avivamento em Nova Zelândia, mesmo antes de saber que o irmão Wigglesworth tinha ido lá. "Sabendo que só podia haver avivamento por meio de oração, fundou círculos de oração em vários subúrbios de Wellington, nove dos quais continuaram até o tempo do avivamento, vinte e seis anos depois. Certo crente que assistiu a essas reuniões de oração, sem falhar, testificou que a chegada do pregador, foi mesmo resposta de Deus à importunação em oração. Essa visita deu-se em 1922, à sua própria custa, e sem promessa de alguém o acolher; era um estrangeiro em terra estranha. Não havia igrejas para sustentá-lo; nenhuma sociedade para financiar as suas campanhas. Mas êle descansava no Braço Todo Poderoso, porque Deus estava com êle."

Três obreiros do lugar encheram-se de coragem e alugaram o maior prédio da cidade para realizar os cultos. Na primeira noite assistiram oitocentas pessoas; na segunda noite, mil e seiscentas; e na terceira noite, e em tôdas as noites depois, o prédio, cuja capacidade era de três mil e quinhentas pessoas, estava cheio e muitas não podiam entrar. O irmão Wigglesworth pregava a Palavra e o Senhor a confirmava com os sinais que a acompa-

nhavam. O maior diário de Wellington enviou um repórter, o qual teve de admitir que havia milagres, e foi publicado um artigo especial, junto com os atestados, de muitos que foram curados. O irmão Wigglesworth não conhecia homelética, mas lia a Palavra de Deus, de dia e de noite, confiava nela e pregava-a. Êle orava. Enquanto orava, o Espírito Santo descia com poder.

Recebe-se poder orando sòzinho, mas recebe-se mais orando juntos. Panditi Ramabai na Índia, ao ouvir falar do grande avivamento na Austrália, no tempo de R. A. Torrey, enviou Minnie Abrams à Austrália para saber do segrêdo do avivamento. Minnie Abrams voltou e explicou que havia centenas de cultos de oração, diàriamente, nos lares onde dezenas de pessoas oravam constantemente, por avivamento. Ramambai então disse: "Vamos entregar-nos à oração, da mesma maneira." E em resposta as suas orações, Deus enviou um avivamento maravilhoso à obra de Ramambai, em Mukti, o qual se espalhou a todos os distritos em redor. Ao mesmo tempo Paulo Bettex, da China, começou a publicar um pedido de milhares de cultos de oração nos sábados à noite, em todo o mundo — cultos de oração em que os crentes se mostrassem bastante sinceros para passar a noite inteira agonizando em oração, pedindo avivamento.

O leitor quer um avivamento? Êle pode vir em resposta à oração unida. Está pronto a fazer sua parte?

Smith Wigglesworth não escrevia diários da sua vida; o que se publica atualmente a seu respeito são apenas recordações de amigos, das maravilhosas obras que o Senhor operou por intermédio de Seu fiel e humilde servo.

Acrescentamos ao livro, como aparece em inglês, o capítulo: "O Segredo de Avivamento", o qual foi escrito pelo mesmo autor, Stanley Howard Frodsham, e foi transcrito do Pentecostal Evangel.

O. B.

ÍNDICE

Um Homem de Invencível Compaixão 3
"A Quem Honra, Honra" 7
"Primeiro a Erva" 9
"Uma Ajudadora Que Lhe Seja Idônea" 19
"Depois a Espiga" 29
"Revestidos de Poder do Alto" 43
Depois do Batismo 51
O Ministério de Curas 65
Em Trabalhos Muito Mais 85
Milagres na Austrália e Nova Zelândia 95
Visitas à Suíça e à Suécia 109
O Segredo de Sua Virtude Espiritual 121
O Desafiador 129
Livre de Avareza 141
O Grande Combate da Fé 147
Vida de Gozo 155
O Grão Cheio na Espiga 163
Ele Ainda Fala 167
O Segredo de Avivamento 173